

— PRÉFACIO —
LUCIANO SUBIRÁ

ARREPENDIMENTO
profundo
& eficaz

HERNANE SANTOS

ARREPENDIMENTO PROFUNDO E EFICAZ

HERNANE SANTOS

Primeira Edição: 2017

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fonográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, do autor.

Revisão:

Luana Ogleari
Conceição Milagres

Capa:

Pedro Lobo (MV9)

Autor: Hernane Santos

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, o nome sobre todo nome, digno de ser adorado.

À minha linda e diligente esposa, Elizandra Santos, que sempre está fielmente ao meu lado, em todos os momentos, com seu caráter irretocável (Amo você, meu amor).

Aos meus filhos, Gianlucca Santos e Isabel a Santos (como eles me inspiram. Eles são os presentes de Deus para mim). Amo-os muito.

Aos meus pastores, Luciano e Kel y Subirá, que têm, com amor e carinho, cuidado de mim e da minha esposa (obrigado pelo carinho e zelo de vocês).

À minha amada igreja (Comunidade Preciosa Graça), pastores, líderes e membros, no Brasil, Europa e África. Vocês são parte do meu foco. Fui chamado para cuidar de vocês e levá-los para o céu.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Geração sem pecados?

Consciência, o alarme da alma

Pecado

A tragédia da graça moderna

Lidando com as tentações

Pecados da mente

Arrependimento: a primeira pregação do evangelho

Arrependimento: a necessidade universal

O declínio da pregação moderna

Seis mentiras da Igreja moderna

Acertando o pecado em cheio

Misericórdia e graça

PREFÁCIO

Conheci o Hernane Santos há vários anos. Já ouvia falar dele tanto em Curitiba (onde ambos moramos) como em minhas viagens pelo Brasil. Ouvia muitos testemunhos de como Deus o usava como um evangelista, mas o que me fez aproximar do pastor Hernane foi ouvir suas declarações e mensagens sobre arrependimento.

Primeiramente, porque se fala muito pouco sobre isso hoje em dia. Mas também porque o vi pregando sobre arrependimento e falando de si mesmo e de seus próprios pecados, o que, entre os poucos que pregam o assunto, não é algo tão comum.

Essa mensagem é da mais alta importância.

O arrependimento é um dos rudimentos da doutrina de Cristo (Hb 6.1,2). O primeiro na lista, diga-se de passagem.

Foi a mensagem que Jesus pregou: “*arrependei-vos e crede no Evangelho*” (Mc 1.15). Na verdade, essa também foi a mensagem de João, o Batista, que antecedeu a Cristo (Mc 1.4). E também foi a mensagem que o Senhor Jesus ordenou aos seus apóstolos pregarem: “*e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados*” (Lc 24.47).

Vale destacar ainda, que a mensagem do arrependimento não era apenas no ato do evangelismo. As igrejas da Ásia foram advertidas por Jesus, no livro do Apocalipse, a se arrependerem. Logo, o arrependimento é importante não apenas quando inicialmente recebemos a Palavra de Deus, mas ao longo de toda a caminhada cristã.

Neste livro, você encontrará uma rica exposição sobre o tema e assuntos relacionados. Não é apenas mais um livro que *pode* ser lido. Eu o classifico

entre os que *devem* ser lidos. Na verdade, mais que lido, é um material a ser estudado. Certamente, você será confrontado, instruído, encorajado e desafiado por meio deste ensino.

Boa leitura!

Luciano Subirá

INTRODUÇÃO

No verão de 2009, tive uma das experiências mais tristes da minha vida. Experiência essa que mudou completa e radicalmente o meu ministério. Naquela época, eu estava em uma espécie de decadência ministerial. Mas começarei do início.

Casei-me aos 20 anos, tive filho aos 22 e, com 25 anos eu já estava em quatro emissoras de TV em rede nacional, com um programa de uma hora. Viajei para dezenas de países, ganhei milhares e milhares de almas para Cristo, preguei em todos os estados do Brasil e nas maiores igrejas, ginásios, estádios, nas ruas e praças. Realmente, eu estava vivendo tudo o que uma pessoa almeja viver num ministério.

Porém, como já mencionei, em 2009, algo me chocou profundamente.

Em uma madrugada, por volta de quatro horas, desci para pegar um copo d'água e, quando retornava, deparei-me com uma criança de, aproximadamente, 4, 5 anos, assentada na sala da minha casa. Essa criança subiu a escada e eu atrás. Ao chegar no quarto, olhou para minha esposa e depois para meu filho, que estava deitado em um colchão – por conta do medo que ele tinha da chuva – e disse: “Se a volta de Jesus fosse hoje, eles iriam e você ficaria”.

Duras palavras para um pregador do evangelho.

Entrei em crise. Ao perguntar a essa criança estranha o porquê de eu não poder subir com o Senhor em sua vinda, ela começou a dizer: “Você cobra para pregar, comercializa o ministério. Você não ora mais, tem vícios com pornografia. Você é um obreiro digno de reprovação”.

Depois disso, ela foi embora.

Agora, eu estava em crise, chorava aos gritos, minha esposa me consolava, mas eu não conseguia falar.

Foi um momento conturbado para mim, no ministério. Eu não conheci o mundo no mundo, conheci o mundo na igreja. Não tive um bom referencial de pai ou de mãe, e foram poucos os pastores bons em referenciais de moral, cristianismo ou unção. Na realidade, no período em que eu era obreiro e estava aprendendo, nunca tive um referencial de oração, jejum, que ensinasse a importância da oração, da prática do jejum, que me ensinasse, com atitudes, a importância de ser um pregador bíblico, firmado na Palavra de Deus, santo e consagrado. Tive até referenciais sérios, homens de família, porém nunca de oração ou bíblicos. Mais tarde, até conheci homens de oração, de caráter, de terem tempo de oração e ensinarem isso, porém, eu já estava envolvido no sistema do erro, e não conseguia mais seguir esses homens.

Comecei muito cedo, e o que vou falar agora pode chocar os leitores no início deste livro, porém, é verdade.

Eu viajei e viajo por toda a nação brasileira, preguei e prego para multidões. Em todas as nossas cruzadas evangelísticas havia um cantor famoso comigo. Hospedava-me nos melhores hotéis e cobrava em torno de 5 mil a 8 mil reais por dia para pregar, uma prática que hoje acho lastimável, absurda e repugnante.

Durante 5 anos do meu ministério internacional evangelístico, na TV, no Rádio, orando pelos enfermos e ganhando multidões de almas, vi coisas, ouvi coisas, presenciei outras absurdas no evangelho. Prostituição, drogas e muita, mas muita maledicência. Isso mesmo. Nesse meio mercantilista, todo mundo odeia todo mundo. É comum ter um grupo pequeno fechado daqui, outro dali, com pessoas que se gostam, porém, é cobra engolindo cobra. É um falando mal do outro. Nunca me envolvi com a maioria deles, mas isso estava me deixando fadado e cansado do ministério. Chegava em casa e chorava, dizendo que não aguentava mais, clamava a Deus por socorro.

Porém, aos poucos, fui me vendo envolvido. Tinha apenas 24 anos de idade, e fui me deixando levar pelo sistema, o qual permanece até hoje no meio evangélico.

Devido às muitas viagens, não orava mais e, como diz Leonard Ravenhill: “*O crente que ora deixa de pecar, o crente que peca deixa de orar*”.

Essa é uma máxima, porém, uma máxima verdadeira e, realmente, acredito nisso. O ministério passou a ser, literalmente, uma profissão. Eu precisava mensalmente de 200 mil reais para manter toda a estrutura ministerial que me cercava.

Ainda esses dias, um pregador foi convidado para pregar na igreja, na qual sou Pastor (claro, fui eu quem o convidou), e, sem nenhum pudor, ele me disse, que precisava de “x” valor porque precisava de 30 mil por mês para sustentar a sua casa. Pobre desse pregador. Ele nem imagina para qual caminho está seguindo. Esse era o rumo que eu tomava. E as desculpas para se cobrar no ministério são as mesmas: a maldita da estrutura. Porém, pergunto-lhe: Deus o mandou montar uma grande estrutura ou Deus quer apenas que você aceite os convites e vá lá e pregue? Obviamente, a arrogância toma conta do coração de pregadores assim.

Sempre fui honesto e com um coração sincero, mas muitas vezes, subi para pregar completamente seco, vazio, e isso me deixava em crise. Porém, mesmo vazio e semanas sem orar, os milagres aconteciam, e pessoas eram salvas. Mas isso era o que mais me chocava. Eu queria correção, mas os milagres não paravam de acontecer, e as multidões não paravam de chegar, mesmo eu estando longe de Deus, fato que, hoje, entendo muito bem o por que.

Depois da visita daquele anjo em forma de criança, em minha casa, as coisas tinham de mudar, e mudaram. Comecei a tomar medidas sérias, comecei a tomar decisões, e a primeira delas foi entender completamente sobre o arrependimento. Tive uma revelação do arrependimento bíblico, e agora eu passava dias e noites em prantos, completamente em crise.

Entendo que Deus só pode usar um homem grandemente quando quebrantá-lo grandemente. E era isso que agora estava acontecendo comigo. Eu chorava, estava aos cacos. Todos os meus atos pecaminosos e desvios de caráter estavam sendo colocados diante de mim por um Deus santo.

Qualquer situação pecaminosa, por menor que pareça, torna-se um ato abismal e horrendo, diante da presença de um Deus completamente santo e justo. O bege no escuro vira branco. Qualquer um, de roupa clara no escuro, irá parecer que está de branco. Todos acham que estão bem com Deus, mas quando se aproximam de Deus e têm uma revelação da majestade do Senhor e de sua santidade, vão perceber que aquilo que antes parecia estar bom, que parecia branco, vai mostrar-se um bege muito encardido, e que dificilmente se limpará de novo.

Era assim que eu estava. Ganhava almas e curava os enfermos em nome de Jesus. Então, eu devia estar bem com Deus, certo? Errado, errado mesmo. Deus quer você, não o seu dom. Milagres nunca foram um aval de Deus na vida de ninguém. João Batista nunca operou um milagre, e mesmo assim Jesus disse que nascido de mulher ele foi o maior.

É um equívoco perigoso pensar que reunir multidões, curar, ser carismático e as pessoas corresponderem aos nossos apelos, gritos e atos histéricos nos cultos é sinal que a vida do pregador vai bem com Deus. Notem que, em Mateus 25.31, está escrito: “Senhor, curei no teu nome, profetizei no teu nome”. Aí não diz: “Tentei curar, ou tentei profetizar”. Essas pessoas, que são malditas e que o texto diz que irão para o inferno, preparadas para o diabo e seus anjos, curaram e profetizaram, realmente fizeram isso. Terrível, não é?

Passados dois anos, em 2012, eu estava pregando em São Luiz-MA e, hospedado em um hotel, estava tendo meu tempo de oração com Deus, quando um anjo me apareceu.

Mas deixe-me explicar algo primeiro. Depois que o anjo apareceu na minha casa, em 2009, nunca mais ouvi nada de Deus, mas mudei

completamente. Mudei as mensagens, mudei o meio de conduzir o ministério. Já não cobrava mais para pregar e desfiz completamente a estrutura. Passei a viver como um ministro do evangelho deve viver: da fé. Pois não me diga que você vive da fé se cobra para pregar.

A partir do confronto do Senhor comigo, tudo foi mudado, e passei a me dedicar à prática da oração, estudo da Palavra e à minha intimidade com o Senhor. Mesmo assim, o Senhor estava em silêncio. Então, dia 24/09/12, pela manhã, meu aniversário, naquele hotel em São Luiz-MA, eu estava em um tempo de oração e, de repente, alguém bate na porta do quarto (odeio quando estou orando e sou interrompido, mas me levantei e fui até lá). Quando abri, o moço que estava à porta entrou sem pedir licença, e se assentou na cama. Tomei um susto! Nunca vi aquele moço! Ele entrou calado e se assentou na cama. Fui em sua direção para pedir que se levantasse e se retirasse do quarto, mas quando cheguei perto, fui tomado de uma constrição. Era o Senhor que estava ali comigo! Eu caí aos seus pés, não sabia o que falar ou fazer, então apenas chorava, clamava desesperadamente.

O Senhor estava ali comigo, sem dizer uma palavra. Ele assentado e eu, aos seus pés. Por três horas Ele ficou ali sentado na cama, e eu no chão em lágrimas, gemendo. Depois de três horas, Ele interrompeu o silêncio, e disse: “Vim aqui, passar o seu aniversário com você”. Foram as únicas palavras que ouvi de sua boca, não ouvi mais nada. Depois da dor da desaprovação em 2009, experimentei do silêncio do Senhor, Ele havia me dito, naquela ocasião, que tinha me abandonado. Então, durante 2 anos, eu somente chorava. Porém ali, naquele quarto de hotel, Ele mostrou o seu amor, e disse que estava ali por mim. Essa experiência com Deus foi marcante em minha vida.

Muitas vezes, ondeuento essa experiência, muitas pessoas me questionam e dizem: “Pastor, por que eu não tenho experiências marcantes com Deus?”

Minha resposta é bem simples: “Você daria joias para uma criança?” Se você der joias às crianças, o que elas farão? Com certeza, irão jogar fora,

engolir, perder. Pois bem, Deus não pode dar tesouros escondidos para pessoas que não são quebrantadas, aprofundadas n'Ele. Revelações sobrenaturais não encontram corações superficiais. Aprofunde em Deus, quebrante-se, e Ele virá. Com toda certeza, Ele virá.

Estou convicto que pregador do evangelho genuíno só irá pregar duas coisas: As que ele procura, ou as que ele já encontrou, o resto é papel.

Como dizia Leonard Ravenhill: “*Uma mensagem gerada na mente só chega na mente, porém uma mensagem gerada no coração alcança o coração*”.

Boa parte de nossos sermões é gerada de expectativas, não de experiências. E, hoje, estamos vivendo uma derrocada. São pregadores mortos, pregando para pessoas mortas.

John Wesley dizia: “*Pregador, coloque seu sermão no fogo, ou coloque fogo no seu sermão*”.

A pregação precisa ter um senso de urgência. Ela precisa ser de uma pessoa prestes a morrer, para um público prestes a morrer. Pregar não é uma coisa para crianças, nem para vadios, nem para profissionais. Pregação é coisa para homens de Deus, para profetas. Precisamos de pregadores para pecadores, e de profetas para pregadores. Vá por mim, o diabo não teme pregadores famosos, o diabo teme homens santos, homens de oração.

A partir do meu encontro com Deus, passei a ser pregador de uma mensagem apenas, a mensagem do arrependimento.

Existe sim, um conceito errôneo na igreja moderna acerca do arrependimento. Estou convicto de que boa parte da igreja não entende nada do conceito ‘perdão de pecados’. E, por isso, surgem hipotéticas linhas de pensamentos acerca do pecador e de seus atos.

É notório e muito comum em nossos dias, que realmente existam pessoas que pensam que são perdoadas apenas pelo fato de pedir perdão dos seus pecados. Mas ao longo deste livro, analisaremos que esta maneira errada de entender a Bíblia e o amor de Deus e sua graça, é um câncer na igreja moderna.

É importantíssimo perceber que não há esperança para o coração que não se arrependeu. Então, diante disso, iremos concluir que o arrependimento é a principal doutrina da Bíblia precedente à salvação, é a principal pregação precedente ao evangelho e foi a primeira pregação do evangelho. E por quê?

Observe comigo um fato: se um pecador precisa se arrepender para ser salvo e isso vem antes de ser salvo, obviamente, a doutrina principal bíblica é a que faz o pecador entender e entrar no evangelho que é o próprio Cristo. Sendo assim, a principal doutrina é aquela que dá acesso a qualquer pecador, em qualquer lugar, para que ele entenda a sua real situação de acusação, de inimizade e de depravação contra um Deus Santo e Justo.

Portanto, ensinaremos a você, em todas essas páginas, essa doutrina esquecida e, se não esquecida, mal pregada, mal interpretada e mal ensinada.

Chore, clame, proponha, entenda.

Este livro o levará às lágrimas. Não se assuste com a profunda agonia, o quebrantamento que você sentirá passando por estas páginas. Seu coração será dilacerado, partido constantemente. O peso da santidade de Deus virá sobre as suas costas. Você perceberá que é mais pecador do que imagina e que precisa desesperadamente da misericórdia de Deus.

Ao entender tudo isso, você perceberá a Cruz, o evangelho e entenderá Jesus.

Não pare na metade, não pare na doutrina! Deixe a sua cabeça ferver, para depois o coração quebrantar.

Capítulo Um

GERAÇÃO SEM PECADOS?

Esta geração moderna está cheia de pecados, em total depravação, perversão e decadência, da moral, dos bons costumes, e agindo com total descaso com as leis morais de Deus. Isso é notório, a tal ponto que devemos perguntar: aonde foi parar o pecado?

Notem que a palavra pecado perdeu força no mundo há muito tempo, e vem perdendo força dentro da igreja do Senhor Jesus. Porém, essa causa nunca perdeu a relevância por Jesus, pelos apóstolos, pelos profetas e, no demais, pelas Sagradas Escrituras. A verdade é uma só: nossa cultura declarou guerra contra a culpa. Seu conceito é considerado medieval, obsoleto e improdutivo. É fato que essa geração encoraja o pecado, mas não tolera a culpa produzida por ele.

Como iremos retirar a culpa de nossa sociedade?

A resposta é mais simples que a pergunta: Só retiraremos a culpa da sociedade, se retirarmos o pecado.

A culpa é para a alma o que a dor é para o corpo. Assim como a dor, a culpa é um mal necessário. Sem dor, você se queimaria sem saber, se cortaria sem saber, sangraria sem saber. Sem a culpa você peca e sem haver o desejo de mudanças. Se banirmos a culpa, com a ideia de jamais

confrontar, iremos fazer o pecador sempre se sentir bem, mesmo estando no ato de pecado.

A linha é tênue. Sem culpa, não há pecado, sem pecado não há arrependimento, sem arrependimento não há evangelho, sem evangelho não há salvação.

Percebeu a seriedade disso?

De fato é muito sério meu diagnóstico. A culpa não é mais tratada seriamente. O pecado, hoje, é tratado como doença, e não como depravação. Não lidar com a culpa é o mesmo que prender um assassino e seu advogado dizer no tribunal que, antes de tudo, ele deve ser tratado como vítima da sociedade, levado ao crime pelas suas desvantagens econômicas, sociais e por sua ignorância.

Atualmente, no Brasil e nos Estados Unidos, é possível cometer o pior de todos os crimes e se safar; basta alegar um distúrbio emocional. No entanto, os criminosos não são os únicos que usam tais desculpas para se livrarem das consequências de seus erros. Milhões de pessoas, de todas as camadas sociais, estão usando táticas semelhantes para se desculparem por seus erros.

A seriedade de tratar o pecado como doença

Talvez, a maneira mais fácil de escaparmos da culpa é classificarmos cada pecado do ser humano como uma espécie de doença. Alcoólatras e viciados em drogas recebem tratamentos clínicos por causa de sua dependência química. Crianças que afrontam as autoridades podem se livrar de qualquer crime, por simplesmente serem crianças. Hoje, até mesmo um homem que abandona a família e passa a viver uma vida promíscua com prostitutas, deve ser tratado como um doente, pois é viciado em sexo.

Ultimamente, todos os problemas da sociedade podem ser explicados e classificados como doenças ou fobias. O que antigamente denominava-se por pecado, hoje, é somente uma doença. Então, todo tipo de imoralidade, maldade, distúrbios, frutos de um coração depravado e sem Cristo, podem e

devem ser classificados como distúrbios, doenças ou fobias, mas nunca como pecado em si.

O comportamento de um criminoso, todos os tipos de paixões impróprias ou qualquer vício imaginável, são passíveis de desculpas se receberem o rótulo de desequilíbrio, distúrbio ou doença.

Já é um consenso entre o conselho de Psicologia, em receber em seu currículo as novas doenças psicossomáticas. Vai aí uma listinha:

- *Transtorno de conduta*: Trata-se de um padrão persistente de conduta, no qual são violados os direitos básicos dos outros e as principais normas e regras sociais apropriadas para a idade.
- *Transtorno de posição de desafio*: Trata-se do padrão de comportamento negativista, hostil e desafiante.
- *Transtorno de personalidade histrionica*: Trata-se do padrão difuso de emotionalidade excessiva e busca de atenção.
- *Transtorno de personalidade antissocial*: Trata-se do padrão de comportamento irresponsável e antissocial, que começa na infância ou no início da adolescência e continua pela idade adulta.

Analizando esses novos distúrbios, doenças ou fobias, pude perceber que a obra do Espírito Santo transforma tudo isso. E isso tudo que a sociedade moderna chama de distúrbio e doença, a Bíblia ainda chama de pecado, queda e falha de caráter. E o que é mais triste é que isso, hoje em dia, começa em casa. Muitos pais, influenciados por psicólogos e tais diagnósticos, se recusam a dar a disciplina correta aos seus filhos, com a desculpa de que se trata de uma criança doente, ao invés de rebelde e que começa a manifestar um enorme desvio de caráter.

Um escritor disse que a abordagem do comportamento como doença tem oprimido tanto essa sociedade, que tem deixado todos confusos. Por isso estão fazendo novas leis, que inocentam tais falhas, por se tratar de doenças

difusas. Pior que isso é o rápido aumento de pessoas que sofrem tais novas doenças.

A indústria da terapia claramente não está solucionando o problema que as Escrituras chamam de pecado. Em vez disso, simplesmente convence multidões de que estão desesperadamente doentes e, portanto, não têm do que se sentirem culpados, e sequer têm alguma responsabilidade pelos seus comportamentos. Isso lhes dá permissão para entender que são pacientes e não malfeiteiros. Também as encoraja a se submeterem a um tratamento longo e caro, que dura anos a fio, ou melhor, a vida toda. Parece que esses novos desequilíbrios são enfermidades que ninguém espera superar completamente.

O pecado, visto como doença, tem demonstrado ser vantajoso para a multibilionária indústria do aconselhamento e terapia a longo prazo e até mesmo permanente. Em um outro livro sobre o tema, um psicólogo sugere uma estratégia de como um terapeuta comercializa seus serviços:

- 1^a Psicologização permanente da vida.
- 2^a Das dificuldades, fazer problemas e espalhar os alardes.
- 3^a Tornar aceitável ter problemas e não ser capaz de resolvê-los por si só.
- 4^a Oferecer salvação psicológica, e não espiritual.

A terapia médica para o pecado só alimenta o problema específico que a própria propõe em tratar. O propósito é, com isso, aliviar qualquer sentimento de culpa, mas durante o processo leva as pessoas a se sentirem vítimas, sem um pingo de esperança. É de se surpreender que tais diagnósticos tornem-se uma profecia já cumprida de autodestruição moral da sociedade como se vê. Diagnósticos errados implicam que qualquer tratamento prescrito dará errado. Tratar o pecado com meios carnais é o mesmo que tratar um paciente em estado terminal de câncer com aspirina. Isso não fará nenhuma diferença, nem terá efeito algum.

A sociedade terapêutica substitui o pecado pela doença, no lugar da responsabilidade estimula a compreensão, argumenta a favor de uma personalidade dirigida pelos impulsos. A desculpa da doença se tornou quase que uma rotina nos casos públicos de má conduta. Qualquer um pode se livrar de suas responsabilidades e consequências, basta apenas se fazer de vítima.

Portanto, podemos afirmar que o problema do mundo não são as doenças psicossomáticas. Afirmamos, sem sombra de dúvidas, que o problema do interior da humanidade é o pecado, e a cura para o pecado não é fazer terapias, a cura para o pecado é o arrependimento. Fazendo-se de vítima, o pecador ignora ou minimiza a culpa ao comportamento pecaminoso. É muito mais fácil dizer “estou doente” do que “eu pequei”. Nada disso muda o fato perante Deus. O pecado, perante Deus, ainda é pecado. Deus não mudará sua maneira de pensar e tratar o pecado porque o mundo mudou sua maneira de lidar com a culpa e o pecado.

Sociedade de vítimas?

O que temos visto hoje em dia é que as pessoas querem pecar, mas não querem lidar com a culpa. Aqueles que se autodefinem como vítimas, reivindicam seus direitos e evitam suas responsabilidades. A verdade é que a sociedade de vítimas infectou a nossa cultura de tal maneira que até mesmo poderíamos dizer que a vítima se tornou um símbolo ou uma mascote da sociedade. Além do mais, se todo mundo for vítima, ninguém precisa prestar contas dos seus pecados e pagar pelos seus erros. Além do mais, as vítimas têm direitos, os culpados não, as vítimas não podem ficar tristes ou sentirem-se culpadas, e, no final das contas, a vitimização remove completamente a consciência.

Em uma sociedade de vítimas, não há espaço para o conceito de um Deus perdoador e santo.

“Por que me preocupar com a santidade de Deus, se nada fiz? Se sou um doente, um culpado, em suma, o culpado é o próprio Deus que me fez assim.”

Agora, você observa a grande artimanha de Satanás em nossa cultura moderna? Nesse caso, não irei conhecer o amor, o perdão e a misericórdia de Deus, pois se não tenho cometido pecados e, sim, sou vítima de doenças e fobias, não preciso ser perdoado de nada, pois nada fiz; sou vítima, não culpado.

A vitimização do pecador dentro da igreja

É óbvio que a vitimização do pecado e o tratamento do pecado como doença são contraditórios às Sagradas Escrituras, no entanto, o que estamos vendo é essa cultura diabólica invadir a igreja.

Atualmente, quando alguém, em estado de pecado contínuo, procura ajuda na igreja, em muitos casos, é lhe aconselhado a pedir ajuda a especialistas, pois trata-se de alguma fobia, alguma doença. Logo, será motivado a se perdoar, sem sequer sentir dor, esmoer seu pecado. Você não pode ser frio a duas coisas: à glória de Deus e ao seu pecado.

Precisamos sentir dor, precisamos chorar, remoer com muita dor e, inicialmente, sentir culpa, depois, um genuíno arrependimento. Precisamos chorar, ir às lágrimas, rasgar nosso coração, tudo isso por causa dos nossos pecados vigentes. Mas o que vemos, hoje, é que os pecadores não são motivados a se arrependerem.

Certa vez, estava no escritório de um pastor e um jovem entrou chorando, porque havia caído em pecado, no que o pastor apenas disse: “Não chore, peça perdão e descanse”. Eu me levantei na hora e disse ao rapaz que chorasse, e chorasse bastante, e isso seria importante para ele perceber quem Deus é, Sua santidade e Seus juízos.

Vemos isso em boa parte dos livros lançados hoje, canções, pregações, quase tudo tende a afagar a alma do homem. Percebo que a igreja moderna

mudou tão drasticamente suas mensagens, que até os ímpios perceberam. Se não confrontarmos a certeza da salvação das pessoas, corremos o risco de nãovê-las salvas. A igreja moderna sofreu um redirecionamento tão grande que até o mundo vem percebendo.

Um autor disse que o resultado do envolvimento dos cristãos com a psicologia secular foi o abandono de qualquer conceito coerente de pecado e isso, inevitavelmente, nublou a mensagem de arrependimento.

Boa parte dos pastores é avessa aos pregadores de confrontos, às mensagens de confrontos, às mensagens que confrontam o estilo de vida das pessoas. Muitos dizem que esse tipo de mensagem ofende a mente das pessoas, porém, digo que as pessoas passam a vida ofendendo a Deus com seus pecados e não querem ser ofendidas pela verdade. Aí, lembro-me de John Piper, quando diz: “Deus ofende a mente, para alcançar o coração”. Negar a culpa, negar o pecado, é sacrificar a alma em favor do ego.

Nossa cultura declarou guerra contra a culpa. A igreja hoje tolera o pecado, mas não lida com a culpa provocada por ele.

Lendo um livro recentemente, vi que falava de uma manchete de um jornal americano, e o título era: “NÃO É SUA CULPA”. Essa coluna conta que uma mulher escreveu ao colunista para dizer que tinha tentado de todas as maneiras se livrar do hábito de autodestruição. O colunista respondeu: “O primeiro passo que você deve dar é parar de se culpar. Você não é culpada pelo seu comportamento compulsivo. Recuse-se a aceitar a culpa e, acima de tudo, não se culpe pelo que foge ao seu controle. Acumular culpa apenas lhe acrescenta estresse, baixa autoestima, preocupação, depressão, sentimento de inadequação e dependência dos outros... Deixe seus sentimentos de culpa”.

Agora, você observa a seriedade dessas afirmações? Em outras palavras, “você não deveria permitir a si mesmo se sentir mal”. Esse tipo de pensamento tirou do discurso público palavras como “arrependimento”, “pecado”, “contrição”, “exiação”, “restauração” e “redenção”. Se ninguém

deve se sentir culpado, como alguém poderia ser pecador? A própria igreja assume que as pessoas são coitadas, vítimas, pobres, sofredoras. Então, encontramos propagandas como: “Você, que está sofrendo, venha”, ao passo que deveriam dizer: “Você, que está em pecado, sentindo-se culpado e sobre carregado, venha”.

Qualquer um pode se esquivar da responsabilidade de seu erro, basta se colocar na posição de vítima.

O que aconteceu com o pecado?

O primeiro passo para qualquer remédio contra a imoralidade, perversão e depravação é uma avaliação honesta de si mesmo e de seu próprio pecado e a total aceitação pelas suas falhas morais. Porém, o que temos visto, hoje em dia, é que a maioria dos conselhos na igreja, quando encontramos pessoas em um alto nível de culpa, vai na direção completamente oposta à de fazer a pessoa enfrentar as consequências de seus atos.

De acordo com a ótica bíblica, esses tipos de conselhos podem ser destrutivos espiritualmente. Ele falha ao indicar o verdadeiro problema da pecaminosidade humana. Esse tipo de pensamento alimenta as piores tendências da natureza humana. Rejeitar nossa culpabilidade pessoal nunca nos libertará do sentimento de culpa. Pelo contrário, aquele que recusa reconhecer sua pecaminosidade, opta por servir sua própria culpa.

A palavra do Senhor é clara em Provérbios 28.13: “*O que encobre suas transgressões jamais prosperará; mas o que confessa e deixa encontra misericórdia*”.

Ainda esses dias, disse a um discípulo, que é jogador de futebol na Europa: “Se um ímpio pecar, a vida dele segue, até que, por acaso, a sua sorte dê errado, porém, o filho de Deus, se viver em pecado, dará tudo errado. O ímpio vive do acaso, o discípulo de Cristo vive de Cristo”.

Quando não há reconhecimento de pecado e de culpa, e quando a consciência se silencia, não há possibilidade da existência da salvação, de

santificação e, portanto, não há uma verdadeira emancipação do poder implacável do pecado.

Capítulo Dois

CONSCIÊNCIA, O ALARME DA ALMA

Uma consciência sensível funciona como um monitor de Deus. Ela nos alerta acerca da qualidade moral do que fazemos ou planejamos fazer, proíbe ilegalidades e irresponsabilidades e nos faz sentir culpa, vergonha e medo das punições futuras que ela nos diz que merecemos quando nos autorizamos a desafiar seus limites. A grande estratégia de Satanás é corromper, cauterizar e, se possível, matar nossa consciência. O relativismo, o materialismo, o narcisismo, o secularismo e o hedonismo do mundo contemporâneo ocidental o ajudam a alcançar esse objetivo.

O que é a consciência?

As Sagradas Escrituras nos revelam vários tipos de consciência e o papel de cada uma delas. Vamos ver e aprender.

Paulo diz em 2 Coríntios 1.12: “*Porque a nossa glória é esta, o testemunho de nossa consciência, que com santidade, e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas na graça divina, temos vivido no mundo, e mais especialmente para convosco*”.

E por que Paulo diz isso? Porque ele está enfrentando acusações de desonestidade dos irmãos de Corinto, pois, por várias vezes ele prometeu

voltar lá com eles, mas não conseguiu. E agora, ele escreve os motivos, porque ainda não conseguiu ir a Corinto, e mesmo assim eles não acreditam nele. Então ele diz: “*Dou testemunho de minha própria consciência*”.

Por doze vezes no Novo Testamento, vemos uma menção positiva acerca da consciência. Para Paulo e os escritores do Novo Testamento, era muito importante que eles tivessem uma consciência limpa.

Vamos ver alguns versos do Novo testamento: Em Atos 23.1, Paulo diz: “*irmão, eu tenho vivido a minha vida perante Deus, em toda boa consciência até esse dia*”.

Em Romanos 9.1: “*Estou falando a verdade em Cristo, e não estou mentindo, a minha consciência dá testemunho no Espírito Santo*”.

Em 2 Timóteo, 1.3 Paulo diz: “*Eu agradeço a Deus a quem eu sirvo, como fizeram os meus ancestrais, com uma consciência limpa*”.

Em Hebreus 13.18, o escritor diz assim: “*Ore por nós, para que nós tenhamos uma consciência limpa*”.

Como definimos consciência?

Em minha humilde definição, entendo que a consciência não é o júri final do cristão, mas é uma importante testemunha para trazer ao tribunal quando você é acusado.

A consciência é a faculdade dentro do ser humano que avalia o que é bom e o que é mau em nós. É o que a palavra consciência significa tanto em grego quanto no latim.

A palavra consciência, no grego, é “*Suneidesis*”, que quer dizer “conhecer com”. No latim, a palavra é “*Conscienci*”, que quer dizer “saber com”. No hebraico, a palavra é “*leb*”, normalmente traduzida por “coração”.

No Antigo Testamento, quando Moisés diz que Faraó endureceu seu coração, em Êxodo 8.15, estava dizendo que Faraó endureceu a consciência. Quando a Bíblia fala de um coração enternecido, em 2 Crônicas 34.27, refere-se a uma consciência sensível. Os de “coração reto” (Salmo 7.10) são

os de “consciência pura”. E quando Davi orou: “*Cria em mim, ó Deus, um coração puro*” (Salmo 51.10), estava procurando ter uma vida e uma consciência purificada.

Então, consciência é o conhecimento que Deus coloca em nós para que nós nos conheçamos, e Deus usa o Espírito Santo para afetar nossa consciência. Os puritanos falavam que “a consciência é o espião de Deus e o superintendente de Deus dentro do homem”.

Paulo, em Romanos 2.14-15, diz: “*Quando pois os gentios que não têm lei, procedem por natureza de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmo, esses mostram as normas da lei gravadas em seu coração, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-se ou defendendo-se*”.

Então, eis aqui como o Espírito Santo faz dentro de nós com nossa consciência:

Primeiro- Acusando. A consciência funcionando como promotor.

Nesse ponto, ela o mantém acordado, lembra você dos seus pecados. Isso é o Espírito Santo “cutucando” sua consciência para lembrá-lo da sua culpa.

Segundo- Defendendo. A consciência funcionando como um advogado de defesa.

Nesse ponto, ela lhe permite enfrentar as acusações do diabo e o ajuda a enfrentar as acusações dos seus inimigos. Ela lhe diz que você está correto, mesmo quando todo mundo diz que você está errado.

Então, sabemos que a consciência pode acusar ou defender. Portanto, por mais importante que seja a consciência, ela também pode falhar. Por isso a Bíblia fala de várias categorias de consciência.

Vamos olhar várias delas:

1ª - Má consciência

O escritor de Hebreus diz, em Hebreus 10.22: “Acheguemo-nos a Deus com um coração sincero e com absoluta certeza de fé, tendo os nossos corações aspergidos para nos purificar de uma consciência má, e os nossos corpos lavados com água”.

Má consciência é ter consciência dos erros, mas mesmo assim não ter força para mudança. A sua consciência não está limpa, porque você lidou com aquilo que sabe que está errado. Ela sabe que está pecando, mas você não quer deixar o pecado, e um dos grandes perigos com uma má consciência é que quanto mais você ignora seu pecado, em maior perigo você está.

2^a - Consciência cauterizada

Sobre esse tipo de consciência, Paulo fala a Timóteo, em 1 Timóteo 4.2: “Pela hipocrisia dos que falam mentiras, têm cauterizada a própria consciência”.

Se você ficar muito tempo sem escutar a sua consciência, ela se tornará uma consciência cauterizada. Você não sentirá mais e não se incomodará mais com seus atos.

Enquanto a má consciência ainda acusa, mas não lhe oferece força, a consciência cauterizada não acusa mais. Quando você deixa de lado a obra do Espírito em sua vida e ignora a sua consciência, você se tornará amortecido, até chegar ao ponto de morrer.

3^a - Consciência corrompida

Paulo fala desse tipo de consciência, em Tito 1.15: “Todas as coisas são puras para os puros, todavia para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente, quanto a consciência deles estão corrompidas”.

“Consciência corrompida” é quando existe tanta bagunça, tanta mistura em sua consciência, que você não consegue mais discernir entre certo e errado, aí você começa a celebrar o que é errado e condenar o que é bom. Por isso, vemos, hoje, pessoas que estão pregando a verdade sendo

condenadas, e pessoas falando mentiras sendo celebradas. É porque essa é uma geração de consciências corrompidas. Há tanta bagunça, tantas misturas, que as pessoas não sabem mais discernir o que é certo e o que é errado.

4^a - Consciência fraca

Agora, é um ponto muito importante que, em 1 Coríntios 8.7-12, Paulo vai nos explicar: “*Entretanto não há esse conhecimento em todos, porque alguns por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas, como a eles sacrificadas, e a consciência destes por ser fraca, vem a contaminar-se. Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos se não comermos, e nada ganharemos se comermos. Vede porém que esta vossa liberdade, não venha de algum modo a ser tropeço para os fracos, porque se alguém te vir à mesa de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzido a participar de comidas sacrificadas a ídolos? E assim por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu, e deste modo, pecando contra os irmãos golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E por isso, se a comida serve de escândalo ao meu irmão, nunca mais comerei carne para que não venha a se escandalizar*”.

“Consciência fraca” é quando nos sentimos culpados de uma coisa que não é indigna. É tornar-se muito meticoloso com coisas que sequer a Bíblia condena. É, mesmo que alguém tente mostrar-lhe, na Bíblia, que tal coisa não é errada, você se sentir culpado na sua mente. Isso, por causa do contexto em que fomos criados. Mesmo que o ato não seja errado, você tem uma consciência que sempre está acusando-o.

Podemos caminhar por toda a nossa vida sentindo-nos culpados de alguma coisa. Parece que sempre estamos fazendo algo errado. Isso é uma consciência fraca.

Portanto, para evitar isso, devemos treinar nossa consciência pela palavra de Deus. O objetivo é ter uma “consciência limpa”.

Veja Atos 24.16: “*Portanto, eu sempre me esforço para ter uma consciência limpa, diante de Deus e dos homens*”.

Em 1 Timóteo 1.5, vemos Paulo dizendo: “*O objetivo do nosso esforço é o amor que sai de um coração puro, uma consciência boa e uma fé sincera*”.

1 Timóteo 3.9 diz assim: “*Diáconos têm que sustentar o mistério da fé com uma consciência limpa*”.

Pedro diz, em 1 Pedro 3.16: “*Devemos ter uma boa consciência mesmo quando somos malditos*”.

Diante desses fatos, concluímos três coisas importantes:

1ª. Você precisa ouvir a sua consciência.

A nossa consciência é o “espião” de Deus dentro de nós.

Ignorar sua consciência é estar em grande perigo. Você precisa ouvir sua consciência.

A Bíblia diz em Hebreus 3.15: “*Quando ouvires a voz do Espírito não endureças seu coração*”.

2ª. Volte-se para Cristo quando sua consciência diz que o que você fez está errado.

A consciência pode tanto nos prevenir de pecar como também nos acusar depois de pecarmos. Deus usará a consciência para nos atrair a Cristo.

1 João 1.9 diz: “*Se confessarmos nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar-nos os pecados e nos purificar de toda injustiça*”.

O escritor de Hebreus fala que, através do sangue de Cristo, nós podemos ser limpos de uma “consciência má”.

A consciência foi feita para ser nossa amiga, porque ela nos leva à cruz. Deus não quer levá-lo ao desespero, Ele quer levar você a Ele.

A pregação tem de mirar a consciência das pessoas. Pregação é uma consciência falando com outra consciência. Não há nada que nos faça refletir mais e voltar à consciência do que a pregação.

Por isso, pregação é pessoal, apaixonada e suplicante. Pregação é uma mente suplicando a outra. É na pregação que o Senhor suplica a sua consciência.

Atualmente, as multidões reagem à sua consciência tentando suprimi-la, anulá-la ou silenciá-la.

3ª. Viver sem se sentir culpado.

Em 1 Coríntios 4.4, Paulo afirma: “*Porque de nada me acusa a consciência, contudo nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor*”.

Paulo está vivendo sua vida cristã com a consciência limpa. Ele está em paz com Deus e tem a paz de Deus. Paulo não está dizendo que não peca. Você percebe isso?

O que está dizendo é que, quando peca, leva isso a Deus, volta-se para Cristo, arrepende-se e abandona. Recebe perdão, e a comunhão é restaurada. Então, vive sem se sentir culpado.

Consciência, ou é o melhor amigo, ou o maior inimigo no mundo.

O que a sua consciência é para você? Para o mundo pós-moderno, a consciência é um defeito que rouba das pessoas sua autoestima. Porém, longe de ser um defeito ou um desequilíbrio, é a habilidade de discernir nossa própria culpa diante de Deus.

Um puritano do século 17, por nome Richard Sibbes, afirmou: “*Consciência é a alma refletida a si mesma*” . Como já aprendemos, consciência é uma habilidade inata de senso de certo ou errado. Todos, até o pagão mais materialista, tem consciência.

A consciência determina nossos julgamentos

A consciência é como um tribunal no conselho do coração humano. A consciência assume o papel de cada integrante do drama no tribunal. É o arquivo que grava com detalhes exatos tudo o que foi feito (Jeremias 17.1). É o acusador que apresenta uma denúncia contra nós, quando somos

culpados, e o defensor ao nosso lado, quando somos inocentes, como já vimos, em Romanos 2.15.

Ela atua como testemunha contra ou a favor como já antes visto (2 Coríntios 1.12). Ela é o juiz que nos condena e nos absolve (1 João 3.20,21). É o executor que nos atinge com tristeza quando nossa culpa é descoberta (1 Samuel 24.5). Muitas coisas podemos fazer escondido dos outros, mas nada, absolutamente nada, podemos fazer escondido de nossa consciência.

Como limpar a consciência?

Um aspecto da salvação é o fato de que ela limpa e renova a consciência, isso através do novo nascimento.

Na salvação, o coração do crente é “*purificado da má consciência*” (Hebreus 10.22). A consciência é purificada por meio do sangue de Cristo (Hebreus 9.14). É claro que isso não significa que o sangue de Cristo, como matéria real, tenha algum poder místico ou mágico como um representante da consciência purificadora. E o que isso significa?

Os conceitos teológicos aqui envolvidos são simples, mas muito profundos. A lei do Antigo Testamento requeria sacrifícios com sangue para a expiação do pecado. Porém, os sacrifícios do Antigo Testamento não puderam fazer nada pela consciência.

Hebreus 9.9-10 diz: “*Tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto, os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas e bebidas, e diversas abluições, impostas até ao tempo oportuno da reforma*”.

Aqueles sacrifícios não tiveram eficácia real na expiação do pecado, “*porque é impossível que o sangue de touros e bodes remova pecados*” (Hebreus 10.4). Eles simplesmente demonstram a fé e a obediência do adorador como presságio da morte de Cristo, que derramou seu sangue como o sacrifício perfeito pelo pecado, de uma vez por todas.

O sacrifício de Cristo satisfez completamente as exigências da justiça divina, assim, o perdão e a misericórdia estão garantidos àqueles que receberam a Cristo com uma fé humilde e contrita.

Portanto, o sacrifício de Cristo na Cruz consumou o que o sangue de bodes e touros e as cinzas duma novilha conseguiam apenas simbolizar: “*Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados*” (1 Pedro 2.24). Nossos pecados lhe foram imputados, nós, os que cremos (Romanos 4.22-24; Filipenses 3.9). Uma vez que, por meio da sua morte, Jesus pagou a culpa dos pecados e que sua justiça sem mácula foi creditada em nossa conta, Deus nos declara inocentes e nos recebe na condição de justos. Essa é a doutrina conhecida como “Justificação”.

Mantendo a consciência pura

Como podemos manter a consciência pura?

1º - Confesse e abandone o pecado. Examine o seu sentimento de culpa à luz das Escrituras.

Abandone o pecado que a palavra de Deus lhe revelar.

Provérbios 28.13 diz: “*O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia*”.

A Primeira Carta de João fala da confissão de pecados como uma característica progressiva na vida do cristão: “*Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça*” (v.9).

Certamente, deveríamos confessar os pecados àqueles a quem ofendemos. Como Davi escreveu: “*Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoastes a iniquidade do meu pecado*” (Salmo 32.5).

2º - Peça perdão e reconcilie-se com aquele que você ofendeu.

Jesus nos instruiu: “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta” (Mateus 5.23-24). “Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai celeste vos perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6.14-15).

3º - Faça a restituição.

Deus disse a Moisés: “*Quando homem ou mulher cometer alguns dos pecados em que caem os homens, ofendendo ao Senhor, tal pessoa é culpada. Confessará o pecado que cometer; e, pela culpa, fará plena restituição e lhe acrescentará a sua quinta parte, e dará tudo àquele contra quem se fez culpado*” (Números 5.6-7). O princípio por trás desta lei está ligado também aos cristãos da época do Novo Testamento (Filemom 19; Lucas 19.8).

4º - Faça rapidamente a limpeza de sua consciência.

Paulo disse que fez o seu melhor: “*Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens*” (Atos 24.16).

Algumas pessoas adiam o tratamento da culpa, pensando que sua consciência se autolimpará com o tempo. Isto não acontecerá.

O adiamento gera depressão, ansiedade e outros problemas emocionais. Após o esquecimento da ofensa, o sentimento de culpa poderá persistir por um longo tempo, frequentemente respingando em outras áreas da nossa vida. Esse é um dos principais motivos das pessoas, com determinada frequência, continuarem sentindo-se culpadas e não saberem o motivo de se sentirem assim. Isso pode ser uma culpa confusa e um sintoma de que alguma coisa está errada tanto espiritualmente como emocionalmente. Na realidade, acreditamos que ambas se misturam muitas vezes, o espiritual e o emocional.

Talvez, seja a isso que Paulo se referiu, quando disse: “*Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas*” (Tito 1.15).

O tratamento imediato de uma consciência ferida, por meio da oração que esquadriinha o coração perante Deus, é a única maneira de mantê-la limpa e sensível. Adiar o tratamento da culpa, inevitavelmente, aumenta os problemas.

5º - Eduque a sua mente.

Como já vimos, há vários tipos de consciência e, no caso da consciência fraca e da consciência ferida, o fato é que o desconhecimento espiritual do ato é o que contribui para a angústia total e culpa (1 Coríntios 8.7).

Se sua consciência se fere com facilidade, não a viole. Fazer isso o levará a ignorar convicções, daí ignorar a verdadeira convicção sobre o verdadeiro pecado. Além disso, violar a consciência é um pecado em si mesmo (1 Coríntios 8.12 e Romanos 14.23). Ao contrário, mergulhe sua consciência na Palavra de Deus, pois assim ela pode começar a funcionar com dados confiáveis. Violar a consciência é um pecado. Consciência que foca somente nos sentimentos não é digna de confiança. Sua consciência tem de estar focada em três pilares. São eles:

1. Reconhecimento de pecado.

Você fez isso? Reconheceu seus atos, sabe que eles são uma afronta à santidade de Deus?

2. Arrependimento profundo.

Você se arrepende de tudo que fez?

3. Abandono de pecado.

Se você reconheceu, se arrependeu e agora abandonou seu pecado, a acusação é maligna, e não vem de Deus, por isso afirmamos: “então,

descanse em Deus". Esse deve ser o foco de sua consciência, não em seus sentimentos.

A importância da doutrina da consciência

Não nos resta dúvidas de que o tratamento da culpa, fazendo morrer a consciência, é um dos maiores equívocos contemporâneos.

A Bíblia nos mostra que a maioria de nós está mais longe da culpa do que nosso coração diz. Paulo escreveu: "*Porque de nada me argui a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor*" (1 Coríntios 4.4).

Melhor que destacar ou silenciar uma consciência culpada, nós que conhecemos a Cristo, é educá-la cuidadosamente com a pura Palavra de Deus, ouvi-la e aprender a atendê-la. Acima de tudo, devemos mantê-la imaculada.

Não podemos permitir que a mensagem que proclamamos seja infectada por noções seculares que minimizam a culpa e buscam apenas o bem-estar pessoal. O evangelho popular da nossa geração, geralmente deixa a impressão de que Jesus é um salvador de problemas, tristezas, solidão, desespero, dor e sofrimento. Com isso, não estou dizendo que sou contra terapias, pelo contrário, pela graça de Deus, sou formado em psicologia pastoral. Minha questão é simples: O pecado não pode ser tratado com terapias, nem o pecado, nem a culpa trazida por ele. O tratamento do pecado passa pela doutrina do arrependimento e, nesse trajeto, o evangelho fala diretamente por meio do Espírito Santo à consciência humana.

Antes, invariavelmente, ele oferece salvação, traz o pecador face a face perante a sua desesperadora tendência pecaminosa. Aqueles que são condicionados a rejeitar a consciência quanto a pequenas questões, certamente não poderão ouvir a mensagem que os condena de pecados tão abomináveis que garantem a condenação eterna. Portanto, o ataque à consciência está endurecendo as pessoas contra a verdade do evangelho.

Muitos cristãos, sentindo esse efeito, perceberam que a mensagem do evangelho precisa se modernizar. Tiraram completamente a ideia do pecado nas mensagens.

Oferecem Cristo como salvador inexpressivo, como um meio de preenchimento pessoal, como uma solução emocional e para o aumento de uma autoimagem, ou como uma resposta às necessidades emocionais apenas.

O evangelho apresentado, hoje em dia, aos descrentes, não apela para a consciência, não menciona o pecado. É, portanto, uma mensagem impotente e espúria. Como pode uma pessoa verdadeiramente arrependida não ter o senso da responsabilidade pessoal para com o pecado?

A tendência contemporânea para desvalorizar a consciência e o senso de culpa, trazendo para o pecador o status de doente, fóbico, traumatizado, vítima ao invés de mero pecador culpado por seus pecados, esse atos, minam completamente o evangelho, e é uma tendência crescente e permanente no evangelho, infelizmente. Por outro lado, há alguns que, ao invés de eliminarem completamente o pecado da mensagem, trata a questão muito resumidamente ou o mais suavemente possível. Podem até enfatizar a universalidade do pecado, mas nunca explicam a seriedade dele.

“Claro que pecamos. Todos pecam”, dizem isso de uma maneira relativa, como se fosse suficiente admitir a noção da universalidade do pecado, sem realmente sentir qualquer culpa pessoal na própria consciência. Desse modo, a tendência contemporânea para desvalorizar a consciênciamina realmente o próprio evangelho.

O desaparecimento da consciência traz um efeito nocivo à vida dos cristãos. A consciência é uma chave importante para a alegria e a vitória na vida do cristão. Os benefícios de viver com uma consciência pura são imensuráveis. Deitar e dormir sem ter nada que o acuse, nem mesmo sua consciência, é uma grande riqueza. Como já observamos, Paulo

constantemente recorria à sua consciência (Atos 23.1; 24.16; 1 Coríntios 1.12).

Capítulo Três

PECADO

O que é pecado, segundo as afirmativas da Bíblia?

De acordo com 1 João 3.4, “*todo aquele que comete pecado, comete transgressão contra a lei; de fato, o pecado é a transgressão da lei. E nós sabemos que ele se manifestou para tirar nossos pecados*”.

Podemos perceber que pecado é desobedecer à lei do Senhor, é romper com seus ensinamentos e não praticá-los. Paulo ainda afirma, em Romanos 7.1-11, que foi a lei que revelou todo o seu pecado, e deixa claro que, sem a lei, ele não iria conhecer o pecado. Esse é todo o teor de Romanos, no capítulo 7.

Paulo quer dizer que a lei veio justamente para revelar a natureza pecaminosa. O pecado é uma “fera” que cresce na proporção em que se alimenta, ou seja, o pecado cresce com a prática. Isso significa que ninguém vencerá o pecado pecando. Só existe uma maneira de vencer o pecado: parando de pecar.

Steve Galagher diz: “*O pecado o levará mais longe do que jamais quis ir, o manterá preso por mais tempo do que imaginou ficar, e custará mais caro do que jamais imaginou pagar*”.

Costumo dizer que o pecado é o pior de todos os males. O pecado é pior que a morte, o pecado é pior que o inferno, o pecado é pior que a doença, o pecado é pior que o diabo.

Apesar de a Bíblia citar, em Romanos 8.38-39, que nada nos separará do amor de Deus, a mesma Bíblia diz, em Isaías 59.2, que são nossos pecados que fazem separação entre Deus e os homens. Percebeu? Agora, veja bem: nossos pecados não mudam Deus, Deus não entra em um quartinho para chorar quando pecamos. Nossos pecados mudam a nós mesmos, eles nos separam de Deus, não Deus de nós.

O pecado do cristão é pior que o pecado dos não crentes, porque quando um não crente peca, ele peca contra uma luz que não tem, mas o crente, quando peca, peca contra a luz e conhecimento que possui. O pecado do cristão é pior que o pecado dos demônios, pois os demônios jamais pecaram contra o sacrifício de Cristo, e o cristão, quando peca, peca contra o sacrifício de Cristo, e esse fato encontramos em Hebreus 10.26, que diz: “*Se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados*”. Percebemos que, quando pecamos como cristãos, temos pleno conhecimento da verdade, pecamos contra o sacrifício de Cristo feito por nós, fato esse que é impossível os demônios cometerem tal ato, pois Jesus não morreu por demônio algum.

De fato, tudo aquilo que as Sagradas Escrituras dizem para não fazermos e fazemos, ali estamos praticando pecado, mas não apenas isso, tudo o que as Sagradas Escrituras dizem para fazermos e não fazemos, ali cometemos pecado. Ou seja, pecado é desobediência, pecado é transgredir as leis de Deus. Não há salvação para aqueles que não são convencidos da seriedade de seus pecados.

Pecado é uma coisa muito séria, pois condena qualquer pessoa ao fogo do inferno, atrai a ira de Deus, provoca o total distanciamento de Deus.

Em Romanos, no capítulo 1, o apóstolo Paulo começa a abordar o tema. Quando parecia que ele iria abordar as boas novas do evangelho, ele se envereda a falar da terrível notícia da ira de Deus, que vem em consequência do pecado.

“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça.” (Romanos 1.18)

O genuíno temor de Deus não pode envolver aqueles que estão cegos para a seriedade de seus pecados. Não há misericórdia para aqueles que não temem perante as ameaças de um Deus santo.

A natureza do pecado detona a nossa própria pecaminosidade. No fundo do nosso coração, todos sabemos que há algo muito errado conosco. Nossa consciência constantemente nos confronta contra nossos pecados. Podemos tentar culpar os outros ou procurar explicações terapêuticas para esses sentimentos, mas não podemos escapar da realidade de que nossos pecados são gravíssimos diante de um Deus santo.

Todos sentimos culpa e, em nosso íntimo, sabemos que somos terrivelmente confrontados por nossos pecados. O nome disso é “consciência”. Sentimos culpa porque somos culpados. Somente a cruz de Cristo pode responder a questão do pecado de uma maneira que nos liberta da dor e da nossa vergonha. A psicologia pode esconder um pouco nossa culpa. A autoestima pode jogar para debaixo do tapete por um tempo, porém, uma hora ou outra, você terá de enfrentar seus pecados.

A verdadeira culpa tem somente uma causa e essa é o pecado. Até o pecado ser tratado, a consciência lutará para acusá-lo. Por isso é que antes de apresentar o evangelho e a graça do Senhor Jesus, Paulo começa sua maior obra falando da realidade do pecado, falando da depravação total. A depravação total é a primeira verdade que Paulo prega, é a primeira doutrina introduzida por ele (Romanos 1.18-32). Agora, vemos uma pequena regra na depravação.

Em Romanos 1.18-32, ele mostra a culpa dos pagãos. Em Romanos 2.1-16; 3.8, ele mostra a culpa dos religiosos moralistas, e despeja em cima dos judeus a culpabilidade do pecado.

Desde o capítulo 1 de Romanos até o capítulo 3, Paulo vem argumentando, de uma maneira eloquente, a terrível realidade do pecado

através da doutrina da depravação total. Nos versos 9-20, do capítulo 3, ele resume tudo isso. Paulo raciocina como um advogado, dando seu resumo final.

Acusação. “*Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado*” (Romanos 3.9). Se você perceber o argumento de Paulo, ele começa com duas perguntas: “*Que se conclui?*” ou: “*Há alguma outra evidência?*” E: “*Temos nós qualquer vantagem?*” Ou: “*Alguém pode honestamente reivindicar viver acima do nível da natureza humana que acabo de descrever?*”.

“*Não, de forma alguma*”, ele responde. Todos, desde o pecador mais pervertido ou depravado (Romanos 1.28-32) até o judeu legalista mais rígido caem na mesma categoria de depravação total.

A prova. Então Paulo conclui: “*Como está escrito: Não há um justo sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, rugem engano; veneno de víbora está nos seus lábios; a boca eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue. Nos seus caminhos há destruição e miséria; desconhecem o caminho da paz*” (Romanos 3.10-17). Em poucas palavras, Paulo deixa claro a universalidade do pecado. Perceba que, por seis vezes, ele diz: “*Não há*” ou “*nem mesmo um*”. Ninguém escapa à acusação. “*Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado*” (Gálatas 3.22). Veja o Salmo 14.1: “*Diz o insensato em seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem*”. As palavras, no final de Romanos 3.12, dizem: “*nem um sequer*”.

Agora, veja a contradição com a mensagem de autoestima, e com as terapias seculares e também na igreja. Como alguém se sente bem sobre si mesmo quando o próprio Deus nos declara merecedores da sua ira? O coração endurecido e o entendimento obscurecido recusam procurar a

Deus: “Não há quem busque a Deus” (Salmo 14.2). Sem a graça de Deus e a intervenção soberana, que traz para si mesmo os pecadores, ninguém poderia ser salvo.

“Porque a boca fala do que está no coração. O homem bom tira do seu bom tesouro, coisas boas; mas o homem mau do seu mau tesouro tira coisas más.” (Mateus 12.34-35).

O problema é que, hoje em dia, algumas traduções da Bíblia parecem duras demais. Até mesmo os cristãos acham que não deveriam mencionar os termos “Ira de Deus” ou “Temor do Senhor” ou “Justiça de Deus” ou “Juízos de Deus”. Veja bem: se você notar, essas palavras não são comuns, hoje em dia, em nossos púlpitos. Poucos são os que realmente alertam suas ovelhas acerca dessas duras palavras.

O pecado e sua cura

A natureza do homem é caída. O homem é errado no âmago do seu ser e, portanto, tudo está errado. Ele não pode ser melhorado porque nada será suficiente, a não ser uma mudança radical, uma nova natureza. O homem ama as trevas e odeia a luz. Nesse ponto, o que pode ser feito por ele? Assim como um peixe não sabe que está molhado e o rabo não pode balançar o cachorro, o homem caído e depravado não pode evitar o pecado. O homem não consegue mudar suas inclinações. Dê a esse homem novos endereços, novas roupas, novo status, mas isso não mudará o fato de que ele é depravado e caído. O pecado, uma vez iniciado, provocará uma gangrena na alma do homem. O pecado desonra o homem, o expõe, o escandaliza e, por fim, destrói sua vida. “*O vosso pecado vos há de achar.*” (Números 32.23)

O pecado domina todo o coração humano e, se fosse por ele, condenaria cada alma da humanidade. Se não compreendermos nossa própria pecaminosidade ou não enxergarmos nosso pecado como Deus o vê, não poderemos entender ou fazer o uso do remédio contra ele. Aqueles que

querem negar sua culpa e seus pecados, não podem e não irão jamais encontrar sua cura.

O pecado é abominável a Deus. Ele o odeia (Deuteronômio 12.31). “*Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar...*” (Habacuque 1.13). O pecado é contrário à sua própria natureza (Isaías 6.3; 1 João 1.5). A última penalidade é a morte, e ela é exigida para cada infração contra a lei de Deus (Ezequiel 18.4), “*qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos*” (Tiago 2.10).

O pecado mancha a alma, rebaixa a dignidade da pessoa, obscurece o entendimento. O pecado nos torna piores que animais, pois animais não podem pecar. Todo pecado é vulgar, repulsivo e revoltante aos olhos de Deus. A Bíblia o chama de imundícia (Provérbios 30.12; Ezequiel 24.13; Tiago 1.21). O pecado é comparado ao vômito, e os pecadores são os cães que voltam ao seu próprio vômito (Provérbios 26.11; 2 Pedro 2.22). O pecado é semelhante ao cadáver em putrefação, e os pecadores são os túmulos que contêm o mau cheiro e a sujeira (Mateus 23.27). Somos completamente culpados perante Deus, não há nada que façamos que deixe de ter um traço de corrupção. Até nossas melhores intenções têm, em seu invisível íntimo, intocáveis traços de corrupção e depravação.

Quando analisamos a Bíblia, pecamos de várias formas. Vejamos, a seguir, as formas diversas em que pecamos:

Nossas palavras:

Jesus disse, em Mateus 12.36-37: “*De cada palavra fútil que os homens disserem, darão conta no dia do juízo; porque, por tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado*”.

Você se lembra de todas as suas palavras ao longo de sua vida? Com certeza, você diz que não se lembra, mas o fato é que Deus não se esquece.

Daremos conta de tudo que dissermos. Cada palavra que sai da nossa boca está gravada e irá testemunhar contra nós.

Você já mentiu alguma vez? Já denegriu alguém alguma vez? Já agrediu moralmente alguém alguma vez? Já foi maledicente alguma vez? Já falou palavrão alguma vez? Será que alguém pode escapar desse tipo de pecado? É fato que, no dia do tribunal, não iremos escapar de nossas palavras. Pecamos por palavras. Nossas palavras estão cheias de pecados.

Nossas obras:

Agora, veja, querido leitor, nossas obras estão também cheias de pecados. E o que são obras? É tudo aquilo que realizamos ou fazemos. Veja o que Paulo diz sobre nossas obras: “*Porquanto, todos nós deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba o que merece em retribuição pelas obras praticadas por meio do corpo, quer seja o bem, quer seja o mal. Perfeita reconciliação com Deus*” (2 Coríntios 5.10).

Todas as nossas obras estão sendo cuidadosamente observadas. Pecamos por palavras, e pecamos por obras. Ou seja, pecamos falando, pecamos fazendo.

Nossas omissões:

Em Mateus 25.31, Jesus nos traz um embate importante. Ele fala do último julgamento e diz que do lado esquerdo estarão os bodes e do lado direito estarão as ovelhas. Aos que estiverem à esquerda, ele dirá: “*Apartai-vos, malditos, para o fogo do inferno*”. Às que estiverem à direita ele dirá: “*Vinde, benditos*” . Agora, veja bem: o que esses bodes da esquerda fizeram de tão grave para serem chamados de malditos e serem mandados para o fogo do inferno? Eis a questão.

Nesse caso, não fizeram nada, absolutamente nada. Veja o que Jesus diz sobre eles: “Porque tive fome, e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, estava preso e não fui visitado, estava nu e não me vestistes”. Percebeu? Agora, você pode estar em casa, não falando mal de ninguém,

não fazendo mal para ninguém, ainda assim cometendo um terrível pecado, o pecado de não fazer nada. O apóstolo Tiago diz: “*Aquele que sabe fazer o bem, e não faz, comete pecado*” (Tiago 4.17).

Agora, percebeu? Mesmo quando não fazemos nada, estamos pecando. Pecamos por palavras, pecamos por obras, ou seja, fazendo, e pecamos quando não fazemos nada.

Nossos pensamentos:

Paulo diz: “*No dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho*” (Romanos 2.16).

Agora, veja você, que podemos estar em casa, trancados no quarto, sem falar nada de ninguém, sem cometer um mal contra alguém, depois de ter feito bem para alguém, e mesmo assim cometendo um terrível pecado, o terrível pecado que se instala na mente do homem. Deus vai julgar nossos desejos, vai julgar nossos segredos. Aquilo que seu pai, sua mãe, seu pastor, seus amigos não viram e não sabem, Deus viu e sabe. A pessoa que não deveria saber de nossos pecados secretos, talvez seja a única que sabe.

A corrupção da religião

A decadência moral da humanidade não deixou nada intocável e, no tocante a isso, corrompeu a espiritualidade. Na verdade, todas as religiões que a humanidade nos deixou como legado são, invariavelmente, corruptas e frutos de uma cegueira espiritual abismal. “*E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis*” (Romanos 1.23).

A religião não começou com o paganismo e se desenvolveu ao longo do tempo para o monoteísmo. A verdade é exatamente o oposto. Todas as religiões humanas, de acordo com as Escrituras, caminham na direção contrária à verdade, longe do Deus verdadeiro. Vivemos em um mundo plural.

Recentemente, vi uma reportagem sobre ofensas a outras religiões, li que, hoje em dia, o mundo está tão plural, que todos, até mesmo os religiosos, devem ser politicamente corretos. Na mesma matéria, li que um novo projeto de lei proíbe até mesmo expulsar demônios, pois poderia ofender os adoradores da “religião satanista”, esses que adoram e admiram Lúcifer. Nesse mundo plural, aquilo que é pecado para nós cristãos, por causa da Bíblia, é tolerável a quase todas as outras religiões, e o pecado de fato, que é pecado para nós, na realidade, perante os olhos do pluralismo, só é pecado para nós. Mas quero deixar lúcido meu posicionamento: tudo o que é pecado aos olhos da Bíblia Sagrada, é pecado aos olhos de Deus, e isso não vai mudar no decorrer do tempo.

Vamos fazer aqui um breve resumo da grande ligação de pecado e religião.

Depois da queda, diz a Escritura: “... *Então, se começou a invocar o nome do Senhor*” (Gênesis 4.26). Da queda ao dilúvio não há registro de qualquer idolatria, de que o homem tenha planejado adorar falsos deuses. Deus destruiu o mundo pelo dilúvio porque “*viu o Senhor que a maldade do homem havia se multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração*” (Gênesis 6.5).

Algum tempo depois do dilúvio, começou a predominar a idolatria. Abraão foi retirado de uma família idólatra (Josué 24.2). Na época de Moisés, o Egito estava devastado pela idolatria. Quando Moisés voltou à Terra Prometida, descobriu formas de idolatria entre o povo de Canaã que eram até mesmo mais hediondas do que qualquer outra jamais vista no Egito.

A história antiga confirma que a religião desencadeou e originou o politeísmo e o animismo. A grande verdade é que a religião é um dos grandes presentes que o pecado deixou para a raça humana. O problema maior é que a igreja está, rapidamente, tornando-se plural, querendo ser

“politicamente correta”, e isso significa ser “biblicamente incorreta”. O que você prefere?

Ainda esses dias, ouvi um pastor desinformado, falando de Constantino, como que contando um testemunho, dizendo que foi em Constantino que a igreja criou proporções globais. Na realidade, foi o contrário. Foi em Constantino que ela se desviou por mil anos. Foi em Constantino que ela se tornou plural. Foi em Constantino que ela se tornou pagã, e a idolatria agora faria parte do também cristianismo.

Lamentavelmente, mesmo vindo a reforma protestante, ainda temos um ranço do pluralismo, paganismo e politicamente correto dentro da igreja. A igreja ainda está 60% ou 70% desviada, igualzinho em Constantino. A meu ver, mudaram-se os atores, mudaram-se os figurinos, os nomes dos cenários, mas a peça ainda é a mesma. É totalmente intolerável a intolerância inerente da Bíblia. Costumo dizer que não existe pregador duro, existe texto duro, é o pregador que não pode mudar o texto. A Bíblia é constrangedora, é terrivelmente constrangedora.

Veja o que tem se tornado a igreja hoje. Ela tem condenado o certo e aceitado o errado. Hoje, se aceita os membros, pastores, líderes casarem e separarem, e casarem de novo quantas vezes quiserem. A igreja corrompeu seus valores morais completamente. Até mesmo a disciplina foi retirada de dentro da igreja. A pregação de santidade se tornou ridícula, e o pregador que confronta o pecado é um santarrão, “quer ser melhor e mais santo que os outros”. A cada dia, menos espaço será dado a esse tipo de pregador na igreja moderna.

Por isso afirmo que a grande característica de uma falsa igreja e um falso profeta é que estes irão falar somente aquilo que você gosta de ouvir. Se somos tão depravados, tão cheios de pecados como a Bíblia nos ensina, deveríamos ou não ser confrontados constantemente? Paulo afirma sobre si: “*Miserável homem que sou, quem me livrará do corpo desta morte?*” . Está claro isso a você. Somos miseráveis, merecemos a ira, apesar de recebermos

misericórdia e amor. Por isso quero, aqui, compartilhar, a meu ver, os piores erros da igreja moderna concernente ao pecado. Acompanhe:

Primeiro: *Tentamos tapar os olhos, com isso, encobrimos o pecado.*

Adão e Eva fizeram isso no jardim após caírem. “*Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si... esconderam-se da presença do Senhor.*” (Gênesis 3.7-8)

Estamos com essa prática novamente em evidência. As pessoas, agora, acham que seus olhos abriram para novos conceitos, diferentes dos de Deus, dos da Bíblia. Elas realmente pensam que, hoje, sabem coisas que, em outras eras, todos estavam equivocados.

Adão, após pecar, fugiu da presença de Deus. O rei Davi tentou, em vão, encobrir sua culpa, planejando matar Urias. Ele tinha adulterado com a esposa de Urias, Bate-Seba. Quando ela ficou grávida, primeiro Davi tramou um plano para parecer que o filho era de Urias (2 Samuel 11.5-13). Quando o plano não funcionou, ele conspirou contra a vida dele (vs. 14-17). Isso somente agravou o seu pecado.

Segundo: *Justificativas.*

O pecado é sempre culpa de alguém. Adão culpa Eva, Eva, por sua vez, culpou a serpente. Mas no caso de Adão ele não culpou apenas Eva, culpou Deus também. “*A mulher que tu me destes*” (Gênesis 3.12). Isso mostra que também ele culpava Deus. Mas Deus não deixou por menos, e disse: “*Você era responsável pela mulher que lhe dei*”. De igual modo, sempre alguém é culpado, menos nós. Ou argumentamos que tinha um bom motivo, convencemos a nós mesmos que é correto retribuir o mal com o mal (Provérbios 24.29; 1 Tessalonicenses 5.15; 1 Pedro 3.9), ou então, pensamos que, se os motivos finais são bons, o fim justifica o meio. Somos extremamente criativos quando se trata de justificar nossos erros.

Terceiro: Desprezamos nosso próprio pecado.

Sempre pecamos por ignorância ou presunção. Por isso, Davi orou: “*Quem há que possa discernir seus próprios pecados? Absolve-me dos que me são ocultos. Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão*” (Salmo 19.12-13).

O pecado não se expressa necessariamente por atos declarados, atitudes pecaminosas, disposições pecaminosas. Desejos pecaminosos e um estado pecaminoso de coração são tão repreensíveis quanto as ações que ele produz. Jesus disse que a ira é tão pecaminosa quanto o homicídio, e a concupiscência tanto quanto o adultério (Mateus 5.21-28).

O pecado é tão terrível que endurece o pecador contra sua própria atrocidade (Hebreus 3.13). É natural desejarmos minimizar nosso pecado como se ele não fosse, de fato, uma grande coisa. Afinal de contas, dizemos a nós mesmos: “Deus é misericordioso e amoroso, não é? Ele comprehende nosso pecado e não pode ser tão duro conosco, não é mesmo?” Mas raciocinar dessa maneira é se deixar ludibriar pela astúcia do pecado.

O pecado, de acordo com as Escrituras, é “a transgressão da lei” (1 João 3.4). Em outras palavras: “*Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei*”. A Lei de Deus exige que o amemos.

Pecado, portanto, é qualquer falta de conformidade com o perfeito padrão moral de Deus: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento*” (Lucas 10.27). Sendo assim, a falta de amor a Deus é o ponto alto de todo pecado.

O autor do pecado

Deus não pode ser considerado o autor do pecado. “*Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo*

mal e ele mesmo a ninguém tenta" (Tiago 1.13). "Deus é luz, e não há nele trevas nem humas" (1 João 1.5).

Deus, de maneira nenhuma, causa o pecado, o incita, o tolera, é autor, o aprova ou, de alguma maneira, consente com ele. Deus nunca é a causa ou agente do pecado. Ele somente permite que agentes do mal realizem seus feitos, então Ele domina o mal pela sua própria sabedoria e santos fins.

Os propósitos de Deus em permitir o mal são sempre bons. Por isso José pôde dizer aos seus irmãos, que o haviam vendido à escravidão: "Vós, na verdade, intentaste o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida" (Gênesis 50.20).

Os enganos do pecado

Existem pelo menos cinco enganos que o pecado promove na mente da pessoa. São eles:

Primeiro: *Traz satisfação e felicidade.* Mentira.

Na realidade, o pecado poderá até lhe trazer prazer, mas jamais lhe trará felicidade. No pecado, o prazer é nosso, mas a alegria é de Satanás. Na santidade, ambos, prazer e felicidade são nossos.

Quando Sansão estava se banqueteando nos braços de Dalila, o diabo escondeu dele que seus olhos seriam furados no futuro. O pecado é enganoso. Você não perceberá que está caído, afundado e, em alguns casos, prostrado, e em outros, só faltando se prostrar. O pecado é cruel, mortal e eficiente.

Segundo: *Você não ficará sozinho.* Mentira.

Deus não permitirá que uma pessoa que está em pecado ou sofrendo as consequências do pecado, seja "paparicado". Ele terá de ser duramente tratado.

Você precisa saber disso antes de pecar, que tão logo depois de pecar, você ficará sozinho.

Hernandes Dias Lopes diz: “*Há pessoas que fazem da vida um pecado e do pecado uma vida*”.

Terceiro: *Se você tomar cuidado, não será exposto.* Mentira.

Não é o diabo que expõe uma pessoa e sim o próprio Deus.

Não vale a pena, para o diabo, a exposição do pecador. Ele quer que o pecador se sinta confortável nas trevas. É Deus quem traz à luz todas as coisas.

Quarto: *Não sofrerá as consequências.* Mentira.

Apenas pelo fato de pedir perdão, sendo um arrependimento genuíno, em lágrimas, pensa que não sofrerá as consequências? Mentira.

Vamos ver, agora, de uma maneira bem simples e didática, as duas consequências do pecado.

As duas consequências

- 1^a - Do pecado perdoado;
- 2^a - Do pecado não perdoado.

A primeira é a consequência do pecado perdoado, é a consequência mesmo. Você precisa entender que seus atos custam caro. Você ter sido perdoado e, vai por mim, se houve um verdadeiro arrependimento, seguido do abandono do pecado, você será perdoado, mesmo assim, irá arcar com as consequências dos seus atos. Eles terão de ser enfrentados.

A segunda é a consequência do pecado não perdoado. Bom, nesse caso, nem preciso me aprofundar para dizer que o juízo de Deus não virá sobre pessoas que pecaram, mas sim sobre pessoas que estão em pecado, hoje. Precisamos entender que não há esperança para aqueles que não se

arrependeram de seus pecados, e consequinte não os abandonaram. O único pecado que tem perdão é o pecado abandonado.

Três motivos pelos quais Deus permite a consequência.

Por que é necessário que venha a consequência dos seus pecados?

Em primeiro lugar, para mostrar a malignidade do pecado.

Em segundo lugar, para mostrar que Deus não trata com leviandade o pecado.

Em terceiro lugar, para humilhar e santificar o pecador.

Temos muitos exemplos, na Bíblia, de Deus humilhando o pecador e depois santificando-o.

Quinto: Quando você se arrepender, logo as coisas mudarão. Mentira.

Que grande engano, que grande mentira, que grande engodo.

Vejamos alguns exemplos, na Bíblia, de pessoas que, mesmo depois de terem se arrependido, pagaram um alto preço pelo que fizeram.

Davi pecou e pagou com a própria família.

Sansão pecou e pagou com a própria vida.

Davi um pecado apenas o amorteceu e o fez dormir.

Sansão pecava, pedia perdão e o poder voltava – muitos estão assim – e foi assim até pagar com a própria vida.

Veja esse engano fatal na mente de Sansão, que era juiz e saiu de uma condição respeitada e honrada perante o seu povo, temido pelos seus inimigos, e como termina? Sendo o bobo da corte dos filisteus, cego, escravo e palhaço.

Vamos analisar em detalhes um pouco sobre esse caso, o caso de Sansão. Em Juízes 15, veremos todos esses detalhes.

Sansão era um grande homem de Deus. Não foi como Jefté, que julgou Israel apenas por seis meses e, por causa dos seus enormes desvios de

caráter, foi cortado. Mas também não foi como Gideão, que julgou Israel por 40 anos. Sansão julgou a nação do Senhor por 20 anos, um tempo razoável.

Síndrome de Sansão

Ao abordar o tema, o pastor Abe Huber sugere como essa síndrome funciona, e é mais ou menos assim: A pessoa peca, sente-se suja, imunda, pede perdão e a unção volta. Tudo o que ela faz depois disso, vê a mão de Deus, e isso lhe encoraja ao invés de quebrantá-la.

Nessa síndrome, a pessoa é enganada pela bondade de Deus. Não que a bondade de Deus engane alguém, mas a pessoa interpreta erroneamente a bondade de Deus.

Entenda essa poderosa bondade: o arrependimento gera quebrantamento, não encorajamento.

No caso de Sansão e de todos os que seguem por esse caminho, a pessoa, ao invés de se quebrantar, cria mais coragem para continuar pecando, visto que, se foi perdoada uma vez e nada aconteceu, e ainda conseguiu manter sobre ela as bênçãos de Deus, então continuará pecando. Perceba que essa pessoa está sofrendo do que chamamos de “Síndrome de Sansão”, é o encorajamento pelo pecado, ao invés de quebrantamento.

Veja o que o Apóstolo Paulo fala sobre o assunto: *“Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que conduz ao arrependimento? Mas segundo a dureza do teu coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá cada um segundo os seus procedimentos: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorrupção; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça”* (Romanos 2.4-8).

Quanta clareza nessas palavras! O Apóstolo está sugerindo que a bondade e a misericórdia de Deus são para nos gerar arrependimento, quebrantamento, não para nos encorajar na prática do erro.

A “Síndrome de Sansão” interpreta de maneira errada a bondade de Deus, e pensa que o fato de Deus o perdoar, lhe trazer de volta a força, a unção, é o aval de Deus em seu comportamento. Pobre e perigoso pensamento. Na realidade, acho um pensamento suicida.

A “Síndrome de Sansão” acontece na vida das pessoas que estão encobrindo os seus pecados.

Veja o texto de Provérbios 28.14 que diz: *“Aquele que endurece o coração (...) cairá no mal”*. A primeira reação de um pecador mediante a atitude do pecado, esse, claro, que a mente ainda não morreu moralmente, é de culpa, depois, se possível, de arrependimento.

Já falamos que a culpa é para a alma o que a dor é para o corpo. Quando o corpo sente dores, ele terá que tomar remédios e fazer exames para detectar o problema, isolar e tratá-lo.

Pois bem, com a alma é a mesma coisa. Quando há uma enorme culpa, é necessário detectar o problema, isolar e resolvê-lo. E para isso, tem de mexer, atacar o problema e, no caso da alma, o nome disso é confronto, e a cura para a dor da alma é o arrependimento.

Observe o seguinte fato: Boas obras e lindos dons não são o aval de Deus a ninguém para continuar na prática suicida do pecado. Pare de pecar ou pereça.

Se paramos para analisar a parábola do semeador, veremos que Jesus fala da boa semente, fala da boa terra, mas não fala do semeador. Quando Jesus fala do semeador, ele apenas diz: “Um certo semeador”. Notem a maneira como ele fala. Isso significa que, se a terra for boa, a semente for boa, o semeador não importa. Ele é “um certo”, um nada. A semente é a Palavra de Deus, a terra são os corações sedentos, mas o semeador, pouco importa. Pouco importa quem é o pregador, quem é o homem de talento, quem é o que leva seus dons, pois afinal, ele precisa ser também uma terra sedenta, um coração sedento.

Estou convicto do fato de que Deus quer você, não o seu dom.

Muitos estão vivendo como Sansão: andando com Deus e flertando com o pecado também. Vai por mim, impureza e unção nunca, nunca andarão juntos.

Veja o que acontece com alguém em tal situação. “*O homem de Belial, o homem vil, é aquele que anda em pecados (...), pelo que a sua destruição virá repentinamente subitamente será quebrantado, sem que haja cura*” (Provérbios 6.15). “*O homem que muitas vezes repreendido, endurece a cerviz, será quebrantado de repente sem que haja cura*” (Provérbios 29.1). Devemos sacudir o pó e tratar esses pecados, essa doença dentro do corpo, com todas as forças, devemos confrontar com todo afinco. Devemos atingir o coração dessa doença mortal e enfrentá-la com as armas da confrontação e do arrependimento.

As quatro respostas de Deus à depravação humana

Vejamos Romanos 1.18-32, que diz:

“*Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detém a verdade em injustiça.*

Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou.

Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis.

Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu.

Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.

E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis.

Pelo que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundície, para desonrarem seus corpos entre si.

Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém.

Pelo que Deus os abandonou às paixões infames.

Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza.

E, semelhantemente, também os varões deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro.

E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm.

Estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídios, contenda, engano, malignidade;

Sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e mães.

Néscios, infieis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia.

Os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem”.

Os sintomas de um homem totalmente depravado

“Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza.

E, semelhantemente, também os varões deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro.

Estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade.”

Neste capítulo inteiro, o apóstolo Paulo traça um mapa de uma intensa decadência da alma do homem, concernente ao pecado.

Vejamos a lista dessa decadência:

1^a - Mente e coração depravados

O homicídio e a prostituição começam na mente, com o ódio para o homicídio e a cobiça para o adultério. “*Ouviste o que foi dito aos antigos: Não matarás, pois aquele que matar será culpado perante o juiz. Porém eu vos digo que aquele que odiar seu irmão, é culpado perante o juiz*” (Mateus 5.21-22). Ou, “*ouviste o que foi dito aos antigos: Não cometearás adultério, mas eu vos digo que aquele que desejar uma mulher cobiçando-a em seu coração com ela já cometeu adultério*” (Mateus 5.27-28). Vejamos também em Romanos 1.30: “*Sendo murmuradores, detratores, que odeiam a Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes a pais e mães*”.

2^a - Conduta depravada

Em Romanos 1.31, Paulo diz: “*Néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia*”.

3^a - Caráter depravado

É digno de morte os que fazem isso, e os que consentem ou ficam em silêncio.

“*Os quais conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que fazem.*” (Romanos 1.32)

Como Deus reage a tudo isso?

Deus os entrega a serem escravos do que desejam

Romanos 1.24: “*Porque Deus os entregou aos desejos de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si*”.

Uma das reações de Deus à depravação do homem mais terrível é essa, pois o homem é escravo dele mesmo. Ele não consegue vencer seus impulsos. É sempre vítima dos seus vícios. É dominado por sua mente e seus desejos. Por menor que seja, a tentação o derruba.

É Deus que o entrega a seus vícios e desejos mais sórdidos. A insistência na prática leva à escravidão da prática. É como se Deus lhe desse como prêmio o que tanto você buscou no pecado.

Deus os entrega às suas paixões infames

Romanos 1.26: “*Pelo que Deus os entregou às paixões infames*”. A exemplo do que aconteceu a Sodoma, quando Deus desistiu e deixou o povo fazer o que queria. Ser abandonado por Deus é fazer exatamente o que quer e apenas aguardar o juízo de Deus.

Deus os entrega a um sentimento perverso

Romanos 1.28: “*Além do mais, considerando que desprezaram o conhecimento de Deus, Ele mesmo os entregou aos ardis de suas próprias mentes depravadas que os conduzem a praticarem tudo que é reprovável*”.

De acordo com este texto, a perversidade é prova de abandono literal de Deus. Fazer o mal, ser mau e produzir o mal é reflexo de ser abandonado por Deus. Agora, a mente do homem é completamente comprometida.

Veja mais esse texto de Provérbios 1.24-31: “*Contudo, visto que vos convoquei ao arrependimento e vós recusastes; porque estendi a mão e não houve quem atendesse; em vez disso, rejeitastes todo o meu conselho e não aceitaste a minha repreensão, eu de minha parte, zombarei da vossa desgraça; me rirei quando o terror se abater sobre vós, em vindo o flagelo como tempestade sobre vós; em vindo a vossa completa perdição como furacão, quando a aflição e a dor vos desesperarem. Então, suplicarão minha atenção, entretanto, não vos responderei; buscar-me-ão, porém, não me hão de encontrar. Porquanto desprezaram o conhecimento e rejeitaram o temor do Eterno, o Senhor, não desejaram receber o meu conselho e foram indiferentes à*

minha advertência! Portanto, comerão do fruto de suas decisões e atitudes, e se fartarão de suas próprias elucubrações inúteis”.

Meu Deus, que declarações constrangedoras de um Deus santo, a um homem abusado, que se esquece de Deus e é, segundo o verso 30, indiferente a Deus e aos seus conselhos! Aí é que está! O homem tem tolerado Deus, tem conseguido acertar a sua vida sem Deus.

Hoje em dia, tudo o que se prega passa de uma maneira indiferente aos ouvidos dos abusados, que já corromperam a sua própria mente. Por isso, desejo falar desse nível de pecado, o pecado da mente.

Pecados para morte

Em 1 João 5.16-17, lemos assim: “*Se alguém vir pecar seu irmão que não é para morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para a morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Todo pecado é iniquidade; e há pecados que não são para a morte*”.

Esta é uma das passagens mais emblemáticas da Bíblia; Está entre as muitas passagens com várias interpretações.

As interpretações dessa passagem são:

- Pecado para a morte é o pecado que tem pena de morte, na época de João. Um exemplo são as leis de Moisés.
- Pecado para a morte é uma lista de pecados capitais seríssimos. A igreja católica faz uso dessa interpretação.
- Pecado para a morte é o pecado contra o Espírito Santo.

Essa linha quase faz sentido e, por que digo: quase? Porque falta uma pequena aplicação nela, que nos levaria à quarta explicação.

Pecados para a morte são os pecados da alma. E é desta interpretação que faremos uso. Por quê? Nós somos uma tricotomia: espírito, alma e corpo. Veja como a alma e o corpo funcionam: “*E o vosso espírito, alma e corpo*

sejam conservados íntegros, irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor e salvador Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5.23).

O corpo

O corpo é formado do pó, de matéria sólida e água, composto de 75% de água, e quase todos os elementos de matérias que existem, existem no corpo do homem. O corpo reage ao ímpeto. O corpo é carne. O corpo é cheio de ímpetos. Pecar na carne é ceder aos ímpetos da carne, é ceder às vontades da carne.

Vejamos Gálatas 5.16 a 20, que diz assim: “*Digo, porém: “Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne”*”.

Notem que são vontades da carne. “*Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito luta contra a carne; e estes lutam um com o outro: Para que não façais o que querem*” (Gálatas 5.17).

Agora, vejam os versículos 19 a 21: “*Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus*”.

As obras da carne levam para o inferno, mas entende-se que todas elas podem ter uma esperança de arrependimento.

Agora, veja uma separação entre o que a carne faz e o que a alma faz.

A alma

A alma é a consciência da pessoa. A alma é o centro da razão.

A alma é o que faz o homem ser uma criatura de Deus: “*E formou Deus o homem do pó da terra, e soprou nas suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou alma vivente*” (Gênesis 2.7).

A junção corpo e fôlego de vida fez do homem uma alma. A alma é o homem em essência. A Bíblia vai nos apontar a alma em três funções. São

elas:

- **Buscar** – “*Disponde, pois, agora o coração e a alma para buscardes ao Senhor vosso Deus*” (1 Crônicas 22.19). Notem que buscar é uma função da vontade, e ela está na alma.
- **Recusar** – “*Aquilo que a minha alma recusa tocar*” (Jó 6.7). Notem que recusar é uma função da vontade e também está na alma.
- **Escolher** – “*Pelo que a minha alma escolheria, antes ser estrangulada; antes, a morte do que esta tortura*” (Jó 7.15). Escolher também é uma função da alma.

Agora, percebam a relação “alma e racionalidade”, ou seja, mente e consciência.

Romanos 12.1-2 diz: “*Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*”.

Provérbios 2.10: “*Porquanto a sabedoria entrará no teu coração, e o conhecimento será agradável à tua alma*”.

E do conhecimento vem o saber.

Salmo 139.14: “*Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formastes; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma sabe muito bem*”.

Conforme os textos, conhecimento é uma função da mente, da consciência, logo é uma função da alma.

Então, onde conhecemos? Onde sabemos? Onde buscamos? Onde recusamos? Onde escolhemos? Todas estas perguntas, de acordo com o que estamos lendo, estão na alma. Então, o que são pecados para a morte? Examinemos o texto cuidadosamente:

1 João 5.16-18: “Se alguém vir pecar seu irmão que não é para morte, orarás, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para a morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Todo pecado é iniquidade: e há pecados que não são para a morte”.

João diz que devemos orar por nossos irmãos que caem em pecados. João faz separação entre categorias de pecados. Existe “pecadinho” e “pecadão” então.

Notem o que Pilatos disse a Jesus, em João 19.11: “Aquele que me entregou a ti é culpado de um pecado maior”.

A Bíblia também fala de julgamentos mais severos que os outros por conta de seus pecados. (Lucas 12.47) e maior rigor no julgamento dos que ensinam (Tiago 3.1). E também em maior punição (Mateus 11.20).

Se existem maiores punições, existem maiores pecados, pecados mais sérios.

Agora, o que é espantoso é que tem um tipo de gente, com um tipo de pecado, que João diz que não é para orar. Do que João está falando?

A morte que João está se referindo aqui é a segunda morte. A morte eterna.

O que é a segunda morte? “E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo: Esta é a segunda morte”.

(Apocalipse 20.14).

Também, “quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte” (Apocalipse 2.11).

Ou

“Bem-aventurados e santos aqueles que têm parte na primeira ressurreição: sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Cristo por mil anos.” (Apocalipse 20.6)

Então, a segunda morte é o lago de fogo, ou seja, a morte eterna. Assim, concluímos que a morte, a qual João está falando, é a segunda morte. Por quê? Porque é a morte dos que não têm o nome no livro da vida.

“E aquele que não foi achado escrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo.” (Apocalipse 20.15)

Todos sabem que nosso nome está no livro da vida antes da fundação do mundo.

“A besta que vistes foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde a fundação do mundo) se admiraram vendo a besta que era e já não é, mas que virá.” (Apocalipse 17.8)

Mas também sabemos que mesmo o nosso nome estando no livro da vida desde a fundação do mundo, pode ser riscado.

“Agora, pois, perdoa o seu pecado, senão risca meu nome do teu livro, que tens escrito. Então disse o Senhor a Moisés: Aquele que pecar contra mim, este riscarei do meu livro.” (Êxodo 32.32-33)

“Sejam riscados do livro da vida, e não sejam inscritos com os justos.”
(Salmo 69.28)

“E o que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu pai e diante dos anjos.” (Apocalipse 3.5)

Quais são os pecados para morte então?

Vamos voltar um pouco lá no Éden.

Gênesis 2.17 diz: “*No dia em que dela comeres, certamente morrerás*”.

Provérbios 19.16 nos ensina: “*E o que guarda o mandamento guarda a sua alma; mas o que despreza os seus caminhos, esse morrerá.*”

Ezequiel 18.4 fala: “*Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também do filho é minha: a alma que pecar, essa morrerá*”.

Se já aprendemos que a alma tem três funções, buscar, recusar e escolher, o que o pecado de Adão provocou no homem?

Além de morrer também na carne, ele morreu no espírito, comprometeu a alma. Porque perdeu essa capacidade, ele, agora, terá uma natureza que

inclina somente para o erro e toda a sua imaginação é comprometida.

“E viu o Senhor que toda a imaginação da alma do homem, era maldade continuamente.” (Gênesis 6.5)

Veja o que a Bíblia diz sobre essas três funções da alma do homem caído:

Paulo fala, em Romanos 3.10: “*Não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus*”. Então ele não buscará a Deus, ele não recusará o pecado.

Romanos 8.5 diz: “*Os que são da carne, inclinam-se para as coisas da carne*”. Ele não irá recusar mais o pecado, irá abraçá-lo, ele não pode mais escolher, porque agora voltou a ser escravo.

Jesus diz, em João 8.34: “*Todo aquele que peca, é escravo do pecado*”. Agora, note que quem já está pecando é a alma, não mais apenas a carne. As três funções da alma estão comprometidas, a consciência já não funciona e volta a ser depravada. Não podemos esquecer que depravada é uma mente testada, inútil, sem funcionalidade. Convertido é volver a consciência e pervertido é pervertê-la.

No caso do pecado para morte, o homem agora é pervertido. Ele perverteu algo que saiu da morte para a vida, e agora da vida para a morte.

Vejamos, em Hebreus 6.4-6: “*Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim quanto a eles de novo crucificaram o Filho de Deus, e o expõem à vergonha*

Ele agora é pervertido, cometeu o pecado de Satanás, de Saul, de Caim, de Balaão, de Judas. Ele pode se matar, mas nunca se arrepender.

Ezequiel 33:13 nos diz: “*Quando eu disser ao justo, que certamente viverá, e ele, confiando na sua justiça, praticar a iniquidade, não virão em memória todas as suas justiças, mas na sua iniquidade, que ele pratica, ele morrerá*”.

Veja bem:

“E todo o que tem nele essa plena confiança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro. Toda pessoa que vive costumeiramente pecando também vive em rebeldia contra a lei, pois o pecado é transgressão da lei.” (1 João 3:3-4)

E mais:

“Todo aquele que permanece nele não vive pecando; toda pessoa que continua pecando não o viu, nem tampouco o conheceu.” (1 João 3:6)

“Aquele que vive habitualmente no pecado é do diabo, pois o diabo peca desde o princípio. Para isso o Filho do Homem se manifestou: para destruir as obras do diabo.” (1 João 3:8)

Então, pecado para morte, em suma, é pecar contra a consciência; pecar consciente; legalizar seu pecado; fazer do pecado algo aceitável; justificar o pecado e crer nisso.

Então, quem peca para morte, nunca se arrependerá, nunca voltará. É pervertido, corrompido pelo seu pecado, não encontra espaço para arrependimento, sumiu-lhe o temor do Senhor. Ananias e Safira pecaram para morte. Veja o que Pedro diz: *“Porque encheu Satanás o seu coração?”* Se Pedro não confronta Ananias e Safira, eles roubariam do Senhor muitas e muitas vezes, sem nenhum temor.

Os três níveis de pecado para morte

- 1º - Nível da culpa;
- 2º - Nível da aceitação;
- 3º - Nível da legalização.

Nível da culpa

Nesse nível, a pessoa sabe que tudo o que faz é pecado, mas não se aceita mais, sente-se culpada e não consegue alcançar o perdão, pensa que seu pecado foi maior do que o perdão do Senhor.

Nesse nível, ainda dá tempo de fazê-lo se arrepender.

Tiago 5.19-20 diz: “*Irmãos, se algum dentre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados*”.

Observe, agora, 2 Timóteo 2.25-26: “*InSTRUINDO COM MANSIDÃO OS QUE RESISTEM, A VER SE, PORVENTURA, DEUS LHES DARÁ O ARREPENDIMENTO PARA CONHECEREM A VERDADE, E TORNAREM A DESPERTAR, DESPRENDENDO-SE DOS LAÇOS DO DIABO, EM QUE À VONTADE DELE SE PRENDERAM*”. Esse texto é **um texto muito claro, falando de vontades e arbítrios** que se encontram em nossa alma. Em outro texto, Paulo também fala de pecados para morte, que, no caso, é o pecado sem arrependimento.

Observe, em 2 Coríntios 12.20-21: “*Porque receio que, quando chegar, vos não ache como quereria, e eu seja achado de vós como não quereríeis; que de alguma maneira haja pendências, invejas, iras, porfias, calúnias, mexe-ricos, orgulhos, tumultos; que quando eu for outra vez, o meu Deus me humilhe para convosco, e chore por muitos daqueles que dantes pecaram, e não se arrependeram da imundícia, fornicação, desonestidade que cometaram*”.

Veja que em todos esses casos o Senhor dá um tempo para o arrependimento, mas a pessoa já está no início do pecado para a morte.

Nível da aceitação

Nesse nível, a pessoa tem de vencer a culpa, mas se ela não se arrepender, terá de se aceitar.

É quando você começa a ouvir certas desculpas como: “Ninguém é perfeito; Deus conhece o meu coração; A carne é fraca; Nasci assim; Deus me conhece; Deus me fez assim; Todo mundo tem falhas; Todo mundo tem pecados; Deus é amor; Deus me aceita como eu sou; A Bíblia não diz nada sobre isso; Onde isso está na Bíblia? Nada a ver.”

A pessoa terá de se aceitar, e realmente irá se aceitar com todos os seus pecados.

Notem que a mente dela já está quase que completamente corrompida.

Quando uma pessoa começa a encontrar desculpas para o seu pecado, está se tornando pervertida, está pervertendo completamente a consciência.

Jesus aceitou, sim, as pessoas, mas nunca aceitou os seus pecados. Ele disse: “Eu não te condeno, eu te perdoo”, mas também disse: “Vai e não peques mais”.

Jesus disse a Nicodemos: “*Quem não nascer de novo, não entrará no reino de Deus*”.

Isso é muito claro. Tem de passar da morte para a vida, tem de morrer para o mundo. Quer entrar em crise agora? Veja em 1 João 2.3-4: “*E nisto sabemos que o conhecemos: Se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade.*”

“*Aquele que diz que está nele, deve andar como ele andou*” (1 João 2.6). Ainda mais claro vemos, em 1 João 3.4-9: “*Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade; porque o pecado é iniquidade. E bem sabeis que ele se manifestou para tirar os nossos pecados; e nele não há pecado. Qualquer que permanece nele, não peca. Qualquer que peca não o viu nem o conheceu. Filhinhos, ninguém vos engane. Quem pratica justiça é justo, assim como Ele é justo. Quem comete o pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o princípio. Para isso o Filho do Homem se manifestou: para desfazer as obras do diabo. Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus*”.

Então, logo, a aceitação dos seus pecados nada mais é do que um meio terrível de perversão da mente, mas creio que vindo à luz ainda há esperança de que haja arrependimento.

Nível da legalização

Esse estágio é o pior. João disse “não ore”. É quando a pessoa já doutrinou sua mente. Achou meios legais para o seu pecado. É quando a pessoa já

achou bases distorcidas bíblicas para os seus pecados.

Quando doutrinas são formadas em cima de desculpas de pecados, é quando começamos a questionar a Bíblia.

A legalização do pecado é sem volta. Se você legalizou seu pecado, nesse momento está dizendo que não é bem assim, “esse é seu ponto de vista, mas não o meu”, é quando relativizamos as Escrituras.

Teste de pecados para a morte no quesito “culpa”

Você terá de responder a esse primeiro conjunto de perguntas positivamente, aceitando a sugestão das perguntas para não incorrer no primeiro nível de pecado para a morte.

- O que faço, entendo que fere a Deus?
- O que faço, entendo que tenho de parar de fazer?
- O que faço, devo parar de fazer?
- O que faço, é pecado e não há desculpas?
- Devo parar de pecar?
- Vou parar de pecar?

Teste de pecados para morte no quesito “aceitação”

Você terá de responder a esse conjunto de perguntas negativamente, não aceitando a sugestão dessa pergunta para não incorrer no segundo nível de pecado para a morte.

- O que faço, não é tão grave assim?
- O que faço, todos fazem?
- O que faço, não pode ser perdoado?

Teste de pecados para morte no quesito “legalização”

Você terá de responder esse conjunto de perguntas negativamente, não aceitando a sugestão das perguntas, para não incorrer no terceiro nível de pecado para a morte.

- O que faço, é pecado para alguns, mas o meu ponto de vista diz que não é pecado?
- Estamos vivendo na graça, e o amor de Deus é maior do que a sua justiça, então, ele perdoa qualquer coisa que eu faço?
- Não concordo com o que foi pregado?
- É relativo, não é bem assim não?

Terminando de responder a esses três conjuntos de perguntas, examine o seu coração, pois só haverá esperança para você se não aceitar seu pecado e se você se arrepender e trouxer sua mente cativa à vontade, aos ensinamentos, à Palavra de Deus e a tudo que as Sagradas Escrituras dizem, sem nenhum “nada a ver”.

Capítulo Quatro

A TRAGÉDIA DA GRAÇA MODERNA

Quantos realmente têm revelação de Deus sobre esse tema? Essa geração se gaba de saber muito sobre a graça. A falta de revelação da graça de Deus é o maior problema dessa geração. Vamos gastar um pouco de tempo estudando sobre a graça de Deus.

Agora, imaginem um gramado lindo e verde com uma placa escrita: “não pise”, e, se pisar, comete-se um delito sujeito a punições. Isso é lei, um mandamento que vemos. Agora, imaginem o mesmo gramado lindo e verde sem a placa escrita: “não pise”. O que você faz? Irá pisar? A placa não está lá, não há nada dizendo para não pisar, mas não é certo pisar no gramado. Calçadas foram feitas para pisar, gramado não. Mas o que a igreja moderna faz? Não viu a placa, não há nada escrito para não pisar, então, ela pisa. É nessa graça que a igreja moderna crê. “Onde está escrito que isso ou aquilo é pecado?” Não tem placa, então iremos pisar? Se um meio-fio está pintado de amarelo, sabemos que há uma lei ali, dizendo: “não estacione”. Mas se não tiver pintado de amarelo, você coloca seu carro no portão de alguém? A graça é o bom senso do céu, não tem a placa, nem está pintado de amarelo, não está na Bíblia, mas sabemos que não é certo fazer.

Não tem nada na Bíblia que diz que é pecado ouvir músicas do mundo, mas sabemos que não pode, não há nada na Bíblia dizendo que masturbação é pecado, mas sabemos que não podemos. Graça é o Espírito Santo se comunicando, dizendo o que é certo ou errado. Lei é um mandamento que vemos, graça é um mandamento que cremos.

Graça não é ausência de mandamento, mas também não é ver um mandamento. Graça é crer, simplesmente crer em um mandamento, o da cruz. “... *E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo*” (João 16.8). Isso é viver na graça, ser guiado pelo Espírito. A banalização da graça é o grande mal da igreja moderna.

Quando vamos pregar uma mensagem um pouco mais dura, um pouco mais confrontadora, um pouco mais pesada, logo vem um engraçadinho, sem conhecimento teológico nenhum, dizendo que estamos pisando na graça, e que certas coisas podemos fazer e que sem sombra de dúvidas seremos prontamente perdoados, independente do que fizermos. Acerca disto, falaremos em quase todo este livro.

Graça é tudo isso que lemos acima acerca da transformação de Cristo por nós na cruz do calvário sem merecimento algum, é ver como é difícil ser salvo, tecnicamente falando, teologicamente falando, porém, muito simples quando chega até nós pela obra do Espírito Santo, convencendo-nos do pecado, gerando frutos de arrependimento, e nos levando a confessar Jesus como salvador, então, a partir daí, somos regenerados. Simples assim. Isso é graça.

Vivendo na graça

“*Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus*” (Romanos 5.1-2). Jesus não diminuiu o parâmetro do cristianismo. Pelo contrário, Ele aumentou. “*Porque vos digo, que se a vossa justiça não for*

maior que a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus” (Mateus 5.20). A graça não anulou a lei. “*Anulamos, pois, a lei pela fé? De modo nenhum, pelo contrário, estabelecemos*” (Romanos 3.31). Para nós, que vivemos na graça, seremos julgados pela graça. “*No dia que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho*” (Romanos 2.16). Na graça, a porta e o caminho são estreitos. “*Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que encontrem*” (Mateus 7.13-14).

Veja essa análise:

Moisés = 10 mandamentos = Lei;

Jesus = 54 Mandamentos = Graça.

O sermão da montanha ocupa três capítulos: 5, 6 e 7 de Mateus. O sermão da montanha é o pilar central da doutrina de Jesus. Tudo que Jesus ensinou no sermão da montanha e o que chamamos hoje de cristianismo, era a sua doutrina. “*E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina*” (Mateus 7.28). São Mateus disse isso no final do sermão da montanha, onde Jesus espalhou o que chamamos hoje de ensinamentos cristãos, ensinamentos esses que permanecem até hoje, e são nossos mandamentos. Isso é viver na graça.

Assassinato, na lei, é igual a tirar a vida de alguém. “*Ouviste o que foi dito aos antigos: não matarás; mas o que matar será culpado perante o juiz*” (Mateus 5.21). Porém, assassinato na graça é igual a odiar o irmão. “*Eu, porém, vos digo que qualquer que odiar seu irmão já é culpado perante o juiz*” (Mateus 5.22). “*Qualquer que odeia a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele*” (1 João 3.15). Adulterio na lei é igual a sexo. “*Ouviste o que foi dito aos antigos: não cometerás adulterio*” (Mateus 5.27). Adulterio na graça é igual desejo. “*Eu,*

porém, vos digo: que qualquer que atentar para uma mulher desejando-a, já em seu coração cometeu adultério” (Mateus 5.28).

Em tudo isso fica a pergunta: Essa geração está vivendo mesmo na graça ou em desgraça? “*Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?*” (Romanos 6.1-2).

A importância da lei nos dias de hoje

Se você é um evangélico não regenerado, não convertido, que não nasceu de novo, quanto mais você ouvir falar da graça de Deus, mais rápido você se perderá. Você ficará frio, banalizará o amor de Deus e sua infinita graça e sairá dizendo: “está tudo pago, não tenho que melhorar em nada”. Usará a graça como desculpa para os seus pecados. Isso tudo se você é um evangélico não convertido.

Normalmente, os que usam a graça como desculpa para suas condutas impuras, são os que mais precisam da graça.

Porém, se você verdadeiramente conheceu a Cristo e sua infinita glória, quanto mais ouvir falar da graça de Deus e o preço dessa graça na cruz do calvário, mais santo você será, mais temor terá. A graça não banaliza a lei, não banaliza vida de oração, não banaliza o pecado, ela conserta tudo através do arrependimento e fé. Você odiará o pecado e mais ainda odiará esse mundo.

Veja Tito 2.11-12: “*Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens. Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século, sóbria, justa e piedosamente.*”

O que é graça?

Graça é uma palavra terrivelmente interpretada. Defini-la de modo rápido é notoriamente impossível. Além da definição mais comum, vamos

tentar dar outras explicações e explicar também o que é graça.

A definição da palavra “graça” no Velho Testamento, *Chen*, é usada, por exemplo, em Gênesis 6.8: “*Noé achou graça diante do Senhor*”.

Intensamente relacionada à palavra *Chen*, está a palavra *Chanan*, que significa “mostrar favor”. No Novo Testamento, “graça” é uma tradução da palavra grega *Charis*, que significa “elegância”, “benevolência”, “favor” ou “gratidão”.

Graça não é meramente um favor imerecido, é favor concedido a pecadores que merecem a ira de Deus.

Graça é a iniciativa soberana de Deus para com os pecadores (Lucas 6.27-36).

Graça não aconteceu somente em Cristo. Nós estamos na graça (Efésios 1.5-6).

Toda a vida cristã é dirigida pela graça (Romanos 5.2).

Devemos crescer na graça (Hebreus 13.9).

Graça é a influência voluntária e benevolente de um Deus santo, que age soberanamente na vida de pecadores indignos (2 Pedro 3.18).

Benevolência é um atributo de Deus de conceder graça (Salmo 112.4).

Charis é encontrada no texto grego 155 vezes. Somente nas epístolas de Paulo é encontrada 100 vezes. Não possuímos a graça de Deus, nem controlamos sua ação. Somos sujeitos à graça de Deus.

Três tipos de graça

Os teólogos defendem a existência de três tipos de graça: uma é chamada de graça comum, a outra é chamada de graça salvadora e a outra é a graça soberana. Vamos abordar essas três vertentes.

Graça comum

A graça comum é conferida à humanidade em geral. É a graça que refreia a expressão completa do pecado e abranda os efeitos destrutivos do pecado

na sociedade humana.

A graça comum impõe uma restrição moral no comportamento das pessoas, mantém a aparência de ordem nos afazeres humanos. Ela reforça o sentido de certo e errado. Graça comum é Deus conceder bênçãos aos bons e maus.

“Deus faz nascer o sol para maus e bons, e vir a chuva sobre justos e injustos” (Mateus 5.45). Isso é graça comum. A graça comum não é redentora. A graça comum não perdoa pecados. A graça comum não purifica pecadores. A graça comum não renova os corações. A graça comum não aproxima o homem de Deus. A graça comum não estimula a fé.

Pode convencer de pecado e instruir a alma do homem acerca da existência de Deus, mas a graça comum sozinha não conduz à salvação eterna. Então, a graça comum não possibilita a salvação, serve apenas para nos fazer viver bem e com moral, com senso de certo ou errado nesse mundo.

Graça salvadora

A graça salvadora é a obra irresistível de Deus que livra o homem da punição da ira de Deus e do pecado, a graça salvadora renova a pessoa interior e santifica o pecador por meio da ação do Espírito Santo.

Naturalmente, quando o Novo Testamento usa o termo “graça”, está se referindo a charis, que significa “favor”, então, está se referindo à graça salvadora. A graça salvadora reina pela justiça para a vida eterna.

A graça salva, santifica e glorifica a alma (Romanos 5.21).

Cada estágio do processo da salvação é governado pela graça (Romanos 8.29-30).

Graça soberana

Não fomos nós que escolhemos a Deus.

Não amamos a Deus primeiro, mas Deus nos amou primeiro, e nós apenas respondemos a esse amor.

É o próprio Deus que opera em nós a vontade de fazer e o próprio fazer.

Graça soberana é Deus me escolher quando eu ainda não poderia escolhê-lo.

Qual graça é ensinada, hoje em dia, nas igrejas?

Graça de Deus ou graça barata? É claro que a graça que é ensinada, hoje em dia, nas igrejas, é a graça barata.

Graça barata é a pregação de perdão que não requer arrependimento. É o batismo sem disciplina, é participar da ceia sem confissão, é absolvição de pecados sem nenhuma convicção, é crescimento espiritual sem discipulado, é cruz sem dor, é cristianismo sem Jesus, é evangelho sem arrependimento, é o amor sendo pregado como a concepção maior de Deus, é o perdão como a única doutrina da salvação.

Graça barata é alterar a posição do crente sem afetar seu conteúdo. Graça barata chama pecadores a Cristo, mas não lhes ordena que se arrependam. Graça barata é confundir amor de Deus com tolerância de Deus, é viver no pecado e usar o amor de Deus como base dessa conduta. O termo em si é ofensivo, mas a graça barata é a “pseudograça”, é uma graça autoconcedida. Graça barata é barata em valor, não em custo, ou seja, a graça é cara, mas barateada ao ser vendida. Bonhoeffer disse: “A tendência de baratear a graça tem levado sua destruição até o coração do cristianismo”.

Contrastes entre as graças

A graça de Deus é educadora, a barata não.

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens. Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século, sóbria, e justa, e piedosamente.”
(Tito 2.11-12)

Paulo disse: “... Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Viveremos em pecado, se para este morremos?”

(Romanos 6.1-2). “A graça reina por meio da justiça” (Romanos 5.21).

A graça barata está se tornando, rapidamente, a propaganda mais popular no desfile evangélico.

Graça não é de graça, mas é dada de graça

Em Efésios 1.6, Paulo diz: “Para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado”.

O que aprendemos com isso? Em primeiro lugar, graça não significa “de graça”, mas a graça é dada de graça. Ou seja, “graça” é seu plano amoroso. “Graça” é seu sacrifício lindo na cruz, graça é seu infinito amor por mim, graça é seu perdão, graça é sua misericórdia, graça são seus dons diversos dados a nós, graça é sua bondade, graça é Ele me conceder arrependimento, graça é Ele me conceder fé, graça é tudo o que Ele nos concede, graça é o nome que se dá para o meio de tudo que Deus concede ao homem.

Um pequeno exemplo para entendermos melhor: Ele concede seu amor pela sua graça (favor imerecido), e faz isso gratuitamente, porque não pagamos nada por isso. Então, graça não é de graça, graça é favor, e Ele fez o favor e não cobra por isso, aí Ele concede a sua graça, gratuitamente. Tudo o que Deus faz ao homem, está prestando um amoroso favor. A única coisa que nos resta dizer quando recebemos um amoroso favor, é “Muito obrigado”. Tudo isso é caro, é precioso, tudo isso tem um preço abismal, mas tudo isso Ele nos deu de graça. Por isso Paulo diz: “Ele nos deu sua graça, gratuitamente”. Quer dizer, bênção pela qual não trabalhamos para obter, favor sem nenhum merecimento, bondade de Deus, não resultante de méritos.

Somos salvos pela graça de Deus

Então, graça não é de graça, pregar o evangelho da graça, não é pregar o evangelho sem preço, de graça. Pregar o evangelho da graça é pregar o evangelho do seu amor, da sua bondade, da sua misericórdia, do seu

sacrifício, do arrependimento, da fé, dos dons, da cruz e da ressurreição, e não dizer que tudo isso, esse evangelho da graça, é concedido de graça, mesmo com um alto preço.

Veja a diferença entre custo e preço nessa frase:

“Ganhei um carro.” Onde está o custo e o preço nessa frase? Ganho é igual a favor, carro é igual a custo, gratuitamente é igual a meio, e o meio é o preço, ou seja, sem preço algum. Por mais que o carro venha para mim sem custo, ele continua tendo o seu preço, continua sendo caro, mas para mim foi gratuito, e esse gratuito foi apenas o meio pelo qual o favor de Deus, que é a sua graça, me concedeu algo tão valioso que é a salvação. Ou seja, a salvação foi pela graça dada de graça, mas foi cara, mesmo me sendo concedida de graça. Não paguei nada por isso. Mas como pregar esse paradoxo?

Devemos pregar o custo do evangelho, como ele é caro, como ele é precioso, como é difícil, mas devemos dizer que ele pode ser concedido sem preço, que apesar do alto custo e da preciosidade da salvação, pode ser concedido de graça pela graça, bastando apenas eu responder positivamente ao amor de Deus. A graça é o custo. De graça é o preço. O evangelho é caro, de tão caro que é, não tem preço, e é pregado por um alto custo.

Confirmaremos também esse fato nos textos abaixo:

Efésios 2.8-9 diz: “*Pela graça sois salvos mediante a fé; e isso não vem de vós é dom de Deus; não das obras para que ninguém se glorie nelas*”. A graça de Deus não admite qualquer mérito da parte humana.

Atos 15.11 diz: “*Cremos que fomos salvos pela graça do Senhor*”.

Atos 18.27: “*Tendo Apolo chegado, auxiliou muito aqueles que, mediante a graça, haviam crido*”.

Viu só como o crer também é sua graça? O crer em Deus também é uma expressão do amor de Deus para conosco. Ou seja, eu creio em Deus, pela sua graça, que me deu gratuitamente. Paulo diz, em Romanos 3.24: “*Somos justificados gratuitamente, por sua graça*”. Aleluia! Então, de uma vez por

todas, separe graça de “de graça”. O evangelho da graça é o evangelho do favor de Deus. Não o evangelho “de graça”. O evangelho do favor é dado gratuitamente. A expressão, no versículo 6, pode ser traduzida literalmente por “Mediante o seu favor prestado a nós, temos sido agraciados”. Lindo, não é?

Graça em Jesus

Ele aceitava os pecadores, mas exigia mudanças. “Eu não te condeno, eu te perdoou, vai e não peques mais”.

Jesus aumentou o padrão. Graça é como Deus, pela sua infinita misericórdia, me dá força para vencer meus pecados e não para continuar neles. Graça é a boa vontade de Deus, que o inclina a conceder seu senhorio aos indignos. Graça não é simplesmente um favor imerecido, é também eliminar o merecimento dos pecadores à ira de Deus.

Capítulo Cinco

LIDANDO COM AS TENTAÇÕES

Já mencionamos que a cultura parecia ter abandonado a noção de pecado. As pessoas amam seu pecado. Não medem forças para racionalizá-lo.

Ao que parece, o pecado não é definido como uma questão de moralidade estabelecida, pelo contrário, é completamente subjetivo. Para o cristão, no entanto, a vida não pode simplesmente refletir nossos valores culturais. Não podemos tentar desculpar ou tolerar o pecado. Foi o pecado que colocou nosso salvador na cruz para derramar seu sangue e morrer. Foi o pecado que estabeleceu nossa inimizade contra Deus. Agora que o inimigo está vencido, não queremos nada que relate à velha vida. Agora que somos livres do pecado, que não somos mais escravos do pecado, que podemos dizer “não” a ele, que temos força para dizer “não” a ele, não temos que voltar a ser escravos.

Podemos vencer a tentação?

Embora sejamos cristãos, somos afligidos por tentações constantemente. Às vezes, isso parece esmaga-dor. No entanto, devemos perguntar: “É possível vencer a tentação? Como podemos triunfar sobre ela?”

Nosso inimigo é muito sutil e sua estratégia extremamente sofisticada. Devemos estar atentos aos seus ardis e ciladas.

Vamos um pouco mais além. Em razão da tendência permanente dos pastores e líderes de igrejas caírem em pecados desqualificados,

escandalosos e vulgares, muitos cristãos estão questionando se a igreja em si e seus líderes em particular estão se sujeitando a algum tipo de ataque para o qual não estavam preparados. Na verdade, muitos dos pregadores caídos responsabilizam forças demoníacas, fora do controle, pelo seu colapso moral. A Bíblia claramente nos responde: “*Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que possais suportar*” (1 Coríntios 10.13).

Esse verso, com certeza, é um dos mais claros e bem-vindos e confrontantes da Bíblia. Nenhuma tentação pode ser tão poderosa que seja capaz de nos deixar sem esperança para resisti-la. Satanás não é tão poderoso assim; os demônios, tão eficientes; a conspiração maligna não é inteligentemente maquiada; a carne não é tão fraca; o coração humano tão enganoso, a ponto de sermos deixados indefesos para sermos vitimizados pela tentação.

Esse verso contém princípios que nos ajudarão a triunfar sobre as tentações específicas por meio do entendimento mais profundo dos meios pelos quais elas trabalham, a natureza e a extensão delas.

As formas da tentação

Primeiro, somos advertidos sobre a tentação e como ela trabalha. Ela quer nos ultrapassar, nos pegar de surpresa quando estamos preparados, e então, nos dominar. Ela procura nos controlar.

A palavra tentação, no grego, é *peirasmós*, e pode ser traduzida por “teste ou tentação”. Testes e tentação são dois lados de uma mesma coisa. A vida é cheia de testes e cada um deles é uma tentação em potencial. Quando o coração é instigado para o mal, isso é tentação. Não é pecar, não é fazer, tentação é pensar a respeito, é ponderar isso em seu coração.

A vida está cheia de provas com potencial a serem transformadas em tentação. Por exemplo, quando estiver no meio de problemas financeiros,

você dirá: “Confiarei em Deus para suprir minhas necessidades. Vou economizar, viver de uma maneira simples, fazer um orçamento meticuloso, ser fiel às minhas obrigações. Viverei com pouco e confiarei no Senhor para satisfazer minhas necessidades”. Isso significa que você passou no teste. Mas se você disser: “Poderia pegar o dinheiro do caixa e ninguém vai saber. Poderia economizar fraudando o meu imposto de renda. Poderia cortar não pagando a quem devo”. Nesse caso, você transformou uma prova em tentação, porque seu coração foi instigado para o mal.

A provação pode ser uma frustração pessoal. Talvez você tenha tido expectativas de alguém que frustrou suas esperanças, ou talvez você aceite as circunstâncias com um coração confiante, e ame aquela pessoa apesar de seu desapontamento, ou pode começar a sentir ódio e amargura em seu coração. No momento em que pensamentos maus povoam o seu coração, suas provas se transformam em tentações.

Uma coisa devemos entender sobre tentações: Deus envia provações, mas não envia tentações. Então, como ela acontece? Tiago 1 nos diz: “*Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera morte*” (vs 14,15). É a sua própria cobiça que produz o apelo pelo mal. Deus tão somente nos dá dons perfeitos: “*Não vos enganeis, meus amados irmãos. Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudanças*” (vs 16,17). Deus é perfeito, imutável, invariável. Não é responsável por nossas tentações, embora envie provações para nos testar.

A vitória então começa com a compreensão de como a tentação vem. Ela vem quando respondemos de maneira errada às provações. Vem quando somos influenciados por nossa própria cobiça. Isso planta a semente do pecado e, quando ela frutifica, o fruto é a morte. Então precisamos aprender a responder corretamente às provações.

A natureza da tentação

Voltemos à maravilhosa promessa de 1 Coríntios 10.13 para ver a verdadeira natureza da tentação: “*Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, justamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que possais suportar*”.

Em poucas palavras, a tentação é humana, não é sobrenatural. Ela não tem uma força tão poderosa, tão extraordinária a ponto de nos deixar perdidos no que diz respeito a lidar com ela. A tentação é comum à humanidade. As tentações que você enfrenta são as mesmas tentações que todos enfrentam. São as mesmas para todos nós. As tentações que você tem, são as mesmas que eu tenho. Podemos ser suscetíveis a vulnerabilidades distintas, mas as tentações em si são as mesmas de todos nós.

As tentações que passamos são as mesmas que Jesus passou. Hebreus 4.15 diz: “*Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas; antes, foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado*”. Hebreus 2.17 diz que Ele se tornou semelhante aos irmãos em todas as coisas. Ele sofreu exatamente as mesmas tentações que são comuns a todos nós. Por isso, Ele é o sumo sacerdote fiel e misericordioso. Por isso, Ele é tocado pelo mesmo sentimento de nossas fraquezas.

A extensão da tentação

Há limites para o tamanho ou extensão da tentação que Deus permite que enfrentemos. “*Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças*” (1 Coríntios 10.13). Deus conhece as nossas limitações pessoais. Se você é cristão, Deus planejou sua vida a fim de lhe dar segurança em Cristo, para sempre. Ele não permitirá que você enfrente prova maior do que sua vida espiritual pode suportar.

A situação de Pedro nos revela isso. Jesus disse a Pedro: “*Simão, Simão, eis que Satanás me pediu permissão para peneirar você como trigo! Eu, porém roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres,*

fortalece os teus irmãos" (Lucas 22.31,32). Já, na provação de Jó, Deus permitiu. A explicação mais simples é que Jó estava pronto para suportar todo tipo de provação e Pedro sequer ainda era convertido, como Jesus mesmo afirmou. Por esse mesmo fato, nenhum discípulo de Jesus foi preso quando Jesus foi preso. Eles não estavam prontos para passar por tamanha provação. Pedro mesmo quase atrapalhou tudo quando tirou uma arma e cortou a orelha do servo do sumo sacerdote (vs 50,51), mas, miraculosamente, Jesus curou a orelha e repreendeu Pedro, e os discípulos foram libertados (Marcos 14.50).

Qualquer que seja o nível de desenvolvimento espiritual de cada um, nosso Senhor Jesus nunca permitirá que sejamos tentados além da nossa capacidade. Se somos cristãos verdadeiros, não podemos apostar. Nosso próprio Senhor zela por isso.

O escape da tentação

Quando Deus permite que sejamos tentados, Ele sempre fornece um escape. Há sempre um caminho para a vitória. A palavra escape, no grego, é *ekbasis*, e está em 1 Coríntios 10.13. Significa, literalmente, "uma saída".

Esse verso contém uma verdade que talvez você nunca tenha percebido. Paulo nos diz exatamente qual é o caminho do escape: "*Juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que possais suportar*" (1 Coríntios 10.13). O escape é o caminho. O escape da tentação é suportá-la como uma prova e nunca permitir que ela se transforme em um apelo para o pecado. Então, o que fazer? Aceitá-la. Suportá-la com alegria (Tiago 1.2). Este é o caminho do escape.

Geralmente procuramos um caminho rápido para esse escape, porém não tem muito segredo.

O plano de Deus para nós é: Ele quer que tenhamos alegria ao passarmos pelas provas, pois "*a perseverança deve ter ação completa, para que sejais*

perfeitos e inteiros, e em nada sejas deficientes" (vs 4). Deus usa as provações para nos levar à maturidade.

Como podemos suportá-las? Há muitas respostas práticas. Vou mencionar somente algumas:

- **Primeira:** mediante a Palavra de Deus: "*Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti*". (Salmo 119.11);
- **Segunda:** ore: "*E não nos deixeis cair em tentação; mas livrai-nos do mal*" (Mateus 6.13). Em outras palavras, peça a Deus que não permita que a provação se transforme em tentação;
- **Terceira:** resistir a Satanás e submeter-se a Deus: "*Resisti ao diabo e ele fugirá de vós*" (Tiago 4.7).

A maioria dos heróis da fé suportou provas inacreditáveis. Se a nossa fé for genuína, ela nos capacitará a resistir, qualquer que seja a prova que o Senhor permitir que passemos. Se você acha que suas tentações são particularmente duras, o escritor de Hebreus nos lembra: "*Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até o sangue*" (Hebreus 12.4). Quando as provas vierem, devemos perseverar nelas até a vitória completa. Que consolo tremendo para nossa fé é saber que nenhuma prova que nos sobrevier será maior do que podemos suportar!

Enquanto isso, devemos ser fiéis e continuamente mortificar o nosso pecado. Devemos orar e pedir a Deus que nos livre das tentações malignas. Devemos nos recusar a atender aos ardentes desejos da nossa carne. Devemos buscar o completo propósito de Deus em permitir que sejamos tentados, pois o aperfeiçoamento da nossa fé é que leva à perseverança e à maturidade espiritual.

Capítulo Seis

PECADOS DA MENTE

Nenhum pecado é mais destrutivo para a consciência do que aquele que se estabelece no campo da mente.

Os pecados da mente assaltam a consciência como nenhum outro, porque a consciência é seu único impedimento. Afinal, quem, além de Deus e o pecador, os conhece? “*Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está?*” (1 Coríntios 2.11).

Muitas pessoas que não farão obras maléficas são, todavia, audaciosamente más em seus pensamentos. Um homem que se abstém do adultério por medo de ser pego, pode se convencer de que é correto tolerar fantasias obscenas porque acha que ninguém mais descobrirá seu pecado particular. Os pecados que deliberadamente distraem sua mente podem ser mil vezes mais maléficos do que qualquer coisa que já tenha pensado em fazer perante as pessoas. A Bíblia diz que a sua culpa é a mesma de como se tivesse realizado a fantasia.

Ceder aos pecados do pensamento, portanto, é molestar diretamente a consciência. Aqueles cujos pensamentos são impuros não podem ter consciência pura; a culpa é inerente ao pensamento mau. Quando os pensamentos são impuros a consciência também é. Portanto, nada é mais característico ao não-crente do que uma mente impura associada a uma consciência corrompida. “*Todas as coisas são puras para os puros; todavia*

para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas" (Tito 1.15). De fato, nada é mais danoso para a consciência do que o hábito de se contaminar com pensamentos maus. Infelizmente, uma vez iniciado, chegar à prática é muito mais fácil. Esse é um pecado que não precisa esperar por uma oportunidade; a mente pode pecar a qualquer momento, em qualquer lugar, sob qualquer circunstância.

Então o hábito é fácil e rapidamente estabelecido. O grande problema do pecado da mente, é que a plateia dele é Deus; você pensa, Deus assiste.

Uma vida de pensamentos pecaminosos

Por envolver faculdades interiores como mente, emoções, desejos, memória e imaginação, os pecados do pensamento trabalham diretamente na alma, a fim de incliná-la para o mal. Semeie um pensamento e colha um ato. Semeie um ato e colha um hábito. Semeie um hábito e colha uma conduta. Semeie uma conduta e colha um destino. Pensamentos maus formam e assentam o fundamento para qualquer outro pecado.

Ninguém nunca cai em adultério. O coração do adúltero é sempre moldado e preparado por pensamentos lascivos antes que ocorram os fatos. Da mesma maneira, o coração do ladrão está inclinado à cobiça. E o assassino é produto da ira e do ódio. Todo pecado é primeiramente incubado na mente. Jesus ensinou essa verdade aos seus discípulos: "*Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem, mas o comer sem lavar as mãos não contamina*" (Mateus 15.18-20).

Jesus estava ensinando que a verdade central da lei de Moisés era a verdade moral personificada nas exigências do ceremonial externo. No Novo Testamento, o coração é o lugar da pessoa completa. Mente, imaginação, emoções, consciência e vontades. O coração é frequentemente usado como

sinônimo de mente. Nesses versos, portanto, nosso Senhor estava condenando a fraqueza de uma vida de pensamentos impuros.

Guarde o seu coração

É relativamente fácil confessar e abandonar as obras do pecado, de pecados de omissão e não intencionais. Mas os pecados dos nossos pensamentos são os que dão cor à alma e danificam a personalidade, porque agem diretamente contra a consciência e a vontade. Tratá-los de maneira honesta e completa é um dos aspectos mais difíceis da mortificação do nosso pecado. Se alguma vez quisermos ver um real processo na santificação, devemos atacar e destruir os nossos hábitos pecaminosos com veemência. Se permitirmos que os nossos pensamentos sejam influenciados pelos valores do mundo, com certeza, nossa consciência será entorpecida. Se ou-vimos e consideramos as reivindicações das teologias ruins ou do credo da autoestima da psicologia moderna, certamente enfraqueceremos a consciência. Não apenas aqueles pensamentos sobre uma enorme quantidade de valores falsos e ídolos de um mundo incrédulo podem ser obstáculos devastadores para uma mente pura.

O Velho Testamento prudentemente registra essas verdades. Deus conhece o nosso coração. Se o nosso coração nos acusar, certamente, Deus é maior do que nosso coração, porque dele procedem as fontes da vida (Provérbios 4.23; Atos 15.8).

Jesus disse aos fariseus: “*Vós sois os que justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece vosso coração; pois aquilo que é eivado entre os homens é abominação diante de Deus*” (Lucas 16.15). Não é o que fazemos à vista de Deus infinitamente mais importante do que o que fazemos a vista dos outros? Além disso, os pensamentos do nosso coração são um verdadeiro teste de tornassol do nosso caráter: “*Porque, como imagina em sua alma, assim ele é*” (Provérbios 23.7). “*O homem de Belial, o homem vil, é o que anda com perversidade na boca, acena com os olhos, arranha com os pés*

e faz sinais com os dedos. No seu coração há perversidade; todo o tempo maquina o mal; anda semeando contendas” (Provérbios 6.12-14).

Você quer realmente saber quem você é? Avalie seriamente seus pensamentos. “*Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim, o coração do homem, ao homem*” (Provérbios 27.19). O comportamento exterior não é o espelho preciso do nosso caráter; os pensamentos do nosso coração é que revelam a verdade. Apenas a sua consciência e Deus podem avaliar a verdade real sobre você.

Os consoladores de Jó falsamente o acusaram de possuir uma vida de pensamentos impuros. Zoar tinha certeza de que ele tinha entendido o real problema de Jó: “*Ainda que o mal lhe seja doce à boca, e ele esconda debaixo da língua, e a saboreie, e não deixe; antes, o retenha no seu paladar*” (Jó 20.12,13). O “quadro” que ele pinta é de um pensador maldoso e vividamente verdadeiro para a vida. Porém Zofar julgou mal Jó. Jó cuidadosamente se cuidou contra os pensamentos lascivos e pecaminosos: “*Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?*” (Jó 31.1). Ele sabia que Deus era a plateia dos seus pensamentos: “*Ou não vê Deus os meus caminhos e não conta todos os meus passos? Se andei com falsidade, e se o meu pé se apressou para o engano (pese-me Deus em balança fiel e conhecerá a minha integridade)*” (vs 4-6).

Jó negou qualquer acusação de que seu coração tivesse seguido seus olhos (vs 7). Negou que seu coração estivesse seduzido por outra mulher (vs 9). “*Pois seria isso um crime hediondo, delito à punição de juízes*” (v 11). Encobrir a iniquidade no pensamento, ele disse, seria cobrir uma transgressão como fez Adão (vs 33). O próprio pensamento assustava sua mente justa.

Certamente, Jó estava bem consciente do perigo dos pensamentos pecaminosos. Ele, consciente e deliberadamente, colocou um guarda em seu coração para evitar qualquer pecado desse tipo. Até ofereceu sacrifícios a Deus no caso de seus filhos terem pecado em seus corações (Jó 1.5). O

cuidado de Jó em proteger seus pensamentos parece ter sido a razão de Deus tê-lo escolhido para essa bênção única (Jó 1.8).

Como a mente peca?

Jó entendeu o que os fariseus jamais entenderam.

Apenas porque você não age maldosamente, isso não é desculpa para um desejo secreto. A lascívia em si só é um terrível pecado. A ganância por si só é ruim. A avareza, a ira, o orgulho, a concupiscência, a inveja, o descontentamento, o ódio e todo o mau pensamento no coração são tão terríveis quanto o comportamento em si. Encobrir tais pensamentos no coração e se agradar deles é, em particular, um pecado repugnante contra Deus, porque a hipocrisia é acrescentada àquele primeiro mau pensamento.

No mínimo, há três maneiras da mente se engajar no pecado: lembrando, planejando e imaginando.

Pecados de lembranças

Uma maneira de tratar das lembranças dos pecados do passado é trazer à tona uma lembrança sombria de um pecado antigo e repeti-lo. Alguém que é totalmente arrependido de um pecado pode ainda sentir prazer com uma lembrança daquele ato? A resposta é sim, por causa da falsidade do nosso próprio coração e da pecaminosidade da nossa carne. Satanás trará todo lixo do nosso passado e tentará arrastá-lo de volta pela nossa mente para que revivamos.

O sabor da lembrança de um pecado do passado é especificamente uma forma abominável de pecado. Em Ezequiel 23, o Senhor condenou Israel comparando a nação com uma prostituta chamada Oolibá. Esta foi a acusação contra ela: “*Ela, todavia, multiplicou as suas impudicas, lembrando-se dos dias da sua mocidade, em que se prostituía na terra*” (v.19).

E a ruína espiritual que essa prática deixa na memória é tremenda. Ela endurece a consciência e corrompe o caráter.

Pecados planejados

A segunda maneira que a mente peca é planejando os pecados futuros. A Bíblia está cheia de fortes condenações àqueles cuja mente está engajada nesse tipo de atividade.

Algumas pessoas amam sonhar com o pecado que vão cometer, com o mal que anseiam fazer e com planos danosos que desejam criar. Seus pensamentos dão asas à sua ira, ódio, concupiscência, avareza, inveja, orgulho e todo desejo maligno.

Até os cristãos podem cair nesse hábito se não forem cuidadosos. Isso é o que Paulo estava prevenindo quando escreveu: “*Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências*” (Romanos 13.14).

Não façamos planos que irão alimentar os desejos carnais. Não tramemos planos malignos na nossa mente.

Pecados de imaginação

Um terceiro tipo de pecado que acontece na mente é puramente o pecado imaginário. É sobre isso que Jesus se referia quando disse: “*Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela*” (Mateus 5.28). Talvez você nem tenha a intenção de algum dia fazer tal coisa, mas Jesus disse que se você alguma vez a imaginasse seria culpado.

Isso estabelece um padrão altíssimo, mas é o nível de pureza que devemos manter se queremos ter uma consciência limpa. Todo pecado da imaginação ofende a consciência saudável. Aquele que tolera este tipo de pecado no coração, como um hábito, dá evidências irrefutáveis de uma consciência pervertida e endurecida. É aqui que o nosso autoexame se torna mais consciente e que devemos treinar a nossa consciência a ser mais sensível.

As pessoas fantasiam os pecados que desejam cometer. Imaginam como seria perder-se em suas paixões preferidas, descarregar vingança em um

inimigo ou ferir alguém que detestam. Imaginam um roubo, fantasiam um relacionamento ilícito ou visualizam matar alguém. Porém, muitos pecados imaginários não são abomináveis assim. As pessoas sonham cobiçado ganhar na loteria. Imaginam-se com grande poder, saúde ou prestígio. Fazem castelo no ar, imaginando como seria o casamento com outra pessoa, sonham com férias luxuosas ou satisfazem sua glotonaria em uma comilança imaginária.

Esses pecados são realmente desastrosos? Sim, nos corrompem (Mateus 15.18-20). São abomináveis a Deus: “*O pensamento do insensato é pecado, e o escarnecedor é abominável aos homens*” (Provérbios 24.9). Todo pensamento que não honre a Deus, não exalte a Cristo e não represente uma total obediência a Deus, é pecado. A cobiça, a base da maioria das nossas fantasias malignas, é expressamente proibida pelos dez mandamentos.

Não se atreva a pensar que esses pecados do pensamento são simplesmente sem importância. Eles abrem a porta para as verdadeiras sombras do pecado.

Tiago 1.15 diz: “*Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera morte*”.

Por isso, Davi clamou para Deus ajudá-lo na linha de defesa da batalha: “*Cria em mim, ó Deus, um coração puro*” (Salmo 51.10). Foi um apelo por uma consciência sã, brotando de uma mente pura.

Discernindo os pensamentos e intenções do coração

Você percebe que a diferença entre um cristão sincero, controlado pelo Espírito, devotado, piedoso e obediente e outro derrotado, fraco e em má situação, é aquilo que ocupa a sua mente? Eles podem frequentar a mesma igreja, atuar nos mesmos ministérios e fazer as mesmas coisas, porém um é derrotado e o outro vive uma vida frutífera espiritualmente. A diferença está na esfera do pensamento.

Um dia, a diferença será manifesta. Paulo disse aos Coríntios que um dia o Senhor “*trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações*” (1 Coríntios 4.5). Jesus disse algo semelhante: “*Nada há oculto, que não haja de manifestar-se, nem escondido, que não venha a ser conhecido e revelado*” Lucas 8.17). E, “... *Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é hipocrisia. Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido*” (Lucas 12.1,2).

Insisto que você olhe profundamente no espelho da Palavra de Deus (Tiago 1.23,24), que é poderosa “para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hebreus 4.12), como Jeremias confrontou a Israel: “*Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejais salva! Até quando hospedarás contigo maus pensamentos?*” (Jeremias 4.14). E “*purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus*” (2 Coríntios 7.1).

Leve cativo à obediência cada pensamento

Como podemos tratar do problema dos maus pensamentos? O processo é como manter a mortificação do pecado. Envolve os seguintes passos:

Confesse e abandone o pecado

“*Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.*” (Isaías 55.7)

Se seus pensamentos nutrem pecados de imoralidade, de ódio de alguém, de vingança, de amargura, de cobiça ou qualquer outro que seja, confesse a Deus. “*Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar todos os pecados e nos purificar de qualquer injustiça*” (1 João 1.9).

Recuse-se a acolher esse pensamento

Proponha abandonar esses padrões de pensamentos errados imediatamente e adquira hábitos novos e justos. Se você se pegar

escorregando na mesma maneira de pensar, confesse seu pecado e, mais uma vez, recuse-se a dar lugar aos maus pensamentos. Conscientemente, dirija sua mente e fixe-a em coisas puras: “... *Tudo que é verdadeiro, tudo que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento*” (Filipenses 4.8). Em outras palavras, reprograme sua mente com a verdade e a justiça.

Alimente-se da Palavra de Deus

“*Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti*” (Salmo 119.11).

A palavra isola a mente, fortifica o coração, ocupa a alma e fortalece contra os maus pensamentos. Somente quando usamos a espada do Espírito com habilidade é que podemos mortificar nossas imaginações carnais (Efésios 6.7).

Evite o encanto do mal

Não se exponha às atividades, imagens ou conversas que provocam maus pensamentos. Como Jó, faça um pacto com seus olhos (Jó 31.1), com seus ouvidos ou qualquer um dos sentidos que o leve a ter imaginação para a perversidade. Isso é o que Jesus quis dizer com uma linguagem figurada, quando disse: “*Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E se a tua mão direita te faz tropeçar corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um de seus membros, e não todo o corpo para o inferno*” (Mateus 5.29,30).

Cultive o amor de Deus

Davi disse, no Salmo 119.97: “*Quanto amo a tua Lei! É minha meditação todo dia!*” E depois, quatro versos adiante, disse: “*De todo mau caminho desvio os pés, para observar a tua palavra*” (v.101). Se mantivermos nossa

mente fixa nas coisas do alto, as da terra não nos causarão a mesma fascinação (Colossenses 3.2). “... *Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração*” (Mateus 6.21), e onde estiver o teu coração, também estarão os teus pensamentos.

Davi finalizou o Salmo 19, seu grande hino à suficiência das Escrituras, com essas palavras: “*Quem há que possa discernir as próprias falhas? Absolve-me das que são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão. As palavras dos meus lábios e o mediador do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, Rocha minha e Redentor meu!*

” (vs 12-14).

Esse é o estado da mente de toda pessoa verdadeiramente piedosa. É esse também o objetivo da instrução bíblica: “... *é o amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia*” (1 Timóteo 1.5).

Como estão, agora, nesse momento, sua vida e seus pensamentos?

Capítulo Sete

ARREPENDIMENTO: A PRIMEIRA PREGAÇÃO DO EVANGELHO

Quem lê com frequência as Sagradas Escrituras, sempre perceberá que o pecado é o assunto mais corriqueiro e abordado de toda a Bíblia. Na realidade, a Bíblia é o único livro que aborda esse tema. A perspectiva que é abordada pela Bíblia acerca do tema é e sempre será negativa. Fato é que a Bíblia jamais será um livro atraente para uma sociedade simpatizante do pecado. Por isso, a doutrina do arrependimento caminha paralelamente dentro da Bíblia. Não dá para ensinar um e esquecer o outro. É por isso também que onde se prega muito sobre as negatividades do pecado, irá se pregar sobre a positividade do arrependimento. Onde não se prega sobre pecado, não haverá necessidade da pregação de arrependimento. Uma coisa está ligada a outra. Não há remédio para quem não está doente. Não que onde não se prega sobre pecado, não haja pecadores, porém, acredito que onde não se prega sobre pecado, haverá um maciço grupo de pessoas que não vê pecado como ele realmente o é, não se sentirá tão pecador assim, não verá a necessidade do santo remédio contra o pecado que é o verdadeiro e genuíno arrependimento.

Embora a palavra “arrependimento” seja corriqueiramente mencionada em nosso vocabulário, ela é terrivelmente mal interpretada.

Eu encontro muitos motivos do por que a doutrina do arrependimento é negligenciada.

Primeiro: É possível notar o pouco caso das igrejas em relação às diversas doutrinas bíblicas e, obviamente, quanto à doutrina do arrependimento. Eu já ouvi pregadores dizerem: “Não se deve pregar doutrinas na igreja! Isso divide as pessoas.” Eu logo digo: “Divide mesmo, divide bodes e ovelhas”. Não há nada pior para um pastor do que um rebanho cheio de bodes entre as ovelhas ou lobos vestidos de ovelhas e, é claro, querendo devorar as ovelhas. A igreja, nunca, jamais será uma multidão diversificada; a igreja de Cristo é composta somente de um tipo, as chamadas “ovelhas”. Não pode ser da igreja de Cristo quem não é ovelha, ou seja, não se pode dizer: “Sou bode, mas quero ser da igreja; sou lobo, mas quero ser da igreja, sou jabuti, mas quero ser igreja”. Não, não mesmo! Temos diversidades de dons, diversidades de ministérios, mas não temos diversidades de raças na igreja; ou todos são ovelhas, ou quem não é ovelha, não é igreja.

Segundo: Um outro fato é que muitos que acre-ditaram no poder da pregação do arrependimento, fracassaram na sua luta contra o pecado. Isso os fez recuar quanto à pregação de arrependimento. Agora, por isso, eles, não conseguindo mudar de vida, mudam o jeito de crer. Porque, quando você não consegue mudar de vida, você muda sua teologia. Fato é que, essas pessoas, mesmo acreditando na doutrina do arrependimento, jamais se arrependeram, apenas entenderam que deveriam se arrepender.

Terceiro: Grande parte das igrejas acredita que o arrependimento é opcional. Alguns chegam a dizer, alguns se arrependem, alguns podem se arrepender, mas nem todos se arrependem. A consequência dessa errônea maneira de pensar, vai assim, dia após dia, arrastando multidões para o

inferno. Jesus disse em Lucas 13.3 e 5: “*Se vós não vos arrependerdes, todos, de igual modo, pereceréis*”. Percebeu onde está a opção aí? Arrependimento é uma necessidade urgente e não há salvação para aqueles que não se arrependem de seus pecados. Sem arrependimento, fica quase impossível distinguir a igreja do mundo.

Quarto: Um outro ponto pernicioso contra a doutrina do arrependimento é o fato de alguns dizerem que arrependimento não é condizente com a mensagem da graça, porque arrependimento seria obra, e nós somos salvos pela graça, então, devido a esse fato, seria algo “antigraça” pregar sobre arrependimento. Esses falsos profetas cometem um erro clássico, que é interpretar equivocadamente as Escrituras.

Arrependimento e fé são feitos da graça de Deus. Paulo diz, em Romanos 2.4: “*Ou despreza tu a imensa bondade e misericórdia de Deus, não percebendo que é a própria misericórdia de Deus que nos leva ao arrependimento?*”. Você percebeu que o arrependimento não é obra nossa, é graça, é proveniente de Deus? Assim como a fé também “... *não vem de vós é dom de Deus*” (Efésios 2.8). O arrependimento, também é gerado em nós pelo Espírito. Sempre quando Deus quiser mostrar misericórdia, ele nos leva ao arrependimento.

Quinto: No meu ponto de vista, um dos motivos pelo qual o arrependimento tem sido negligenciado, está no fato de darmos muita ênfase na mensagem triunfa-lista, positivista que tem por finalidade, apenas fazer o homem se sentir bem. Bom, assunto esse amplamente abordado por nós anteriormente no livro. Ou seja, se queremos que as pessoas se sintam bem em nosso meio, arrependimento irá fazer se sentir para baixo, sentir-se mal. Uns chegam a dizer que a mensagem de arrependimento ofende as pessoas. Costumo dizer: “As pessoas passam a vida ofendendo Deus com

seus pecados, e não querem ser ofendidas pela verdade". John Piper diz: "*Deus ofende a mente para alcançar o coração*".

Uma mensagem genuína não é aquela que você sai satisfeito com o pregador, mas aquela que você sai insatisfeito consigo mesmo, procurando mudar. Isso é pregação que Deus abençoa.

Se não confrontarmos a certeza da salvação das pessoas, corremos o risco de não vê-las salvas. É a pregação de arrependimento que testa nossas convicções.

A primeira pregação do Evangelho

A primeira pregação do Evangelho não é sobre amor, não é sobre graça, não é sobre misericórdia, não é sobre perdão. A primeira pregação do Evangelho é sobre arrependimento. De Mateus a Apocalipse, encontramos dois temas como sendo principais, sendo o primeiro sobre o Retorno de Cristo e o segundo a mensagem do Arrependimento.

Veja, em Lucas 1.13, o que um anjo disse a Zacarias: "*Não tenha medo, Zacarias; sua oração foi ouvida. Isabel, sua mulher, lhe dará filho, e você lhe dará o nome de João*". Esse anjo disse muitas coisas a Zacarias, fez-lhe muitas promessas, mas o fato mais marcante está nas palavras que se referiam ao ministério em si de João, e diz assim: "*Ele fará retornar muitos dentre o povo de Israel ao Senhor, o seu Deus. E irá adiante do Senhor, no espírito e no poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, para deixar um povo preparado para o Senhor*" (vs 16-17).

Alguns anos mais tarde, lemos assim: "*Naqueles dias surgiu João Batista, pregando no deserto da Judeia. Ele dizia: Arrependam-se, porque é chegado o Reino de Deus. João é aquele que foi anunciado pelo profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho para o Senhor, façam veredas retas para ele*" (Mateus 3.1-3).

É disso tudo que se trata a mensagem do arrependimento. É disso tudo que se trata ser um pregador de arrependimento, preparar não somente um povo para Deus, como também um caminho para o Senhor. É uma mensagem extremamente responsável. A mensagem do arrependimento é o arado que joga a sujeira para cima, e para quê? Para que a terra fique completamente nivelada para o plantio e, consequentemente, a futura colheita. A mensagem do arrependimento, nivela também as estradas e, nesse ponto, para quê? Como percebemos, para que o nosso Senhor possa passar por ela.

Portanto, há um ponto de extrema importância na mensagem de João, na questão do batismo.

Nenhum pregador tem o direito ou responsabilidade ou dever de batizar qualquer pessoa que esteja resoluta na prática do pecado. Os candidatos ao batismo necessitam mostrar frutos de arrependimento. Se não mostrarem frutos de arrependimento, o batismo não deve ocorrer.

João dizia: “Arrepentam-se e sejam batizados”. Percebeu? Quantos pregadores, hoje em dia, levam isso como critério? Levam isso em consideração? Deve-se mostrar frutos do arrependimento, ou seja, mostrar que entendeu o Evangelho, que comprehendeu, que ele não é e não será uma velha criatura. Jesus disse, em Marcos 16.16: “*Quem crer e for batizado será salvo, quem não crê, já está condenado*”. Repare duas coisas nesse texto. Primeira: “Quem crer e for batizado”. A palavra “crer”, no grego, é *Pistis*, que quer dizer pleno entendimento, ou seja, o que Jesus está dizendo é: “Quem entende e é batizado será salvo”. Ou seja, não devemos jamais batizar pessoas que não compreenderam o evangelho, que agora elas se tornarão uma nova criatura, e a velha criatura morreu. Isso é o arrependimento, essa é a mudança de mente, e é isso que o candidato ao batismo precisa mostrar para ser batizado. João não disse: “Sejam batizados e arrepentam-se”. Ele disse: “arrepentam-se e sejam batizados”. Segunda: “Quem não crer já está condenado”. Percebeu? Jesus não precisa condenar ninguém ao inferno.

Todos nascem, por causa do pecado original, com o caminho traçado ao inferno. É o arrependimento e fé no nosso Senhor Jesus que mudará esse curso.

Portanto, concluímos que a pregação que precedeu o Evangelho foi uma pregação de arrependimento.

A pregação de Jesus

O início do ministério público de Jesus Cristo sempre estará ligado ao ministério de João Batista. A pregação de Jesus não foi diferente da pregação de João Batista. Veja, em Marcos 1.14-15: “*Jesus foi para a Galileia, proclamando as boas novas de Deus: O tempo é chegado, dizia ele. O reino de Deus está próximo. Arrepentam-se e creiam nas boas novas!*”

Agora, observe que tanto João quanto Jesus, associava o Reino de Deus com a mensagem de arrependimento.

Arrependimento não é o cartão de entrada para o reino de Deus, mas é a condição para obtermos cidadania nesse reino. É como pensarmos em alguém privilegiado.

A pregação de Cristo acerca de arrependimento, como vemos em Marcos 1.15, está completamente conectada à fé: “*Arrependei-vos e crede no Evangelho*”.

Pecadores que vêm contaminados pelos pecados irão se encontrar em uma situação totalmente mais esperançosa do que aqueles que estão convictos de sua saúde. São os que pedem socorro que serão socorridos, são os que clamam ao Mestre que não morrerão, e é assim que começa o entendimento do que é arrependimento.

Um fato importante nas pregações de Cristo, é que o arrependimento não apenas foi a primeira pregação de Cristo como foi também a última. “*Está escrito que o Cristo havia de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas dessas*

coisas. Eu lhes envio a promessa de meu Pai; mas fiquem na cidade até serem revestidos de poder do alto” (Lucas 24.46-49).

Devemos ponderar alguns pontos de extrema importância:

- Primeiro: Arrependimento foi a pregação que precedeu o Evangelho;
- Segundo: Arrependimento foi a pregação do evangelho através de Jesus;
- Terceiro: Jesus mandou os apóstolos pregarem o arrependimento, como acabamos de ler em Lucas 24.46-49: “*Em seu nome, se pregasse arrependimento para perdão de pecados*”;
- Quarto: A pregação de arrependimento para perdão de pecados deve ser feita em nome de Jesus;
- Quinto: A pregação de arrependimento para perdão de pecados deve ser proclamada a todas as nações;
- Sexto: Toda expansão, ministério evangelístico e esforço missionário devem ser feitos, tendo o arrependimento como tema principal de sua pregação. Não fazer isso significa violar o mandamento do Senhor.

A pregação dos discípulos

Já sabemos que o arrependimento é a pregação que precedeu o evangelho. Também já sabemos que o arrependimento é a pregação de Jesus. Aprendemos também que Jesus mandou que todos pregassem arrependimento, portanto, veremos se os discípulos obedeceram e também fizeram dessa mensagem a sua principal mensagem.

Marcos 6.12 diz assim: “*Eles saíram e pregaram ao povo que se arrependesse*”. Junto com a autoridade e poder para curar enfermos e expulsar os demônios, os discípulos receberam também como incumbência, a ordem de pregar o arrependimento, e agora vemos que sim, eles

obedeceram essa ordem, e saíram por todos os lados e cidades, ordenando ao povo que se arrependesse.

Certamente, a mensagem que eles pregaram não era uma mensagem nova: “*Arrependam-se, porque é chegado o Reino de Deus*”. João Batista também pregou isso, Jesus também pregou isso e, agora, eles estão formulando a mesma retórica: “*arrependei-vos, porque é chegado o reino de Deus*”.

A pregação de Pedro

Logo depois da ressurreição de Cristo, depois daquele fatídico ato de Pedro de negar Jesus três vezes, Jesus vem e o restaura, e sua vida é completamente mudada.

No dia de pentecostes, ao leremos o discurso e pregação de Pedro, vemos que realmente é um novo Pedro, completamente mudado e transformado. “*Portanto, que todo Israel fique certo disto: Este Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo*”. E o texto continua: “*Quando ouviram isso, os seus corações ficaram aflitos, e eles perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: Irmãos, que faremos? Pedro respondeu: Arrependam-se, e cada um de vocês sejam batizados em nome do Senhor Jesus Cristo, para perdão dos pecados, e receberão o dom do Espírito Santo. Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, e para quantos o Senhor chamar*” (Atos 2.36-39).

Então, levando em conta o sermão de Pedro no dia de Pentecostes, vemos que o sermão da inauguração da igreja do Senhor também foi de arrependimento.

A pregação de Paulo

O chamado e a mensagem de Paulo consistiam em pregar arrependimento aos povos não judeus.

Quando se dirigiu ao povo da igreja de Éfeso, o assunto em questão foi a pregação do arrependimento, dizendo: “*Quando chegaram, ele lhes disse: Vocês sabem como vivi todo tempo em que estive com vocês, desde o primeiro dia em que cheguei à província da Ásia. Servi ao Senhor com toda a minha humildade e com lágrimas, sendo severamente provado pelas conspirações dos judeus. Vocês sabem que não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, mas ensinei-lhes tudo publicamente e de casa em casa. Testifiquei, tanto a judeus como a gregos, que eles precisam converter-se a Deus com arrependimento e fé em nosso Senhor Jesus*” (Atos 20.18-21).

Em Romanos 2.4, Paulo, pregando aos romanos sobre arrependimento, diz: “*Será que você despreza as riquezas da sua bondade, tolerância e paciência, não reconhecendo que a bondade de Deus o leva ao arrependimento?*”. E aos Coríntios, ele volta a pregar sobre arrependimento e diz: “*Agora me alegro, porém, me alegro não porque vocês foram entristecidos, mas porque a tristeza os levou ao arrependimento. Pois vocês entristeceram como Deus desejava, e de forma alguma foram prejudicados por nossa causa. A tristeza segundo Deus produz um arrependimento que leva à salvação e não ao remorso, mas a tristeza do mundo produz morte. Vejam o que essa tristeza segundo Deus produziu em vocês: que dedicação, que desejo de ver a justiça feita! Em tudo vocês se mostraram inocentes a esse respeito*” (2 Coríntios 7.9-11).

A Timóteo, sobre o arrependimento, ele diz: “*Ao servo do Senhor, não convém brigar mas, sim, ser amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade*” (2 Timóteo 2.24-25).

A pregação de Jesus para as igrejas do Apocalipse

Das sete igrejas da Ásia Menor registradas no livro do Apocalipse, cinco delas foram duramente repreendidas pelo Senhor Jesus. E todas tiveram em

comum a mesma mensagem de arrependimento.

Vejamos como o Senhor confronta cada uma delas:

A Éfeso: “Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: ... Contra você, porém tenho isto, você abandonou o seu primeiro amor. Lembra-te de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio. Se não arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do seu lugar” (Apocalipse 2.1-4,5).

A Pérgamo: “Ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: (...) No entanto, tenho contra ti algumas coisas: você tem aí pessoas que se apegam aos ensinos de Balaão, que ensinou Balaque a armar ciladas contra os israelitas, induzindo-os a comerem alimentos sacrificados a ídolos e a prática de imoralidade sexual. De igual modo você tem também os que se apegam aos ensinos dos nicolaítas. Portanto, arrependa-se! Se não, irei em breve até você e lutarei contra eles com a espada da minha boca” (Apocalipse 2.12,14-16).

A Tiatira: “Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: ... No entanto, contra você tenho isto: você tolera Jezabel, aquela mulher que se diz profetisa. Com os seus ensinamentos, ela induz meus servos à imoralidade sexual e a comerem alimentos sacrificados aos ídolos. Dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua imoralidade sexual, mas ela não quer se arrepender. Por isso, vou fazê-la adoecer e trarei grande sofrimento aos que cometem adultério com ela, a não ser que se arrependam das obras que ela pratica” (Apocalipse 2.18a, 20.22).

A Sardes: “Ao anjo da igreja em Sardes escreve: ... Esteja atento! Fortaleça o que resta e que estava para morrer, pois não achei suas obras perfeitas aos olhos do meu Deus. Lembre-se, portanto, do que você recebeu e ouviu; obedeça e arrependa-se. Mas se você não estiver atento, virei como um ladrão e você não saberá a que hora virei contra você” (Apocalipse 3.1a, 2-3).

A Laodicéia: “Dou lhe este conselho: Compre de mim ouro refinado no fogo e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez; e compre colírio para ungir seus olhos e poder enxergar.

Repreendo e corrijo aqueles que eu amo. Por isso, seja diligente e arrependa-se”
(Apocalipse 3.18-19).

A mensagem de arrependimento, como podemos ver, está presente em todas as exortações de Jesus para as igrejas da Ásia, e isso nos deixa a clara mensagem: Sempre quando Deus quer mostrar misericórdia, Ele leva o povo, igreja ou nação a se arrepender.

Ainda que apenas duas das sete igrejas não tenham tido a mensagem de arrependimento, qual seria a probabilidade de nossa era, de nossas igrejas não terem o chamado ao arrependimento? Será realmente que o Senhor não tem como prioridade a nós dessa era, o chamado ao arrependimento?

Ora, vejam bem, arrependimento foi a pregação de João, foi a pregação de Jesus, foi a pregação dos discípulos, foi a pregação de Paulo, de Pedro, foi a pregação às cinco igrejas passíveis de correção da Ásia, e por que não será a pregação de nossos dias? Temos o direito de mudar isso, de pregar o que quisermos e não confrontar, e levar a igreja ao arrependimento?

Arrependimento: o intenso clamor de Deus na Velha Aliança

Deus, por várias vezes, se entristece ao ver o fracasso do seu povo em se arrepender. E, para isso, ele envia vários chamados para que se arrependam.

Vejamos o conceito do arrependimento na Velha Aliança: “*Busquem ao Senhor enquanto se pode achar; clamem por ele enquanto está perto. Que o ímpio abandone seu caminho, e o homem mau os seus pensamentos; volte-se ele para o Senhor, que terá misericórdia dele; volte-se para nosso Deus, pois ele perdoará de bom grado*

” (Isaías 55:6-7). Essa palavra do profeta Isaías nos revela claramente o que é o coração do arrependimento.

Arrependimento não é apenas quando você chora, arrependimento é quando você muda. Esse texto nos deixa claro que pedir perdão não traz perdão, arrependimento traz perdão. O arrependimento está completamente ligado ao volver-se, a fazer o caminho de volta, ao abandono de pecado.

Quem pede perdão e não abandona o pecado, muitas vezes só quer se aliviar da culpa. O pedido de perdão, sem abandono de pecado não é aceito por Deus. Pedir perdão não traz perdão. Quando você pede perdão por um pecado que não irá abandonar, acontece um efeito contrário e, ao invés de ser perdoado, você terá a ira de Deus aumentada e acumulada. Veja o que Paulo diz, em Romanos 2.5: “*Mas por causa da dureza do seu coração insensível, e que não se arrepende, acumulas ira sobre ti no dia do juízo, quando se revelará o pleno juízo*”. Percebeu? Quando pedimos perdão por pecados que não temos a intenção de deixar, ao invés de sermos perdoados, temos ira acumulada.

É quem confessa e deixa o pecado que encontra misericórdia. Não tem valor algum para Deus pedir perdão por pecados que continuam a ser praticados. O escritor de Hebreus é ainda um pouco mais duro quando diz: “*Àqueles que vivem na prática habitual de pecado, depois de terem recebido pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados, mas sim uma horrível expectativa de fogo e enxofre prestes a consumir todos os inimigos de Deus*” (Hebreus 10.26-27).

O maior pregador de arrependimento da Velha Aliança foi o profeta Jeremias. Muitas partes de seu livro são dedicadas ao clamor do Senhor para que seu povo se arrependesse. “*Assim diz o Senhor: Coloque-se no pátio do templo do Senhor e fale a todo o povo das cidades de Judá que vêm adorar no templo do Senhor. Diga-lhes tudo o que eu lhe ordenar; não omita uma só palavra. Talvez eles escutem e cada um se converta de sua má conduta. Então eu não trarei sobre eles a desgraça que estou planejando por causa do mal que eles têm praticado*” (Jeremias 26.2-3). Que todos, que agora estão na prática do pecado, possam ouvir esse clamor de um Deus completamente santo e se arrepender. “*Não me faça trazer sobre vós desgraça*”. Veja, Deus está implorando: “eu não quero trazer, ou permitir a desgraça, não me forcem a isso, arrepensem-se agora mesmo”.

O coração do nosso Deus é completamente santo, suas emoções são santas, seus pensamentos são santos, seus juízos são santos, seus caminhos são santos, e ele não pode tolerar o pecador duro, impenitente, resoluto.

O coração de Deus salta, chora, grita de dor, quando diz: “*Enviei a vocês, repetidas vezes, todos os meus servos, os profetas. Eles lhes diziam que cada um de vocês deveriam converter-se de seus maus caminhos, corrigir as suas ações e deixar de seguir a outros deuses para prestar-lhes culto. Assim, vocês habitariam na terra que dei a vocês e a seus pais. Mas vocês não me deram atenção nem me obedeceram*

” (Jeremias 35.15).

Podemos ver a dor de Deus nessas palavras, o sentimento santo d’Ele está bem evidente nas letras.

É notório que o arrependimento é uma tristeza vinda de Deus ao nosso coração, é o clamor da santidade de Deus. Por isso, Paulo fala aos romanos: “... *Não percebendo que é a misericórdia de Deus, que produz arrependimento?*” (Romanos 2.4). Ou seja, o primeiro passo da misericórdia de Deus com um pecador que Ele não quer destruir é gerar, no coração dele, o arrependimento. Se você ainda chora por seus pecados, e sente o desejo agora de abandoná-los, é porque a misericórdia de Deus, ainda repousa sobre você. O homem não pode ser frio a duas coisas: à glória de Deus e ao seu pecado. É a misericórdia de Deus que nos leva a ver nossos pecados como Deus vê, não como nós vemos. Por isso, a coisa mais terrível e a maior arma de Satanás é fazer você se sentir vítima ao invés de se sentir culpado, ao invés de clamar por socorro. Satanás fará você se aceitar, se vitimizar, mas nunca ver seus pecados como Deus vê. A melhor maneira de fugir da culpa é se fazendo de vítima. Mas com Deus, essa tática desonesta não funciona. Ele sonda nosso coração, nos conhece por dentro e por fora. Por isso, grito: arrependam-se!

Pregadores devem pregar sobre arrependimento, confrontar o pecado e os pecadores, levar os homens às lágrimas pelos seus atos repugnantes diante da santidade de Deus. Qualquer ato de pecado, por menor que seja, será um

ato monstruoso diante da santidade de Deus. Ah, como carecemos de Sua misericórdia. Ah, como carecemos de chorar, de nos desesperar por nossos atos, voluntários ou involuntários. Foi isto que Davi disse: “*Vê se há em mim algum caminho mal*”. Nós não nos conhecemos, mas Deus conhece.

O que você me diz em ser aceito em lugares onde Deus é odiado? Ler coisas que Deus abomina, ouvir coisas que Deus abomina, ver coisas que Deus abomina? Ele é um Deus completamente santo, e não dá para fugir de seus olhos e santidade.

O profeta que conhecia o coração de Deus

O profeta Ezequiel era um dos poucos profetas que interpretava de uma maneira muita lúcida o coração de Deus e, no capítulo 8 de seu livro, ele teve o privilégio de ver as coisas como Deus as via.

Eu já aprendi uma coisa, os homens só pregam arrependimento quando se encontram sob o fardo do Senhor e veem o coração humano com os olhos de Deus.

Foi com este sentimento que Ezequiel se constrangeu a não abandonar o fardo de levar o povo ao concerto, ao arrependimento. “*Portanto, ó nação de Israel, eu os julgarei, cada um de acordo com os seus caminhos; palavra do Soberano Senhor. Arrependam-se! Desviem--se de todos os males que vocês cometem, e busquem um coração novo e um espírito novo. Por que deveriam morrer, ó nação de Israel? Pois não me agrada a morte de ninguém; palavra do Soberano Senhor. Arrependam-se e vivam!*” (Ezequiel 18.30-32).

Todos devem se arrepender

Entende-se, normalmente, que todo indivíduo peca e necessita arrepender-se. Muitos, no entanto, jamais consideram o problema do pecado coletivo e a natureza do arrependimento geral. Assim como todo indivíduo peca como indivíduo, toda nação peca como nação, toda cidade peca como cidade, todos pecam coletivamente e todo chamado ao

arrependimento, deve ser também um chamado coletivo ao arrependimento. Um dos mais graves erros da atual geração é a tendência predominante de fazer vista grossa para o problema do pecado coletivo e a necessidade do arrependimento coletivo.

Quando o pecado coletivo corre, porém, sem que haja o arrependimento coletivo a seguir, a entidade ofensora cai sob julgamento de Deus. Esse julgamento é, normalmente, corretivo e prevalece até que ocorra o verdadeiro arrependimento ou Deus execute um último julgamento de morte e destruição. Basta observarmos, e não de uma maneira muito criteriosa, o Velho Testamento e veremos que Deus faz vários chamados ao arrependimento coletivo. Vemos Deus, por diversas vezes, chamando a nação toda ao arrependimento. Sim, vemos chamado individual, mas vemos também um chamado coletivo. E quando Deus chama de forma coletiva ao arrependimento? Veja bem: quando peço como indivíduo eu peço, mas quando prego falsas doutrinas, trago novas regras a um corpo inteiro, levo toda a igreja a pecar juntamente comigo. Quando um Presidente da República traz leis contrárias às Sagradas Escrituras, não é o presidente que está pecando, é toda nação que está pecando. As igrejas da Ásia tem nos mostrado isso. O Senhor diz: “Arrepentam-se todos”. Devemos voltar à prática do arrependimento coletivo. Haverá vezes que você, como pastor, terá de chamar toda a igreja a um arrependimento coletivo, a um solene clamor de lágrimas, reconhecimento de negligências coletivas, isso será poderoso no âmbito da congregação.

Vemos, claramente, que foi a misericórdia de Deus, e não a de Jonas, que salvou Nínive e os ninivitas. O arrependimento foi coletivo e pegou até mesmo Jonas de surpresa. É estarrecedor quando leio assim: “E Jonas ficou completamente triste, e isso o enfureceu, e orou ao Senhor: Senhor não foi isso que eu disse quando estava em casa? Foi por isso que me apressei a fugir para Társis. Eu sabia que tu és misericordioso e compassivo, e muito paciente, cheio de amor e que promete castigar, mas depois age com misericórdia. Agora,

Senhor, tira a minha vida, eu imploro, porque, para mim, é melhor morrer do que viver” (Jonas 4.1-3). Não é impressionante? Mas que diferença existe entre Jonas e muitos ministros, hoje em dia, que insistem em festejar quando deveriam chorar, e são mesquinhos quando Deus é gracioso de uma forma como nunca imaginariámos possível?

O confronto ao resiliente

Já aprendi que Deus é longânimo, mas tem limites. Até mesmo sua misericórdia tem limites. Davi percebeu isso de uma maneira muito triste. E a maneira de Deus agir na vida do pecador insistente é terrível. E nesse ponto, Deus age de três maneiras.

1. Tira do pecador o que ele mais ama.
2. Humilha o pecador publicamente.
3. Permite que uma terrível maldição se instale na vida do pecador.

Primeiro: Tira do pecador o que ele mais ama.

Esse fato está relatado na vida de Davi. Você sabe da história. Davi pecou, e não apenas pecou, mas cometeu um terrível crime contra Deus e contra os homens. Depois de ter cometido um crime premeditado, de “novela”, e esse “esconde-esconde” do seu pecado por nove meses, exatamente o tempo da gestação de Bate-Seba, sai do buraco o profeta Natan que vem até ele e, depois de contar uma ladainha, diz que ele era o homem que merecia morrer.

Nesse ponto, aprendo uma coisa: todo adúltero tem uma sentença de morte sobre si. Natan diz a Davi: “*Você é o homem*”. E agora, Deus age com Davi de três maneiras. A primeira delas é tirar o que ele mais amava: “*Visto que por causa do seu pecado, deste motivo para que os inimigos do Senhor zombassem do Senhor, o seu filho e de Bate-Seba irá morrer*”.

Agora, acredito que muitos estejam passando por uma verdadeira crise moral consigo mesmo, e estejam se perguntando: “Mas por que Deus puniu o filho de Davi, se Davi e Bate-Seba é que pecaram? Aprenda: Punição nunca é para quem vai, é para quem fica. *“Perece o justo, e ninguém considera em seu coração que as pessoas justas são tiradas antes que aconteça algo pior”* (Isaías 57.1). Percebeu? Deus tirou a criança, não foi para punir a criança, foi para punir Davi, pelo fato de ele e Bate-Seba estarem acobertando o pecado.

A ira de Deus não virá sobre quem pecou, virá sobre quem está em pecado. E ela vem. Deus tirará tudo do resiliente, do pecador endurecido. Tira casa, carro, bens e, pior, tira até a família. E ele faz isso para que o pecador se arrependa e volte-se para o Senhor. Quando uma igreja é fiel e seu pastor é infiel, Deus tira a igreja do pastor, quando um pastor é fiel e a igreja infiel, Deus tira o pastor da igreja. Punição é para quem fica, não para quem ele tira.

Segundo: Humilha o pecador publicamente.

“*Aquilo que fizermos no oculto, será gritado nos telhados*” (Lucas 12.3). Não é o diabo que expõe os pecados do pecador, pois para o diabo não vale a pena a exposição. Ele quer mesmo é que você continue pecando e pregando e cantando, e não seja incomodado com isso. Mas Deus não, Deus não vai permitir a hipocrisia entre os seus. Ele irá trazer à tona tudo o que está oculto. Ele vai humilhar o pecador endurecido, e não vai permitir que esse pecador seja bajulado. Vai gritar dos telhados.

Terceiro: Permite que uma terrível maldição se instale na vida do pecador.

Diga-me: qual é o espírito que destrói grandes ministérios? Sei que, nesse momento, muitas respostas como prostituição, mentira, avareza, orgulho, todas essas palavras passaram pela sua cabeça, mas o espírito que destrói grandes ministérios é o Espírito de Deus. É Ele que abate. *“Porque o Senhor abate o soberbo, mas dá graça aos humildes”* (Tiago 4.6). É Ele, sempre Ele que trata com alguns grandes ministérios.

Veja bem, ter grandes ministérios não é sinônimo, para mim, de falsos ministérios como muitos querem fazer acreditar. Em nosso país, sucesso passou a ser sinônimo de herege, falso, mentiroso. Bom, eu não acredito nisso. Há grandes ministérios que sei que Deus levantou, há sim ministérios, na mídia, que acredito serem de Deus, mas há grandes ministérios e uma falha no caráter do mesmo tamanho. E com esses, Deus trata pessoalmente.

Pastor cuida de ovelhas e Deus cuida de pastores. A Bíblia nos manda julgar as profecias, e não os profetas, porque esse papel é d'Ele. Quando leio sobre as sete igrejas da Ásia, vejo o Senhor dizendo: “*Sou eu que tenho a igreja em uma mão e o anjo da igreja em outra mão*”. Com isso, entendo que Deus não perdeu o controle de sua igreja. Ele tem não somente a sua igreja em uma mão, como os pastores dessas igrejas, e não importa quais ou quantos, em outra mão. Ele está atento, e sabe o que faz. Nosso papel é julgar as ideias das pessoas, e não as pessoas. Este papel é e sempre será somente de Deus.

A Bíblia diz que “*um espírito maligno da parte de Deus atormentava Saul*”. Percebeu? Deus também manda nos perturbar, e o propósito final é sempre o arrependimento.

Capítulo Oito

ARREPENDIMENTO: A NECESSIDADE UNIVERSAL

O arrependimento não é uma necessidade somente da igreja, dos salvos, dos crentes. O arrependimento é uma necessidade universal, todos, em todos os lugares, devem se arrepender.

Apesar de o arrependimento ser uma necessidade universal, o primeiro chamado ao arrependimento, pregado por João Batista, foi destinado ao povo de Israel. “*Da descendência desse homem, Deus trouxe a Israel o Salvador Jesus, como prometera. Antes da vinda de Jesus, João pregou arrependimento para todo o povo de Israel*” (Atos 13.23-24). Porém, o plano de Deus envolve toda a grande comissão. Jesus disse: “*Está escrito: que o Cristo padecesse, e ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia, e que em seu nome se pregasse o arrependimento para o perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém*” (Lucas 24.46-47).

Arrependimento e fé

Algumas pessoas costumam argumentar que o chamado à fé aparece no Novo Testamento sem, contudo, fazer qualquer menção ao arrependimento e, por isso, deveríamos entender que a fé é suficientemente garantia de salvação. Todavia, se levarmos em consideração a existência de algumas

passagens nas Escrituras que exigem arrependimento sem que faça também menção à fé, será que poderemos então dizer que na salvação não há necessidade de fé, mas de apenas arrependimento?

No entanto, existe ainda outra questão que dá enfoque ao debate: O que vem primeiro, fé e arrependimento ou arrependimento e fé?

Boa pergunta, não é?

Veja bem: o verdadeiro arrependimento não se sustenta sozinho, e a verdadeira fé não se sustenta sozinha. Qual asa é mais importante para o avião ou para o pássaro? Qual das duas questões é mais importante para a salvação do homem? Simplesmente, é uma questão tola, pois arrependimento e fé são “as duas asas do avião ou do pássaro”. Arrepender sem crer seria tão ridículo quanto crer sem se arrepender.

Veja dois textos primos: “*Quem crer e for batizado será salvo*” (Marcos 16.16). Agora, outro texto: “*Arrependei-vos, e sejam batizados*” (Atos 2.38). Estas foram as palavras de Jesus e de Pedro. Estariam eles falando coisas distintas? Claro que não. Entendemos que arrependimento e fé são tão importantes, que não dá para dizer qual é o mais importante ou quem vem primeiro. Uma coisa é fato, ambos são dons de Deus, e não são obras nossas.

Paulo escreveu sobre a relação arrependimento e fé, afirmando: “*O batismo de João foi um batismo de arrependimento. Ele dizia ao povo que cresse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus*” (Atos 19.4). O apóstolo ainda associou, de forma indissolúvel, quando disse aos anciãos da igreja de Éfeso, que não deixou de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, e ensinou-lhes tudo publicamente e de casa em casa: “*testifiquei, tanto a judeus quanto a gregos, e que eles precisam converter-se a Deus em arrependimento e fé em nosso Senhor Jesus*” (Atos 20.21). Jesus jamais estará em uma alma na qual o precursor não tenha sido o arrependimento e a fé.

O arrependimento para a vida é uma graça cuja doutrina deve ser tão pregada por todo ministro do Evangelho como a da fé em Cristo. Isso deve

ser movido de um conhecimento profundo da impureza e ociosidade do pecado, como sendo contrárias à natureza regenerada.

Os três elementos fundamentais do arrependimento:

1. Razão.
2. Emoção.
3. Vontade.

1-Razão

Arrependimento é mudança de mente.

Suas razões têm de ser completamente mudadas no processo do arrependimento.

Você terá de mudar suas convicções, o que pensava.

Arrependimento é uma mudança de convicção.

2-Emoção

Isso fala da tristeza que Deus envia (2 Coríntios 7.10).

A demonstração do fruto do arrependimento é você se entristecer pelo erro.

A ausência desse ingrediente faz você pecar e depois não sentir nada pelo pecado.

O arrependimento faz você se entristecer pelo erro cometido, e essa tristeza é enviada por Deus e é chamada de fruto de arrependimento.

3-Vontade

Isso fala de volição (vontade, arbítrio), fala de atitude a ser tomada.

A pessoa dá meia volta e abandona o erro.

E agora?

“Segue o caminho da justiça. Da verdade, e do acerto”. (Provérbios 8.20)

E o remorso?

O remorso tem dois dos elementos contidos no arrependimento.

São eles:

- Razão

Ela pode estar convencida do seu erro.

- Emoção

Ela pode estar entristecida do seu erro.

No remorso a pessoa não toma o caminho do acerto, não volta, não segue o rumo da justiça e nem toma o caminho da verdade.

Temos claros exemplos na Bíblia de pessoas que disseram a seguinte frase: “Eu pequei”, ou seja, tem consciência de seus atos pecaminosos.

Essas mesmas pessoas também, como veremos, se entristeceram pelos seus pecados.

Diante disso, vou tomar emprestado um sermão de C.H. Spurgeon, que li há muito tempo e que ajudou a reformar meu conceito de arrependimento.

De acordo com Spurgeon, existem pelo menos sete vezes na Bíblia a frase “Eu pequei”, mas apenas duas dessas sete obtiveram verdadeiro socorro de Deus mediante seu arrependimento.

São elas:

1. O pecador endurecido;
2. O homem dúbio;
3. O homem que não é sincero;
4. O penitente duvidoso;
5. A confissão de desespero;
6. A confissão agonizante;
7. A confissão abençoada.

Cito abaixo o meu entendimento deste belo sermão de C.H Spurgeon.

1-O pecador endurecido.Êxodo 9.27 - Fala de Faraó dizendo: “Eu pequei”.

É o tipo de pecador que seu arrependimento se dá quando enfrenta o terror; quando passa por lutas; quando passa por tempestade.

Diante das tormentas e dores terríveis da vida, esse tipo de pecador logo diz: “Eu pequei”, mas quando passam os problemas, seu coração volta a endurecer. Quando não vê mais sua vida, ou a de quem ama, ameçada, logo volta a ser o mesmo pecador de sempre.

2-O homem dúvida. Números 22.34 – Fala de Balaão, dizendo: “Eu pequei”.

Quando é confrontado, você pensa que esse homem realmente mudou. Fala coisas lindas, que irão parecer que é seu arrependimento, mas na realidade, ele se inclina para o bem e para o mal.

Quando lhe convém, ele se inclina para o bem, quando lhe convém, ele se inclina para o mal. No domingo, é o crente mais santo, em lágrimas, confesso e até aparentemente arrependido, mas segunda-feira é o pior tipo de gente do mundo, faz tudo que um mundano faz quando está longe da igreja e dos irmãos. Tem um caráter terrível. Na igreja, é o maior de todos os crentes e, no mundo, o maior de todos os mundanos. É um homem de duas caras e duas mentes. Sempre tem duas disposições. Por mais que a Bíblia diga que ninguém pode servir a dois senhores, ele serve a dois, três e até mais senhores.

Nenhuma confissão de pecados pode ser genuína, a menos que seja feita de todo o coração. É inútil você dizer “Eu pequei” e continuar pecando. Alguns homens parecem nascer com dois caracteres. Há muitos assim, como Balaão. Poderiam operar milagres e, ao mesmo tempo, há algo neles que revela um caráter repugnante de pecado, tão grande quanto pareceria ser o caráter deles para a retidão. Balaão, você sabe, ofereceu sacrifícios a Deus no altar de Baal, o que era típico do seu caráter. E assim, muitos fazem. Oferecem sacrifícios a Deus no santuário de Mamom. Enquanto ofertam a uma igreja e distribuem ao pobre, na porta do seu escritório contábil, oprimem o pobre e espremem até a última gota de sangue da viúva, para ficarem ricos. Ah! É infrutífero. É inútil dizer “eu pequei”, a menos que o

diga de todo o seu coração. A confissão do homem dúbio não tem nenhum proveito.

3-O homem que não é sincero. 1 Samuel 15.2 – Fala de Saul: “Eu Pequei”.

Características deste pecador e de sua confissão: Não é como Balaão. Até certo ponto sincero sobre duas coisas, mas um homem que é justamente o oposto e que não tem nenhum ponto proeminente em seu caráter. É sempre modelado pelas circunstâncias que passam pela sua cabeça.

Saul era assim: Samuel o reprovou e ele disse: “Eu pequei”. Mas ele não queria realmente dizer aquilo, porque quando lemos o verso inteiro, vemos que ele disse: “Eu temi o povo”, o que era uma desculpa mentirosa. Saul nunca temeu ninguém, ele estava sempre pronto para fazer a sua própria vontade.

Você não pode confessar os seus pecados e dizer: “Eu pequei”, justificando-os. Se pecou, pecou e pronto. Às vezes, Saul se encontrava com os profetas e profetizava, logo depois, entre as bruxas. Muitos são assim. Nunca conseguem ser honestos com suas convicções, pois sempre as muda. Quantas pessoas, como ele, encontramos em toda comunidade cristã. Homens que são muito facilmente modelados. Diga o que quiser a eles, e eles sempre concordarão com você. Eles têm disposições afetuosas e uma consciência sensível, tão sensível que parece ceder quando pressionada, mas tememos sondá-la mais profundamente. Ela se cura tão rapidamente quanto se machuca.

Alguns homens parecem ter coração de borracha. Se você apenas tocá-los, é feita uma pressão imediatamente, entretanto é inútil, pois logo retornam ao seu estado original. Você pode apertá-los de qualquer modo que desejar, eles são tão elásticos que você sempre alcançará seu propósito, entretanto eles não têm firmeza de caráter e logo voltam a ser o que eram antes. Muitos fazem o mesmo. Curvam suas cabeças na Igreja e dizem: “Temos errado e nos desviado do caminho”, mas não pretendiam, verdadeiramente, dizer isto. Dizem ao seu pastor: “eu me arrependo dos meus pecados”, mas não se

sentem pecadores, só disseram aquilo para agradá-lo. E agora, frequentam a casa de Deus, são os mais impressionados. Lágrimas correm facilmente da sua face, mas se secam tão depressa quanto foram produzidas, e eles permanecerão em todos os seus intentos e propósitos, como era antes. Dizer “eu pequei”, de uma maneira sem significado ou sentido, é pior do que o desprezível, porque é um escárnio a Deus confessar sem sinceridade de coração.

4-O penitente duvidoso. Josué 7.20 – Fala de Acã: “Eu pequei”.

“Respondeu Acã a Josué: Verdadeiramente pequei contra o Senhor Deus de Israel”.

Você sabe que Acã roubou despojos da cidade de Jericó, que ele foi descoberto através de sorte, e levado à morte. Cito este caso como o representante daqueles cujo caráter é questionável em seu leito de morte. Há aqueles que se arrependem aparentemente, mas a maioria de nós só pode dizer que esperamos que sua alma esteja salva afinal, mas isso nós não podemos assegurar.

Acã, você está lembrado, foi apedrejado, por desonrar Israel, mas eu achei no Mishna, uma antiga exposição judia da Bíblia, estas palavras: “Josué disse a Acã: hoje o Senhor te perturbará a ti”. E uma nota sobre este texto que diz: “Ele disse este dia, o que implica que ele só seria perturbado nesta vida, sendo apedrejado até a morte, mas que Deus teria misericórdia da sua alma por ter ele feito uma confissão completa do seu pecado”. Observe como Josué falou de forma compassiva com ele. Ele disse: “Filho meu, dá, peço-te, glória ao Senhor Deus de Israel, e faze confissão perante ele. Declara-me agora o que fizeste; não mo ocultes”. Ele diz: “Verdadeiramente pequei contra o Senhor Deus de Israel, e eis o que fiz: quando vi entre os despojos uma boa capa babilônica, e duzentos siclos de prata, uma cunha de ouro do peso de cinquenta siclos, cobicei-os e tomei-os; eis que estão escondidos na terra, no meio da minha tenda, e a prata debaixo da capa” (Josué 7.19-21). Esta confissão parece ser tão satisfatória que se me fosse permitido julgar, eu

diria: “espero encontrar Acã, o pecador, diante do trono de Deus”. Muitos outros expositores consideram que assim como seu corpo foi destruído, assim também foi sua alma. Por este motivo, eu selecionei o caso dele como sendo o de um arrependimento duvidoso.

As características deste pecador:

Um arrependimento em um leito de morte. Todos ficam duvidando de sua salvação depois de sua morte e, se escapa da morte, volta a ser como antes, ou até pior.

Você conhece aquela história de um médico que manteve um registro de mil pessoas que uma vez pensaram que estavam morrendo, e de quem ele pensou que eram penitentes. Ele escreveu seus nomes em um livro, como aqueles que, se tivessem morrido, iriam para o céu. Eles não morreram, mas viveram, e ele diz que entre estas mil pessoas, nem mesmo três mudaram verdadeiramente seu modo de vida, pois voltaram novamente aos seus pecados e continuaram como antes.

Espero que nenhum de vocês tenha um arrependimento de leito de morte como este. Eu espero que o pastor ou seus pais não tenham de estar ao seu lado da cama, dizendo consigo mesmo: “Pobre companheiro, espero que ele seja salvo”.

Arrependimentos de leito de morte são muito frágeis e seus fundamentos de esperanças tão pobres, que tenho medo, depois de tudo, que esta alma tenha se perdido. Você precisa morrer com segurança.

5-A confissão de desespero. Mateus 27.4 – Fala de Judas: “Eu pequei”.

Examine Mateus 27.4, onde lemos um caso terrível do arrependimento de desespero. Você reconhecerá o personagem no momento que ler o verso: “E Judas disse: eu pequei”.

Sim, Judas, o traidor, aquele que traiu seu Mestre. Quando viu que seu Mestre foi condenado, “*devolveu, compungido, as trinta moedas de prata aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo o sangue inocente ... E tendo ele atirado para*

dentro do santuário as moedas de prata, retirou-se, e foi enforcar-se”. Judas é um exemplo típico de que apenas dizer “Eu pequei”, apenas confessar seu pecado, não quer dizer absolutamente nada.

As características deste pecador:

Sua confissão é fruto de um remorso. Ele nunca se perdoa, não crê que pode ser redimido.

Há remorso no homem que vê a morte face a face e diz: “eu pequei”. Você lhe fala que Cristo morreu pelos pecadores e ele responde: “não há nenhuma esperança para mim”. “Eu blasfemei contra Deus na sua face”. “Eu desafiei a Deus”. “Meu dia de graça, sei que é passado”. “Minha consciência está cauterizada com ferro quente”. Estou morrendo, e sei que estou perdido!” Ele sempre acha que o que fez é imperdoável. Para mim, esse é o pior de todos os tipos.

Agora, vejamos os dois tipos de confissão que Deus aceita:

6-Confissão agonizante

É a confissão e o reconhecimento de Davi. As características deste pecador são: pranto; humilhação; arrependimento sincero; reconhecimento de quem é Deus; vê seu pecado como Deus vê; mede seu pecado pela ótica de Deus, não dos homens.

Davi é um exemplo desse tipo de arrependimento e podemos ver isso em seus salmos de constrições.

Abandone o seu pecado e nunca mais volte a praticá-lo.

7-Confissão abençoada. Lucas 15.18 – Fala do filho pródigo: “Eu pequei”.

“Pai, eu pequei”. As características dessa confissão: não tem orgulho: “Voltarei.”; não se sente imperdoável; não tem uma visão distorcida do pai: “Meu pai é bom até para seus empregados...”

Por isso ele teve vontade de voltar, decide mudar, e muda.

O arrependimento precisa de um ciclo completo.

Em todos esses casos em que o possível arrependimento estava em vigência, o ciclo do arrependimento não foi completado. Você precisa saber que pecou, mas isso, por si só, não basta. Você precisa sentir dor, desespero, tristeza pelo pecado. Mas apenas isso também não basta. Você precisa então saber que pecou, sentir tristeza, dor pelo pecado, precisa abandonar o pecado, deixar o pecado, não pecar mais, vir para a vida e seguir agora o caminho da verdade. Esse é o completo ciclo do arrependimento. O remorso destrói você por dentro e rouba a sua alma. O arrependimento restaura você e traz uma vida nova. Diante disso, essas três coisas necessárias são chamadas de ciclo necessário do arrependimento. E são elas:

- Razão = Convicção.
- Confissão = Irá fazê-lo sentir dor e tristeza pelo pecado.
- Conversão = Mudar de direção, voltar à vida, abandonar o pecado.

Arrependimento no Velho Testamento

Duas metáforas do Antigo Testamento expressam o rigor e até a dor que podem estar envolvidos no arrependimento:

Primeiro: Circundar o coração (Jeremias 4.4).

Segundo: O campo de “pousio” (Oséias 10.12).

A palavra *shub* é a palavra usada no hebraico que domina a linguagem de arrependimento no Antigo Testamento. O termo é usado mais de 100 vezes somente no livro de Jeremias. A palavra significa mudar o curso de uma ação, mudar o rumo e voltar atrás. Esta mudança pode se referir à apostasia, um afastar-se de Deus (Números 14.43; Josué 22.16-18, 23.29; 1 Samuel 15.11; 1 Reis 9.6).

A palavra *shub* denota predominantemente um afastar-se da rebeldia contra Deus e voltar para Deus. Significa voltar completamente para Deus. Isso revela uma atitude radical da mente e das ações.

Essa aplicação está frequente dentro do contexto das relações entre o homem e a aliança de Deus com o seu povo. Nesta aliança, Deus fez provisão de ser gracioso.

Agora, veremos, no Velho Testamento, Deus exortando o seu povo constantemente, usando a palavra *shub*, para que seu povo volte para Ele, para sua aliança, para o seu concerto. Ele usa os termos como “arar os vossos corações, que se tornaram endurecidos”, portanto precisam circuncidá-los vosso corações.

O mesmo termo é usado para falar do retorno do povo de Deus do exílio. Por causa de sua rebelião, eles permaneceram no país distante. Mas Deus foi gracioso e eles deveriam fazer o caminho de volta para o lugar no qual Ele prometeu abençoá-los. O arrependimento é o equivalente moral e espiritual desse retorno geográfico. Torna-se possível somente por causa da aliança misericordiosa com Deus.

E o que está envolvido nesse arrependimento?

Basicamente duas coisas: Uma é reconhecer que as ofensas foram cometidas contra Deus. Por isso, veja como Davi teve entendimento do verdadeiro arrependimento no Salmo 51 quando disse: “*Contra ti, contra ti somente pequei*”. Davi pecou contra Bate-Seba, contra Urias, contra sua família, contra a nação, contra os homens que foram mortos na batalha, mas ele confessa: “Contra ti somente pequei”.

Por que contra Deus? Porque sempre que pecamos contra alguém, estamos pecando contra Deus que criou esse alguém. Estamos ferindo alguém amado por Deus. Estamos nos intrometendo na obra da criação e da providência de Deus. Davi violou sua consciência, desobedeceu a Palavra, ultrajou a santidade de Deus, escarneceu do seu amor, pisou a sua graça, cuspiu em sua bondade.

Sempre que pecamos, nos insurgimos contra Deus.

Outra coisa é afastar-se do pecado em vista do amor de Deus.

Arrependimento significa retornar ao espírito da condição de criatura diante do Criador, em decorrência de sua misericórdia dada aos crentes arrependidos (Deuteronômio 30.11-20). A impiedade é rejeitada e a justiça é abraçada.

No Antigo Testamento, este espírito de arrependimento é criado por um senso de quem é Deus e por uma consciência do verdadeiro caráter do pecado. É uma resposta centrada em Deus, na verdade, o começo da verdadeira centralidade de quem Deus é. O afastar-se do pecado e voltar para Deus andam juntos.

Arrependimento no Novo Testamento

No Novo Testamento, três verbos são usados em conexão com o arrependimento. São eles:

Epistrepho – que enfatiza a ideia de voltar-se, sendo usado em diversas ocasiões no Novo Testamento, no sentido de converter e retornar para o Senhor (Atos 26.20). Os tessalonicenses voltaram-se dos ídolos para Deus, para servirem ao Deus vivo e verdadeiro (1 Tessalonicenses 1.9).

Metamelomai – ocorre relativamente poucas vezes no Novo Testamento (Mateus 21.29-32, 27.3, 2 Coríntios 7.8, Hebreus 7.21). Passa a ideia de tristeza. É um estado da mente que pode ou não ser acompanhado por retornar a Deus.

Metanoeo ou *meta-noew* – essa é a principal palavra usada no Novo Testamento para o significado do verdadeiro arrependimento. No grego clássico, significa ficar ciente e, depois disso, mudar o curso. Então *metanoeo* é mudar de mente e de atitude ou direção antes tomada. Então, arrependimento é uma mudança de mente, que leva a uma mudança de estilo de vida.

Arrependimento não é quando você chora apenas. Pode ser também, mas arrependimento é quando você muda.

Seis componentes do verdadeiro arrependimento

O arrependimento é uma graça do Espírito de Deus por meio da qual um pecador é humilhado em seu íntimo e transformado em seu exterior.

A fim de proporcionar melhor entendimento, saiba que o arrependimento é um remédio espiritual formado de seis componentes especiais. Se um for deixado fora, o arrependimento perde o seu poder.

Componente 1: Percepção do pecado

A primeira parte do remédio de Cristo são olhos abertos (Atos 26.18). Este é um dos fatos importantes a observarmos no arrependimento do filho pródigo: ele caiu em si (Lucas 15.17). Ele se viu como pecador e nada mais do que um pecador.

Antes que um homem venha a Cristo, ele tem de, primeiramente, ver a si mesmo. Em sua descrição de arrependimento, Salomão considerou isto como o primeiro componente: “*Cárem em si*” (1 Reis 8.47).

Uma pessoa deve, antes de tudo, reconhecer e considerar o que é o seu pecado e conhecer a praga de seu coração, antes que seja devidamente humilhado por ela.

A primeira coisa que Deus criou foi a luz. Portanto, a primeira coisa que deve haver em uma pessoa arrependida é a iluminação. “*Agora, sois luz no Senhor*” (Efésios 5.8). Os olhos são feitos tanto para ver como para chorar. Antes de lamentarmos pelo pecado, temos de vê-lo. Disso, podemos inferir que, onde não há percepção do pecado, não pode haver arrependimento.

Muitos que acham falhas nos outros não veem nenhum erro em si mesmos. Pessoas são vendadas por ignorância e amor próprio. Por isso, não veem o que deforma a sua alma. O diabo faz com elas como o falcoieiro faz à sua ave: ele as cega e as leva encapuzadas ao inferno.

Componente 2: Tristeza pelo pecado

“Suporto tristeza por causa do meu pecado” (Salmo 38.18). Ambrósio chamava essa tristeza de amargura da alma.

A palavra hebraica, que se traduz por ficar triste, significa “ter a alma, por assim dizer, crucificada”. Isso precisa estar presente no verdadeiro arrependimento. “Olharão para aquele a quem traspassaram... e chorarão” (Zacarias 12.10), como se sentissem os cravos da cruz penetrando o seu lado. Uma mulher pode esperar ter um filho sem dores, assim como alguém pode esperar arrepender-se sem tristeza.

Aquele que crê duvidando, põe sob suspeita a sua fé; aquele que se arrepende sem se entristecer, nos deixa incertos de seu arrependimento. Esta tristeza pelo pecado não é superficial, é uma agonia santa. Nas Escrituras, ela é chamada de quebrantamento de coração: “*Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus*” (Salmo 51.17); um rasgamento do coração: “*Rasgai o vosso coração*” (Joel 2.13). As expressões bater no peito (Jeremias 31.19; Lucas 18.13), cingir o cilício (Isaías 22.12), arrancar os cabelos (Esdras 9.3) – todas essas expressões são apenas sinais exteriores de tristeza.

Essa tristeza implica:

(1) Tornar Cristo precioso. Oh! Quão precioso é o Salvador para uma alma atribulada! Agora, Cristo é, de fato, Cristo, e a misericórdia é realmente misericórdia. Enquanto o coração não estiver repleto de compunção, ele não estará pronto para o arrependimento. Quão bem-vindo é um cirurgião para um homem que sangra por suas feridas!

(2) Repelir o pecado. O pecado gera tristeza, e a tristeza mata o pecado. A água salgada das lágrimas mata o verme da consciência.

(3) Preparar-se para receber firme consolo. “*Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão*” (Salmo 126.5). O penitente tem uma semeadura de lágrimas, mas uma colheita deliciosa. O arrependimento rompe os abscessos

do pecado e, em seguida, a alma fica tranquila. O ato de Deus em afligir a alma por causa do pecado é como o agitar da água que trazia cura, no tanque (João 5.4).

Contudo, nem toda tristeza evidencia o verdadeiro arrependimento. O que é esse entristecer piedoso? Há seis descrições:

Primeira: A verdadeira tristeza espiritual é interior.

É uma tristeza de coração. A tristeza dos hipócritas evidencia-se somente em sua face. “Desfiguram o rosto” (Mateus 6.16). Mostram um rosto melancólico, mas a tristeza deles não vai além disso, como o orvalho que umedece a folha, mas não penetra a raiz. O arrependimento de Acabe foi uma exibição exterior. Seus vestidos foram rasgados, mas não o seu espírito (1 Reis 21.27). A tristeza, segundo Deus, avança mais além. É como uma veia que sangra internamente. O coração sangra por causa do pecado – “*Compungiu-se-lhes o coração*” (Atos 2.37). Assim como o coração tem a parte principal no ato de pecar, o mesmo deve acontecer no caso do entristecer-se.

Paulo lamentava por causa da lei em seus membros (Romanos 7.23). Aquele que lamenta verdadeiramente o pecado se entristece por conta das incitações do orgulho e da concupiscência. Ele se entristece por causa da “raiz de amargura”, embora ela nunca prospere até ao ponto de levá-lo a agir. Um homem ímpio pode sentir-se atribulado por pecados escandalosos; um verdadeiro convertido lamenta os pecados do coração.

Segunda: A tristeza espiritual é sincera.

É a tristeza pela ofensa, e não pela punição. A lei de Deus foi infringida, e seu amor, abusado. Isso leva a alma às lágrimas. Uma pessoa pode ficar triste e não se arrepender. Um ladrão fica triste quando é apanhado, mas não por causa do roubo, e sim porque tem de sofrer a pena. A tristeza piedosa se expressa principalmente por causa da transgressão contra Deus. Portanto, se

não houvesse uma consciência a ferir, um diabo a acusar, um inferno para servir de castigo, a alma ainda se sentiria triste por causa da ofensa praticada contra Deus.

Oh! Que eu não ofenda o meu bom Deus, nem entristeça o meu Consolador! Isso parte o meu coração!

Terceira: A tristeza espiritual é repleta de confiança.

É mesclada com fé. A tristeza bíblica afundará o coração, se a roldana da fé não o erguer. Assim como o nosso pecado está sempre diante de Deus, assim também a promessa de Deus tem de estar sempre diante de nós.

Quarta: A tristeza espiritual é uma grande tristeza.

“Naquele dia, será grande o pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom” (Zacarias 12.11). Dois sóis se puseram no dia em que Josias morreu, e houve um enorme lamento fúnebre. A tristeza pelo pecado deve chegar a esse nível.

Quinta: A tristeza espiritual é, em alguns casos, acompanhada de restituição.

Aquele que, por injustiça, errou contra outrem em seus bens, lidando com fraude, deve, em sã consciência, realizar a compensação. Há um mandamento claro quanto a isso: *“Confessará o pecado que cometer; e, pela culpa, fará plena restituição, e lhe acrescentará a sua quinta parte, e dará tudo àquele contra quem se fez culpado”* (Números 5.7). Por isso, Zaqueu fez restituição: *“Se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”* (Lucas 19.8).

Sexta: A tristeza espiritual é permanente.

Não são algumas lágrimas derramadas ocasionalmente que servirão.

Alguns derramarão lágrimas ao ouvirem um sermão, mas isso é como uma chuva de abril – logo acaba – ou como uma veia aberta e fechada

novamente. A verdadeira tristeza tem de ser habitual. O cristão, a doença de sua alma é crônica, e a recaída, frequente. Portanto, você tem de tratar-se com remédio continuamente, por meio do arrependimento. Essa é a tristeza, “segundo Deus”.

Componente 3: Confissão de pecado

A tristeza é um sentimento tão forte, que terá expressões. Suas expressões são lágrimas nos olhos e confissão nos lábios. “Os da linhagem de Israel... puseram-se em pé e fizeram confissão dos seus pecados” (Neemias 9.2). Gregório de Nazianzo chamou a confissão de “um bálsamo para a alma ferida”.

A confissão é a autoacusação. “Eu é que pequei” (2 Samuel 24.17). E a verdade é que por meio desta autoacusação impedimos Satanás de acusarnos. Em nossas confissões, nos identificamos com orgulho, infidelidade e paixão. Assim, quando Satanás, chamado de acusador dos irmãos, lançar essas coisas contra nós, Deus lhe replicará: “Eles já acusaram a si mesmos. Então, Satanás, você está destituído de motivos legítimos; suas acusações surgiram muito tarde...” Agora, veja o que diz o apóstolo Paulo: “Se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1 Coríntios 11.31).

Entretanto, homens ímpios, como Judas e Saul, não confessaram seus pecados? Sim, mas as suas confissões não eram verdadeiras.

Para que a confissão de pecado seja correta e genuína, estas qualificações abaixo precisam estar presentes:

Primeira: A confissão tem de ser espontânea.

Tem de surgir como a água que brota do manancial, livremente. A confissão dos ímpios é obtida a força, como a confissão de um homem sob a tortura. Quando uma faísca da ira de Deus atinge a consciência dos ímpios ou estão sob o temor da morte, eles se prostram em confissão. Mas a verdadeira confissão flui dos lábios tal como a mirra jorra da árvore ou o mel da colmeia, espontaneamente.

Segunda: A confissão tem de ocorrer com contrição.

O coração precisa ressentir profundamente o pecado. As confissões de um homem natural procedem de seu íntimo assim como uma água que passa por um cano. Elas não o afetam de maneira alguma. Mas a confissão verdadeira deixa impressões que pungem o coração. Ao confessar seus pecados, a alma de Davi sentiu-se sobrecarregada: “*Já se elevam acima de minha cabeça as minhas iniquidades; como fardos pesados, excedem as minhas forças*” (Salmo 38.4). Uma coisa é confessar o pecado, outra coisa é sentir o pecado.

Terceira: A confissão tem de ser sincera.

Nosso coração precisa estar em harmonia com a confissão. O hipócrita, confessa o pecado, mas o ama, assim como um ladrão que confessa os bens roubados e continua a amar o roubo. Quantos confessam o orgulho e a cobiça, com seus lábios, mas se deleitam neles ocultamente. Um verdadeiro cristão é mais honesto. Seu coração anda em harmonia com sua língua. Ele é convencido dos pecados que confessa e detesta os pecados dos quais é convencido.

Quarta: Na confissão verdadeira, o crente especifica o pecado.

O ímpio reconhece que é um pecador como todos os outros. Ele confessa o pecado de maneira geral. Um verdadeiro convertido reconhece seus pecados específicos. Ele se comporta à semelhança de uma pessoa enferma que vai ao médico e lhe mostra as feridas, dizendo: “Levei um corte na cabeça, recebi um tiro no braço”. O pecador entristecido confessa as diversas imperfeições de sua alma. Por meio de uma inspeção diligente de nosso coração, podemos achar alguns pecados específicos que tratamos com indulgência. Confessemos com lágrimas esses pecados, indicando-os pelo nome.

Quinta: Uma pessoa verdadeiramente arrependida confessa o pecado em sua fonte.

Ela reconhece a contaminação de sua natureza. O pecado de nossa natureza não é somente uma falta do bem, mas também uma infusão do mal. Nossa natureza é um abismo e uma fonte de todo mal, dos quais procedem os escândalos que infestam o mundo. É essa depravação de natureza que envenena nossas coisas santas. Isso traz os juízos de Deus e paralisa, em sua origem, as nossas misericórdias.

Oh! Confesse o pecado em sua fonte!

Componente 4: Vergonha pelo pecado

O quarto componente no arrependimento é a vergonha. “*Para que... se envergonhe das suas iniquidades*” (Ezequiel 43.10). O “envergonhar-se” é a força da virtude. Quando o coração se endurece por causa do pecado, a graça faz o rosto envergonhar-se com rubor. “*Estou confuso e envergonhado, para levantar a ti a face*” (Esdras 9.6). O filho pródigo, arrependido, ficou tão envergonhado de seus excessos que se julgava indigno de ser, outra vez, chamado filho (Lucas 15.21). O arrependimento causa um acanhamento santo. Se Cristo não estivesse no coração do pecador, não haveria tanta vergonha se expressando no rosto. Há algumas considerações sobre o pecado que nos causa vergonha:

Todo pecado nos torna culpados, e a culpa deixa-nos envergonhados.

Em todo pecado, há muita ingratidão. E essa é a razão da vergonha. Abusar da bondade de Deus, como isso nos envergonha! Ingratidão é um pecado tão grave, que Deus mesmo se admira dele (Isaías 1.2). O pecado mostra o que somos, e isso nos causa vergonha. O pecado nos rouba as vestes de santidade e nos deixa destituídos de pureza, deformados aos olhos de Deus, e isso nos envergonha. Nossos pecados expuseram Cristo à vergonha, e não nos envergonharemos deles? Vestimos a púrpura e não vestiremos o carmesim?

Aquilo que nos deixa envergonhados é o fato de que os pecados que cometemos são piores do que os pecados dos incrédulos. Agimos contra a luz que possuímos.

Nossos pecados são piores do que os pecados dos demônios.

Os anjos caídos nunca pecaram contra o sangue de Cristo. Cristo não morreu por eles. Com certeza, se sobrepujamos o pecado dos demônios, isso deve nos causar muita vergonha.

Componente 5: Ódio pelo pecado

O quinto componente do arrependimento é o ódio pelo pecado. Os eruditos distinguem dois tipos de ódio: o ódio das iniquidades e o ódio da inimizade.

Primeiramente, há um ódio ou abominação das iniquidades. “*Tereis nojo de vós mesmos por causa das vossas iniquidades e das vossas abominações*” (Ezequiel 36.31). Um cristão verdadeiramente arrependido é alguém que detesta o pecado. Se uma pessoa detesta aquilo que faz seu estômago adoecer, ela deve, com muito mais intensidade, detestar aquilo que deixa enferma a sua consciência. É mais fácil abominar o pecado do que deixá-lo. Não amamos a Cristo enquanto não odiarmos o pecado. Nunca anelamos o céu enquanto não detestarmos o pecado.

Em segundo, há um ódio da inimizade. Não há melhor maneira de descobrir vida do que por meio do movimento. Os olhos se movem, o pulso bate. Portanto, para constatar o arrependimento, não há sinal melhor do que uma antipatia santa para com o pecado. O arrependimento correto começa no amor a Deus e termina no ódio ao pecado.

Como podemos discernir o verdadeiro ódio para com o pecado?

Primeiro: Quando a pessoa se mantém resoluta contra o pecado.

A língua lamenta amargamente o pecado, e o coração o odeia, de modo que, embora o pecado se apresente de forma atraente, nós o achamos

detestável e o abominamos com ódio mortal, sem levarmos em conta a sua aparência agradável. O diabo pode vestir e disfarçar o pecado com prazer e proveito, mas um verdadeiro penitente, que tem ódio secreto pelo pecado, sente repulsa e não se envolverá nele.

Segundo: O verdadeiro ódio pelo pecado é abrangente.

Isso se aplica a dois aspectos: no que diz respeito às faculdades e ao objeto.

(a) O ódio pelo pecado é abrangente no que concerne às faculdades da alma, ou seja, há um desgosto para com o pecado, não somente no juízo, mas também na vontade e nas afeições.

Há alguns que são convencidos de que o pecado é maligno e, em seu juízo, têm uma aversão para com ele. Mas acham-no agradável e têm satisfação íntima nele. Nesse caso, há um desprazer do pecado no juízo e uma aceitação dele nas afeições. No verdadeiro arrependimento, o ódio pelo pecado está presente em todas as faculdades da alma; não somente no intelecto, mas, principalmente, na vontade. “*Não faço o que prefiro, e sim o que detesto*” (Romanos 7.15). Paulo não era livre do pecado, mas a sua vontade se posicionava contra o pecado.

(b) O ódio pelo pecado é abrangente no que concerne ao objeto. Aquele que odeia um pecado odeia todos. Os hipócritas odeiam alguns pecados que mancham sua reputação, mas o verdadeiro convertido odeia todos os pecados: os pecados que produzem vantagem, os pecados resultantes de nossas inclinações naturais, as próprias instigações da corrupção. Paulo odiava as obras do pecado (Romanos 7.23).

Terceiro: O verdadeiro ódio pelo pecado se manifesta contra o pecado em todas as suas formas.

Um coração santo detesta o pecado por causa de sua contaminação natural. O pecado deixa uma mancha na alma. Uma pessoa regenerada

aborrece o pecado, não somente por causa da maldição, mas também por causa do contágio. Ela odeia essa serpente não somente por causa de sua picada, mas também por causa de seu veneno. Abomina o pecado não somente por causa do inferno, mas como o próprio inferno.

Quarto: O verdadeiro ódio pelo pecado é implacável.

O cristão genuíno nunca mais se conciliará com o pecado. A ira pode experimentar conciliação, porém o ódio não pode experimentá-la.

Quinto: Onde há verdadeiro ódio pelo pecado, opomo-nos ao pecado em nós mesmos e nos outros.

A igreja de Éfeso não podia suportar aqueles que eram maus (Apocalipse 2.2). Paulo repreendeu arduamente Pedro por causa de sua dissimulação, embora este fosse um apóstolo. Com insatisfação santa, Cristo expulsou os cambistas do templo (João 2.15). Ele não tolerou que o templo sofresse uma mudança. Neemias repreendeu os nobres por sua usura (Neemias 5.7) e pela profanação do sábado (Neemias 13.17). Aquele que odeia o pecado não suportará a iniquidade em sua família. “*Não há de ficar em minha casa o que usa de fraude*” (Salmo 101.7). Que vergonha se manifesta quando os magistrados mostram força de espírito em suas paixões e nenhum heroísmo em suprimir o erro! Aqueles que não têm qualquer antipatia para com o pecado não conhecem o arrependimento. O pecado está neles como o veneno está em uma serpente e, por ser natural, lhe proporciona deleite.

Quão distantes estão do arrependimento aqueles que, ao invés de odiarem o pecado, amam-no! Para os santos, o pecado é um espinho nos olhos; para os ímpios, é uma coroa na cabeça. “*Que direito tem na minha casa a minha amada, ela que cometeu vilezas? Acaso, ó amada, votos e carnes sacrificadas poderão afastar de ti o mal? Então, saltará de prazer*” (Jeremias 11.15). Amar o pecado é pior do que praticá-lo.

Um homem bom pode se precipitar a cair em uma atitude pecaminosa, mas amar o pecado é desesperador. O que faz um porco amar o revolver-se

na lama? O que faz um demônio amar aquilo que se opõe a Deus? Amar o pecado mostra que a vontade está no pecado e, quanto mais a vontade estiver no pecado, tanto maior ele será. A obstinação faz com que não haja mais purificação para o pecado (Hebreus 10.26). Oh! Quantos existem que amam o fruto proibido! Amam as imprecações e os adultérios. Amam o pecador e odeiam a repreensão. Portanto, quando os homens amam o pecado, apegam-se àquilo que será a sua morte e brincam com a condenação, isso indica que “o coração dos homens está cheio de maldade” (Eclesiastes 9.3). Isso nos persuade a mostrar nosso arrependimento por meio de um ódio amargo para com o pecado.

Componente 6: Converter-se do pecado

O sexto componente no arrependimento é converter-se do pecado. Este converter-se é chamado de abandonar o pecado (Isaías 55.7), tal como um homem que abandona a companhia de um ladrão ou de um feiticeiro. É chamado para lançar para longe o pecado (Jó 11.14), como Paulo lançou de si aquela víbora, atirando-a ao fogo (Atos 28.5). Morrer para o pecado é a vida do arrependimento.

No mesmo dia em que o crente se converte do pecado, deve se regozijar com um gozo eterno. Os olhos devem fugir de vislumbres impuros. O ouvido tem de fugir dos escárnios. A língua, do praguejamento. As mãos, dos subornos. Os pés, dos caminhos das meretrizes. A alma, do amor à impiedade.

Este converter-se do pecado implica uma mudança notável. Converter-se do pecado é tão visível, que os outros podem percebê-lo. Por isso, é chamado de uma mudança das trevas para a luz (Efésios 5.8). Paulo, depois de ter recebido a visão celestial, ficou tão diferente que todos se admiraram da mudança (Atos 9.12). O arrependimento transformou o carcereiro em um enfermeiro e médico (Atos 16.33). Ele cuidou dos apóstolos, lavou as feridas e serviu-lhes comida. Um navio se dirige ao leste e o vento muda seu

rumo para o oeste. De modo semelhante, um homem se encaminhava para o inferno, mas o vento contrário do Espírito soprou, mudou o seu rumo e o fez andar em direção ao céu. Essa mudança visível que o arrependimento produz em uma pessoa é como se outra alma se abrigasse no mesmo corpo.

Para identificar corretamente o converter-se do pecado, essas poucas coisas são necessárias:

Primeiro: Tem de haver um volver-se sinceramente do pecado.

O coração é o *primum vivens*, a primeira coisa que vive. E tem de ser o *primum vertens*, a primeira coisa que se move. O coração é aquilo pelo qual o diabo se empenha arduamente. No cristianismo, o coração é tudo. Se o coração não é convertido do pecado, ele não passa de uma mentira. Deus quer todo coração convertido do pecado. O verdadeiro arrependimento não pode ter reservas nem outros ocupantes.

Segundo: Tem de haver um volver-se de todo pecado.

“*Deixe o perverso o seu caminho*” (Isaías 55.7). Uma pessoa verdadeiramente arrependida abandona o caminho do pecado. Ela deixa todo o pecado. Aquele que esconde um subversivo em sua casa é um traidor da nação. E aquele que satisfaz um pecado é um hipócrita traiçoeiro.

Terceiro: Tem de haver um volver-se do pecado por motivos espirituais.

Um homem pode restringir seus atos de pecados e não converter-se do pecado da maneira correta. Atos de pecados podem ser restringidos por temor ou desígnio, mas uma pessoa verdadeiramente arrependida deixa o pecado com base em um princípio espiritual, ou seja, o amor de Deus.

Três homens perguntaram um ao outro o que os fizera abandonar o pecado. Um disse: “Acho que são as alegrias do céu”. Outro respondeu: “Acho que são os tormentos do inferno”. Mas o terceiro disse: “Acho que é o

amor de Deus; e isso ainda me faz abandonar o pecado. Como eu ofenderia o amor de Deus?”

Capítulo Nove

O DECLÍNIO DA PREGAÇÃO MODERNA

Mudamos tão drasticamente a nossa pregação que até os ímpios notaram. Realmente, existe uma linha de pregadores, professores, que acham que não devemos confrontar as pessoas, pois elas podem se sentir oprimidas.

Essas mesmas pessoas acham que pregar arrependimento vai trazer culpa às pessoas, e o papel do pregador não é trazer peso ao coração das pessoas, e usam argumentos comuns como: “O papel de acusador é do diabo”. Mas pergunto-lhe: pregar a verdade é acusar? A pregação bíblica é de suma importância para resgatar-mos o ministério do arrependimento no corpo de Cristo. Constantemente, os pregadores de arrependimento são acusados de falta de amor, de legalistas, mas será que é verdade?

Vamos analisar um ponto muito importante nesse processo.

Confrontação é falta de amor?

Tornou-se comum os evangélicos acusarem de “falta de amor” outros evangélicos que tomam posicionamentos firmes em questões éticas, doutrinárias e práticas. A discussão, o confronto e a exposição das posições de outros são considerados como falta de amor.

É possível que, no calor de uma argumentação, durante um debate, saiam palavras ou frases que pode-riam ter sido ditas ou escritas de outra forma. A

sabedoria reside em conhecer “o tempo e o modo” de dizer as coisas (Eclesiastes 8.5). Todos nós já experimentamos a frustração de descobrir que nem sempre conseguimos dizer as coisas da melhor maneira.

Todavia, não posso aceitar que seja “falta de amor” confrontar irmãos que entendemos não estarem andando na verdade, assim como Paulo confrontou Pedro, quando este deixou de andar de acordo com a verdade do Evangelho (Gálatas 2.11). Muitos vão dizer que essa atitude é arrogante e que ninguém é dono da verdade. Outros, contudo, entenderão que faz parte do chamamento bíblico examinar todas as coisas, reter o que é bom e rejeitar o que for falso, errado e injusto.

Considerar como falta de amor o discordar dos erros de alguém é desconhecer a natureza do amor bíblico. Amor e verdade andam juntos. Oséias reclamou que não havia nem amor nem verdade nos habitantes da terra em sua época (Oséias 4.1). Paulo pediu que os efésios seguissem a verdade em amor (Efésios 4.15) e aos tessalonicenses denunciou os que não recebiam o amor da verdade para serem salvos (2 Tessalonicenses 2.10). Pedro afirma que a obediência à verdade purifica a alma e leva ao amor não fingido (1 Pedro 1.22). João deseja que a verdade e o amor do Pai estejam com seus leitores (2 João 3). Querer que a verdade predomine e lutar por isso, não pode ser confundido com falta de amor para com os que ensinam o erro.

Apelar para o amor sempre encontra eco no coração dos evangélicos, mas falar de amor não é garantia de espiritualidade e de verdade. Tem quem se gabe de amar e não leva uma vida reta diante de Deus. O profeta Ezequiel enfrentou um grupo desses. “... *com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro*” (Ezequiel 33.31). O que ocorre é que, às vezes, a ênfase ao amor é simplesmente uma capa para acobertar uma conduta imoral ou irregular diante de Deus. Paulo criticou isso nos crentes de Corinto, que se gabavam de ser uma igreja espiritual, amorosa, ao mesmo tempo em que toleravam imoralidades em seu meio:

“Andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou? ... Não é boa a vossa jactância..” (1 Coríntios 5.2,6)

Tratava-se de um jovem “incluso” que dormia com sua madrasta. O discurso das igrejas que, hoje, toleram todo tipo de conduta irregular em seus membros é exatamente esse, de que são igrejas amorosas, que não condenam nem excluem ninguém.

Ninguém, na Bíblia, falou mais de amor do que o apóstolo João, conhecido por esse motivo como o “apóstolo do amor”. Ele disse que amava os crentes “na verdade” (2 João 1; 3 João 1), isto é, porque eles andavam na verdade. “Verdade” nas cartas de João tem um componente teológico e doutrinário. É o Evangelho em sua plenitude. João ama seus leitores porque eles, junto com o apóstolo, conhecem a verdade e andam nela. A verdade é a base do verdadeiro amor cristão. Nós amamos os irmãos porque professamos a mesma verdade sobre Deus e Cristo. Todavia, eis o que o apóstolo do amor proferiu contra mestres e líderes evangélicos que haviam se desviado do caminho da verdade:

“Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos.” (1 João 2.19)

“Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho.” (1 João 2.22)

“Aquele que pratica o pecado procede do diabo.” (1 João 3.8)

“Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo.” (1 João 3.10)

“Todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo.” (1 João 4.3)

“... Muitos enganadores têm saído pelo mundo afora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo... Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não

tem Deus... Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más.” (2 João 1.7-10)

Poderíamos acusar João de falta de amor pela firmeza com que ele resiste ao erro teológico?

O amor que é cobrado pelos evangélicos sentimentalistas acaba se tornando a postura de quem não tem convicções. O amor bíblico disciplina, corrige, repreende, diz a verdade. Quando se vê diante do erro seguido de arrependimento e da contrição, perdoa, esquece, tolera, suporta. O Senhor Jesus, ao perdoar a mulher adúltera, acrescentou “vai e não peques mais”. O amor perdoa, mas cobra retidão. O Senhor pediu ao Pai que perdoasse seus algozes, que não sabiam o que faziam; todavia, durante a semana que antecedeu seu martírio, não deixou de censurá-los, chamando-os de hipócritas, raça de víboras e filhos do inferno. Essa separação entre amor e verdade, feita por alguns evangélicos, torna o amor um mero sentimentalismo vazio.

Portanto, o amor cobrado pelos que se ofendem com a defesa da fé, a exposição do erro e o confronto da inverdade, não é o amor bíblico. Falta de amor para com as pessoas seria deixar que elas continuassem a ser enganadas sem ao menos tentar mostrar o outro lado da questão.

Por isso o pecado

Por isso não nos cansamos de afirmar que tanto o pecador, como o pecado, deve ser confrontado. Não podemos brincar com a alma e a salvação das pessoas. Não nos resta dúvida que o pecado é um ato praticado por todos os seres humanos, tanto imorais, como morais. E as terríveis consequências do pecado incluem o inferno, sobre o qual Jesus disse: “E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá para o inferno” (Mateus 5.30).

As Escrituras descrevem o inferno como um lugar terrível e medonho onde pecadores são atormentados: “*Com fogo e enxofre... A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome*” (Apocalipse 14.10-11). Essas verdades se tornam mais alarmantes quando percebemos que são partes integrantes da Santa Palavra de Deus. Quando encaramos o pecado como ele é, passamos a odiá-lo. As Escrituras vão muito além disso: “*Ali, vos lembrareis dos vossos caminhos e de todos os vossos feitos com que vos contaminastes, e tereis nojo de vós mesmos, por todas as tuas iniquidades que tendes cometido*” (Ezequiel 20.43). Quando virmos realmente o que é o pecado, ao invés de nos sentirmos vítimas, iremos nos desesperar, arrependendo-nos e clamando pela misericórdia de Deus.

De uma vez por todas, devemos entender que o pecado não é apenas uma fraqueza ou um vício pelo qual somos responsáveis. É um antagonismo energético e determinado contra Deus. Ou seja, o pecado é rebelião total contra Deus. O pecado destronaria Deus, mataria Deus, destruiria Deus, se ele pudesse. Todo pecador é, em natureza, inimigo de Deus.

Abnegação da mensagem de Cristo

Se já comprovamos, neste livro, que a mensagem que precedeu o evangelho foi a mensagem de arrependimento, que a mensagem que Jesus e seus discípulos pregaram foi arrependimento e que é a pregação que Jesus mandou que pregássemos, o que nos dá o direito de desobedecermos a essas ordens ou fugir desse padrão de pregação evangélica? Temos esse direito? Podemos ser considerados pregadores do evangelho?

Gostaria, aqui, de compilar um trecho de uma matéria sobre pregação contemporânea de John MacArthur, para entendermos melhor esse terrível perigo de abandonar a pregação verdadeira e genuína do evangelho.

Por John MacArthur

“Você já percebeu como diversos comerciais de televisão não falam especificamente sobre os produtos que anunciam? Um anúncio de jeans apresenta um comovente drama a respeito da infelicidade dos adolescentes, mas não se refere ao jeans. Um comercial de perfumes mostra uma coletânea de imagens sensuais sem qualquer referência ao produto anunciado. As propagandas de cerveja são algumas das mais criativas da televisão, mas falam muito pouco sobre a própria cerveja.

Esses comerciais são produzidos com o objetivo de entreter, criar disposição e apelar às nossas emoções, mas não para transmitir informações. Com frequência, eles são os mais eficientes, visto serem os que fazem melhor proveito da televisão. São produtos naturais de um veículo de comunicação que promove uma visão surrealista do mundo.

A televisão mescla sutilmente a vida real com a ilusão. A verdade é irrelevante. O que realmente importa é se estamos sendo entretidos. A essência não significa nada; o estilo de vida é o que mais interessa. Nas palavras de Marshall McLuhan, o instrumento é a mensagem.

Amusing Ourselves to Death (Divertindo-nos até à morte) é um livro perceptivo, mas inquietante, escrito por Neil Postman, professor da Universidade de Nova Iorque. Ele argumenta que a televisão nos tem mutilado a capacidade de pensar e reduzido nossa aptidão para a verdadeira comunicação.

Postman assegura que, ao invés de nos tornar-mos a mais informada e erudita de todas as gerações da História, a televisão tem inundado nossas mentes com informações irrelevantes, sem significado. Ela nos tem condicionado apenas ao entretenimento, tornando obsoletas outras formas de interação humana.

Postman ressalta que até os noticiários são uma apresentação teatral. Jornalistas simpáticos relatam calmamente breves notícias sobre guerras, assassinatos, crimes e desastres naturais. Essas histórias catastróficas são intercaladas por comerciais que banalizam suas informações, isolando-as de

seu contexto. Em seu livro, Postman registra um noticiário em que um almirante declarou que uma guerra nuclear mundial seria inevitável. No próximo segmento da programação, houve um comercial do Rei dos Hambúrgueres. Não se espera que nossa reação seja racional. Nas palavras de Postman, os espectadores não reagirão com um senso da realidade, assim como a audiência no teatro não sairá correndo para casa, porque alguém no palco disse que um assassino estava solto na vizinhança.

A televisão não pode exigir uma resposta sensata. As pessoas ligam-na para se divertir, não para serem desafiadas a pensar. Se um programa exige que pensemos ou demanda muito de nossas faculdades intelectuais, ninguém o assiste.

A televisão tem diminuído o alcance de nossa atenção. Por exemplo, alguma pessoa de nossa sociedade ficaria de pé entre uma sufocante multidão, durante sete horas, para ouvir os debates dos candidatos a presidente da República? Sinceramente, é muito difícil imaginar que nossos antepassados possuíam esse tipo de paciência. Temos permitido a televisão nos fazer pensar que sabemos mais agora, enquanto, na verdade, estamos perdendo nossa tolerância na área de pensar e aprender.

Sem dúvida, a mensagem mais vigorosa do livro de Postman está em um capítulo sobre religião. Esse homem não-crente escreve, com profundo discernimento, a respeito do declínio da pregação. Ele contrasta a pregação contemporânea com o ministério de homens como Jonathan Edwards, George Whitefield e outros. Estes homens contavam com um profundo conteúdo, lógica e conhecimento das Escrituras. Em contraste, a pregação de nossos dias é superficial, com ênfase no estilo e nas emoções. Na definição moderna, a boa pregação tem de ser, antes de tudo, breve e estimulante. Consiste em entretenimento, não em ensino, repreensão, correção ou educação na justiça (2 Timóteo 3.16).

O modelo da pregação moderna é o evangelista esperto que exagera nas emoções, traz consigo um microfone, enquanto anda pomposamente ao

redor do púlpito, levando os ouvintes a baterem palmas, movimentarem-se e fazerem aclamações em voz bem alta, ao tempo em que ele os incita a um frenesi. Não existe alimento espiritual na mensagem, mas quem se importa, visto que a resposta é entusiástica?

É lógico que a pregação em muitas igrejas conservadoras não se realiza de maneira tão exagerada assim. Mas, infelizmente, até algumas das melhores pregações de nossos dias contêm mais entretenimento do que ensino. Muitas igrejas têm um sermão característico de meia hora, repleto de histórias engraçadas e pouco ensino. Na verdade, muitos pregadores consideram o ensino de doutrinas como algo indesejável e sem utilidade prática. Uma grande revista evangélica recentemente publicou um artigo escrito por um famoso pregador carismático. Ele utilizou uma página inteira para falar sobre a futilidade tanto de pregar quanto de ouvir sermões que vão além de mero entretenimento. Qual foi a sua conclusão? As pessoas não recordam aquilo que você pregou; por isso, a maior parte da pregação é perda de tempo. “Procurarei fazer melhor no próximo ano”, ele escreveu. Isto significa desperdiçar menos tempo ouvindo sermões demorados e gastando mais tempo preparando sermões curtos. As pessoas, eu descobri, perdoarão uma teologia pobre, se o culto matinal terminar antes do meio-dia.

Isto resume, com perfeição, a atitude que predomina na igreja moderna. Existe uma semelhança entre esse tipo de pregação e os comerciais de jeans, perfume e cerveja na televisão. Assim como os comerciais, a pregação moderna tem o objetivo de criar uma disposição íntima, evocar uma resposta emocional e entreter, mas não o de comunicar necessariamente algo da essência das Escrituras. Esse tipo de pregação é uma completa acomodação a uma sociedade educada pela televisão. Segue o que é agradável, porém revela pouca preocupação com a verdade. Não é o tipo de pregação ordenada nas Escrituras. Temos de pregar a Palavra (2 Timóteo 4.2); falar o que convém à sã doutrina (Tito 2.1); ensinar e recomendar o

ensino segundo a piedade (1 Timóteo 6.3). É impossível fazer estas coisas se nosso alvo é entreter as pessoas.

O futuro da pregação expositiva é incerto. O que um pastor sincero tem de fazer para alcançar pessoas que se mostram indispostas e incapazes de ouvir com atenção e raciocínio exposições da verdade divina? Este é o grande desafio para os líderes da igreja contemporânea. Não devemos nos render à pressão para sermos superficiais. Temos de encontrar maneiras de fazer conhecida a Palavra de Deus, a uma geração que não apenas recusa-se a ouvir, mas também não sabe como ouvir”.

A importância da pregação fiel

Não diferente de John MacArthur, Hernandes Dias Lopes segue a mesma linha quando diz:

“A palavra é o conteúdo da pregação. A palavra é a autoridade do pregador. A ordem de Deus é: pregue a palavra, e não sobre a palavra. A palavra é o conteúdo. O pregador não cria a palavra.

O pregador prepara o sermão, mas a mensagem é de Deus.

A mensagem emana do próprio texto.

O texto é o próprio conteúdo da mensagem.

De tal maneira que Deus não tem compromisso com a palavra do pregador, Deus tem compromisso com a Sua Palavra.

É a Palavra de Deus que não volta vazia, não a do pregador.

Só teremos o cumprimento dessa promessa, se pregarmos a Palavra, e não as nossas palavras.

A pregação é o instrumento que Deus estabeleceu para trazer seus escolhidos à salvação”.

Deus chama pela Palavra. Deus converte pela Palavra. Deus transforma pela Palavra. A fé vem pelo ouvir a Palavra. Então Deus salva pela Palavra.

É importante dizer que a pregação fiel das Escrituras, é o principal elemento que leva a pessoa ao conhecimento de Deus e de seus

ensinamentos.

A igreja aceita o popular evangelho da autoestima, autoajuda, e rejeita a terrível realidade do pecado segundo a Bíblia e, com isso, abre mão da pregação principal do evangelho, que é a pregação do arrependimento. Com isso, a única maneira que eles têm de tratar o pecado, é com meios carnais. Tratar o pecado com meios carnais é tratar um paciente em estado terminal de câncer com aspirina. O único tratamento aceitável para o terrível mau chamado pecado, é a pregação mais pura e bíblica de arrependimento.

Sobre a pregação bíblica, Hernandes Dias Lopes nos ensina algumas verdades necessárias como:

O que faz uma igreja ou pessoa crescer em Deus?

Para isso temos dois ingredientes bíblicos que fazem a igreja crescer. E são: oração e pregação bíblica fiel.

Quando olhamos para a igreja primitiva, vemos que eles cresceram, as pessoas cresceram em Deus, e usaram essas duas formas como base de seu crescimento.

A igreja primitiva era atacada com todas as forças e há pelo menos três. São elas:

No capítulo 4 de Atos: A perseguição de fora para dentro. Como a igreja responde? Com pregação e oração.

Muda-se a tática no capítulo 5 de Atos: Agora é a infiltração. Satanás introduz na igreja pessoas hipócritas, como Ananias e Safira. Como a igreja responde? Com pregação e oração.

Agora, no capítulo 6 de Atos, muda a tática de novo: Agora, é distração. Como a igreja responde? No capítulo 6.4 de Atos os apóstolos dizem: Nós nos consagraremos à oração e à pregação da palavra.

A oração e o ministério da palavra são os dois grandes elementos que levam uma igreja a um crescimento saudável.

Segundo Hernandes Dias Lopes, a receita para o crescimento saudável de sua vida e da igreja de modo geral é a oração e o ministério da palavra.

Em uma pesquisa feita com mais de 100 igrejas pela CEPAL, sobre crescimento saudável de igreja, a pergunta foi: “O que faz uma igreja, uma pessoa, crescer espiritualmente, saudavelmente, em números e qualidade?”

A resposta é simples. A pesquisa revelou que muitas igrejas crescem em números, mas as únicas que cresceram em números e qualidade espiritual, se davam ao fato da fidelidade nas duas práticas, que é oração e pregação fiel das Escrituras.

Hernandes Dias Lopes escreve que a pregação bíblica vai corrigir pelo menos quatro armas que atacam a igreja de modo geral.

1- Liberalismo

O liberalismo é fruto do iluminismo, do racionalismo. Consiste em quê? Ele chega com a colocação de que eu só posso aceitar como verdade o que minha mente entende.

A fé cristã é racional, mas também ultrapassa o natural, e o nome que damos a isso é viver o sobrenatural.

Fé é improvável, mas não impossível.

Você precisa estar firme nas Sagradas Escrituras para não colocar em dúvida Deus, a encarnação de Jesus Cristo.

Porém, fé é: Quando minha mente não pode ir além, eu creio. Isso é o justo viver pela fé.

A Europa, hoje, está morta para o evangelho, por causa do liberalismo.

Aonde o liberalismo chega, ele mata.

Têm muitos pregadores, líderes religiosos, flirtando com o liberalismo. Um liberal diz: Eu creio na Bíblia, mas não creio em tudo que está lá.

A única maneira de enfrentar o liberalismo é pregando a Palavra, entendendo a Palavra e praticando a Palavra, senão, vamos perder como a Europa perdeu.

2- Relativismo

O que isso quer dizer? Quer dizer que tudo depende do ponto de vista.

3- Ortodoxia morta

Há muitos que não pregam heresia, há muitos que não creem em heresias, há muitos que não praticam heresia, mas está faltando poder do Alto, falta virtude de Deus. Ortodoxia morta mata.

John Wesley disse: “*Põe fogo no seu sermão ou põe seu sermão no fogo*”.

Um homem disse: “*Nós estamos à procura de melhores métodos, Deus está à procura de melhores homens*”.

“*Deus não unge métodos, Deus unge homens*.”

“*Homens mortos tiram de si sermões mortos, e sermões mortos matam*.”

(Autores desconhecidos)

Nós dependemos do Espírito Santo. Essa palavra tem de ser pregada com fidelidade, mas no poder do Espírito.

“*Se o púlpito pegar fogo, os bancos também pegarão*.” Hernandes Dias Lopes

No entanto, não precisamos somente de pregação. Também não precisamos somente de virtude, avivamento, lágrimas, gritos.

Precisamos de pregação fiel e poder do Alto. Paulo resume isso em pequenas palavras: “Pregar no poder do Espírito, e profunda convicção”.

4- Superficialidade

O que é superficialidade? É falar, mas não falar com vigor, com afinco, é falar por cima, é mencionar, citar, querer dizer, mas não dizer, e ainda dizer “vocês têm de entender”.

É dar uma “sopa rala” para as pessoas, é uma pregação rala, que não acrescenta em nada no conhecimento e nem na espiritualidade das pessoas.

Pregação precisa ter relevância. Ovelha faminta é ovelha suscetível aos lobos. As heresias entram e nossos jovens e nossas igrejas se desviam para as

heresias porque, muitas vezes, falta, na igreja moderna, o alimento sólido e profundo da Palavra de Deus.

O cristianismo e a pós-modernidade

Ainda gostaria de tomar emprestado de uma forma compilada, a síntese que Hernandes Dias Lopes faz de nossos dias.

Segundo Hernandes Dias Lopes, estamos vivendo dias de uma ERA que chamamos de “Pós-Moderna”. O que isso significa?

Significa que:

- O idealismo não existe mais.
- Não tem mais utopia.
- Não tem mais cara pintada.
- Não tem mais vislumbres ideais.
- Ninguém reivindica direitos.

A moçada hoje quer viver apenas o hoje, quer ir ao shopping e comprar roupas de marca, ter tecnologia sempre de última geração e se divertir à beça. É isso que importa em nossa ERA.

E a pós-modernidade está fincada sobre um tripé, e são eles:

- 1º - Pluralização
- 2º - Privatização
- 3º - Secularização

O que seria isso?

Na pluralização, a ideia é a seguinte: você tem muitas ideias e muitos valores, e nenhum deles é absoluto.

É como ir ao supermercado comprar sabonete e lá ter 20 marcas diferentes de sabonete. Qual você compra? O mais caro, ou o mais cheiroso,

ou o mais bonito, ou o mais barato, ou o que a propaganda seja mais eloquente. Não importa muito.

Então, na pluralização, afirmar que você crê em uma verdade absoluta é politicamente incorreto. Esse é o teor da pluralização. Por isso, hoje, não se pode fazer mais uma oração do “Pai Nossa” em uma classe de aula, pois ali estão pessoas de muitas outras religiões, e isso precisa ser respeitado. Então, a ideia do pluralismo consiste em respeitar a ideia do outro, já que a ideia do outro é tão importante quanto a minha. O mundo é plural, cada um tem a sua verdade.

Em um mundo plural, pregar uma mensagem absoluta é uma afronta ao homem com a mentalidade pós-moderna. Para nós, cristãos, o nosso maior problema, hoje, é que o evangelho que pregamos, que cremos e que vivemos, é uma verdade absoluta, e sem defendermos essa fé absoluta, não teremos mais evangelho.

Jesus não é mais um salvador, Ele é o salvador. Jesus não é uma verdade, Ele é a verdade. Jesus não é um caminho, Ele é o único caminho. Pregamos um absolutismo que não dá para mudar ou negociar.

E nesse mundo plural, as escolhas são privativas.

Consiste-se nessa ideia o seguinte: “O que eu faço, o que eu escolho é de minha responsabilidade. Tenho o direito de fazer ou escolher”, isso é privatização.

É claro que aí vamos entrar na discussão da homoafetividade. “É legítimo ou não, um homem morar com outro homem?” Veja que a crise está na mentalidade pós-moderna de privatização que diz: “A escolha é minha, vivo e faço o que eu quiser, a escolha é pessoal e ninguém tem nada a ver com isso”.

Notem que, no espírito pós-moderno da privatização, a Bíblia, que é completamente absolutista, começa a se chocar completamente com a cultura e os costumes desta ERA.

A Bíblia traz normas, traz um conjunto de regras que, para quem segue, é exclusivista, absolutista e imutável. Dentro do conceito pós-moderno não existe uma entidade regulamentadora ou normativa.

Veja o desafio de ser cristão em uma civilização dessa.

Essas duas “pernas” nos levarão, em consequência, à secularização.

E o que é secularização?

Secularização é a ideia de colocar Deus na lateral, é viver à mercê do evangelho, à mercê dos mandamentos, é ajeitar a sua vida sem Deus.

Porque se eu já estou vivendo os outros dois estilos de vida da ERA Pós-Moderna, que é a Pluralização e a Privatização, Deus não cabe mais na cultura, não cabe mais na história, não cabe mais na minha vida.

Talvez eu sirva a Deus no templo ou no culto, mas saí do templo, no dia a dia, vivo ao meu modo.

O mundo secular empurrou Deus para a lateral. Deus não tem mais espaço, nem vez e nem lugar em minha civilização. O mundo é secular. É nesse mundo que temos o grande desafio de exercer nossa fé, nosso ministério.

Temos de pregar, anunciar, despertar. Mesmo sabendo que sofreremos com escárnios, zombarias e, até em lugares mais extremos, agressões morais ou físicas.

Está chegando o dia em que o cristão fiel não terá mais como viver nesse mundo, e é aí que eu creio que só restará uma alternativa: Jesus vir buscar seu povo fiel, que não manchou as suas vestes e permaneceu fiel até o fim.

Capítulo Dez

SEIS MENTIRAS DA IGREJA MODERNA

Hoje, no Brasil, estamos vivendo um crescimento exponencial do número de evangélicos. Já somos mais de 50 milhões de evangélicos em nossa nação. Porém, esse número expressivo não mostra, em nada, o crescimento de um grande avivamento.

Vamos fazer alguns testes aqui para percebermos se o que cresce no Brasil é realmente o evangelho de Jesus.

Vamos às sete mentiras da igreja moderna.

1^a - Todos os pecados são iguais perante Deus.

Esta mentira é grotesca e também muito séria, mas vamos analisar, à luz da Palavra de Deus, que existem, sim, pecados diferentes uns dos outros perante Deus.

De Jesus a Pilatos (João 19.11) “*Aquele que me entregou a ti é culpado de um pecado maior*”. A Bíblia fala de pecados que são para morte, e outros não (1 João 5.16). Julgamentos mais severos que outros (Lucas 12.47). Maior rigor no julgamento dos que ensinam (Tiago 3.1). Maior punição (Mateus 11.20 a 24). Maior consequência para aqueles que pecam intencionalmente (Levítico 4.1). Grande punição para os abusos de crianças (Mateus 18.6). Julgamento duplo para as pessoas religiosas que têm mais justiça própria

para si do que para os pecadores (Mateus 10.15; 23.15). Lucas 12.48 diz: “*Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez cousas dignas de reprevação, levará poucos açoites. Mas aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão*”. Se este princípio, como já dissemos, pode ser ligado a Romanos 2.12, poderíamos afirmar que haverá graus de punição para os perdidos. Quem teve muitas oportunidades terá castigo mais severo; quem teve poucas, castigo menos severo, e quem não teve nenhuma, castigo ainda mais brando.

Mais rigor para essa geração do que para Sodoma (Mateus 10.15; Lucas 10.10-12). Como Deus via cada pecado e suas punições separadas (Levítico 21.7 a 22).

A graça não mudou Deus. “Eu, o Senhor, não mudo”. A graça trouxe apenas benevolência, mas não irá aplacar o dia do juízo.

2^a - Posso fazer o que eu quiser, é só pedir perdão depois.

Aquele que diz: “Posso fazer o que eu quiser porque o sangue de Jesus me purifica”, é pior que o católico que diz “basta pedir perdão”.

O sangue de Jesus não é provisão para você praticar o pecado. Quando você usa da graça de Deus desse jeito, isso é chamado de rebelião (Hebreus 10.26). O sangue de Jesus não é um aerossol que passa e limpa o pecado.

O espírito da graça é: você pecou, era ignorante, mas entregou sua alma a Jesus e foi perdoado. Ultrajar o espírito da graça é abusar da misericórdia e da graça de Deus.

Não premedite o erro, afaste-se daquele que o faz pecar, que o leva a lugares que um filho de Deus não deve ir.

Já aprendemos que pedir perdão não traz perdão, arrepender-se traz perdão.

O simples ato de pedir perdão não quer dizer nada se o coração está frio e sem arrependimento para o ato.

3^a - A hiper graça.

Existe aqui alguns pontos e que quero destacá-los didaticamente com você sobre a hiper graça.

Este ensinamento da hiper graça é epidêmico. Entrou sorrateiramente sem ser percebido e fincou suas raízes como erva daninha – fácil de se arraigar e difícil de se arrancar dos crentes. Pessoalmente, tenho tratado com muitos jovens que antes viviam no fogo de Deus e caíram ou se desviaram do pensamento de Deus. Em vez de buscarem a Deus, estão festejando. Esta “imerecida liberdade”, se não for atacada e extirpada, se espalhará nas futuras gerações, formando uma geração de crentes morna espiritualmente porque trocou sua paixão por veneno.

É triste dizer que muitos pregadores dessa graça barata vivem em pecado e aliviam sua consciência pregando a respeito de um Deus amoroso que a todos ama e que nunca condena. Pregam sobre um Deus que não os julgará por sua conduta.

Judas confrontou os falsos mestres que “transformam em libertinagem a graça de nosso Deus” (Judas 4). Uma versão bíblica fala em “licença para a prática da imoralidade”. Nem todo pregador da hiper graça tenta achar um jeito de justificar seu pecado. Alguns realmente amam a Cristo, mas pregam a verdade mesclada com erros. Inegavelmente, falam verdades gloriosas sobre Deus, mas falam de maneira tão exagerada que anulam as advertências divinas, a ponto de afirmarem que as palavras de Jesus não se aplicam aos crentes da Nova Aliança. Esses pregadores da graça barata corretamente enfatizam que somos salvos pela graça e não por obras (Efésios 2.8-9); que quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós (Romanos 5.6-8); que somos agora santificados em Cristo (1 Coríntios 1.2); que o amor de Deus por nós não é baseado em nosso comportamento (Romanos 5.9-10); que começando no Espírito nossa perfeição não é alcançada por esforços humanos e que agora somos filhos e filhas de Deus, herdeiros com Jesus (Romanos 8.15-17) e mais! No entanto, ignoram um monte de textos bíblicos verdadeiros e tiram conclusões teológicas erradas.

Por exemplo, ensinam corretamente que Cristo morreu por nossos pecados, – passado, presente e futuro – mas concluem erroneamente que, como crentes, não mais precisamos lidar com o pecado (nem é preciso haver confissão e arrependimento, e que o Espírito Santo não precisa nos convencer de pecado).

Você já deve estar cansado de saber de mais um irmão que se desviou! Examine o trajeto desse crente e verá que ele tinha permissão para pecar, devido à maravilhosa liberdade da graça que prende as pessoas ao humanismo. A “hiper graça” é uma visão exagerada da graça de Deus.

O que devemos fazer?

Devemos, honestamente, listar os ensinamentos de todos os pregadores, – incluindo os meus ensinos – conferindo-os com a Palavra.

Por que temos tanto medo de confrontar as falácias dessa ímpia geração?

4^a - Devemos pregar mais o amor de Deus, e não o inferno.

Nada é mais questionador da Palavra de Deus do que o tema do inferno e da condenação eterna. Pelo fato de pregarmos um evangelho desequilibrado, – enfatizando o amor de Deus e ignorando sua ira; enfatizando sua misericórdia e ignorando sua justiça – não existe mais espaço para o inferno nem para o juízo final em nossa teologia. Por que Jesus usou uma linguagem forte para falar do fogo do inferno, sobre as pessoas chorando e gemendo e rangendo os dentes? (Veja Mateus 8.12). E por que ensinou que “*convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno*”? (Mateus 5.29). E por que outros escritores do Novo Testamento alertam-nos repetidamente a respeito da ira vindoura? (Efésios 5.1-6). Uma coisa é ficar debatendo a natureza exata do juízo final que aguarda os que rejeitam o evangelho e outra coisa é eliminar ou ignorar esse ensinamento. Qualquer tentativa de debater e tentar eliminar a natureza do juízo final, a questão permanece: O juízo é iminente, irreversível, tremendo e de consequências eternas.

Apocalipse 20.11-15 claramente adverte a respeito do grande Trono do Juízo. No entanto, mestres modernos tentam eliminar esse grande Dia. O resultado será devastador!

5^a - Reconciliação universal.

A ideia de uma reconciliação universal promove uma mentalidade de liberdade total, afirmando que, ao final, todos chegarão ao céu pela morte de Jesus Cristo na cruz. (Na realidade, o universalismo ensina que todos os caminhos levam a Deus). Haverá sofrimento no futuro, mas será apenas para purificar e não para punir, e que, no fim, todos serão salvos. Os proponentes da reconciliação universal apontam para os versículos que ensinam que Deus reconciliou consigo todas as coisas, “quer sobre a terra, quer nos céus” (Colossenses 1.20). E afirmam que assim como em Adão todos morrem, em Jesus todos viverão (Romanos 5.12-21).

Qual seria a sua reação se alguém tentasse lhe provar que Adolf Hitler estará no céu? Você gritaria: Blasfêmia! No entanto, este é um exemplo desse ensinamento que tem vindo como uma avalanche sobre a igreja. Acrescentese às camadas de lama que descem com as enxurradas outros dados e você verá que os fundamentos da fé estão deteriorados, e que, quando a tempestade vier, a casa ruirá.

6^a - Ecumenismo disfarçado de unidade.

Para mim, essa unidade moderna está disfarçada de Ecumenismo e de apostasia.

O que é unidade bíblica?

É quando professamos os mesmos credos, a mesma fé. É quando servimos o mesmo Deus. É quando estamos focados nos fundamentos da fé cristã.

Quando devemos ter unidade?

Quando professamos os mesmos fundamentos da fé não doutrinários, mas da fé tais como: Jesus é Deus, não adorarás outros deuses além de mim. A Bíblia é a Palavra de Deus, ela não apenas contém, mas é a Palavra de Deus. Cremos que Jesus, em breve, voltará, cremos na existência de céu e inferno, e que somente quem é lavado e remido no sangue de Jesus será salvo. Só Jesus pode perdoar pecados, somente Deus é infalível. Salvação somente em Jesus Cristo.

Quando não devemos ter unidade?

1º - Com pagãos.

O que é um pagão? É quem tem a prática de servir ou adorar muitos deuses, santos ou imagens. Isso é paganismo.

Unidade com esse tipo de religião não será unidade, será ecumenismo.

Para ter unidade, terá de misturar as crenças, e é nisto que consiste o ecumenismo, mistura de crenças para um bem comum.

2º - Com hereges.

Paulo deixa claro que não devemos e não podemos ter alianças com hereges.

3º - Com mundanos.

Não se assenta em rodas de escarnecedores. Não tem comunhão – unidade – luz com trevas. Você já percebeu que o mundo está se casando com a igreja?

Até as músicas mundanas não chamamos mais de mundanas, mas de músicas seculares. Ridículo.

Temos de voltar ao evangelho puro e simples de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Suba em um altar e pregue a Bíblia, não suas ideias. Pregue a Bíblia.

O evangelho de Jesus Cristo

Em 1 Coríntios 15.1-4, lemos assim: “*Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que credes em vão. Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: Que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras*”.

Nesta passagem, temos uma espécie de introdução ao Evangelho.

Se formos sensíveis, iremos notar que o maior evento da história da humanidade pode ser descrito apenas nesses quatro versos.

O que Paulo começa a nos ensinar aqui neste texto? Qual a importância de seu ensinamento aqui?

Vs 1a - Lembrar-se do Evangelho antes anunciado.

O que Paulo anunciou antes? Paulo já havia pregado o evangelho de Jesus aos coríntios e muitos se converteram, mas olha agora o que ele está fazendo. Ele está repetindo.

É interessante sempre repetir o evangelho de Jesus, repetir, repetir e repetir.

Dê uma olhada no resto do evangelho de Paulo. Ele constantemente repetiu o evangelho.

Quando as pessoas precisavam saber como ser salvas, ele proferia o evangelho.

Quando os cristãos precisavam andar em santidade, ele proferia o evangelho.

Quando precisavam ter mais amor, ele proferia o evangelho.

Quando precisavam aprender sobre generosidade, ele proferia o evangelho.

Quando precisavam aprender sobre perdão, ele proferia o evangelho.

O evangelho de Jesus foi o único ensino do ministério do Apóstolo Paulo.

“O maior crime do cristianismo moderno é tomar a mensagem de Jesus Cristo, e fazer dela uma pequena mensagem para novos crentes.”

“O que precisamos? Sim, de um povo que entenda o evangelho a tal ponto que não busque nada mais a não ser a pessoa de Jesus Cristo.”

Vs 1b - Vós recebestes o Evangelho e permaneceis.

Em dias atuais, não é difícil fazer as pessoas virem à igreja. Em dias atuais, não é difícil fazer as pessoas nos ouvirem. Não é difícil fazer as pessoas gostarem do que pregamos. Não é difícil fazer as pessoas repetirem uma oração, dizendo que querem Jesus no coração delas.

O grande desafio hoje é permanecer. A maior prova que você recebeu Jesus a algum tempo, ou anos atrás, é que você é melhor hoje, é mais santo hoje, mais cristão hoje.

A maior prova que você recebeu o Espírito Santo, é que você é tão cheio do Espírito Santo hoje como antes.

A pergunta que fica é: Você é mais crente hoje do que quando se converteu ao Senhor? Você é melhor hoje, ou piorou?

Vs 2 - Somos salvos pelo verdadeiro evangelho.

“Pelo qual também sois salvos, se o retiverdes tal como eu tenho pregado; senão é que credes em vão.”

O que aprendemos com isso?

Só o evangelho de Jesus traz salvação.

Não é de qualquer maneira que anunciamos o evangelho que irá trazer salvação. Tem a maneira certa de pregar, e uma única maneira.

Não é de qualquer maneira que somos salvos. Se não andarmos segundo os ensinamentos exatos de Jesus, estamos crendo em vão.

Vs 3a - Paulo não mudou nada.

“Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi.”

Paulo não mudou a mensagem de acordo com a cidade que ele pregava. Ele não ficou querendo dizer as coisas, fazendo rodeios. Ele dizia. Ele não alterou nada, não trouxe nada novo. Trouxe a mensagem como recebeu.

O Evangelho não pode ser mudado a despeito de cultura, tradição ou religião. Assim como está tem de ser anunciado, sem nenhuma alteração.

O que é crer no evangelho?

1-Vs 3b - Crer que Cristo morreu por nossos pecados, exatamente como a Bíblia diz.

Como as Escrituras dizem? “*Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*” (João 1.29). “*Ele levou sobre si as nossas dores*” (Isaías 53.1-5). “*Ele nos deu vida, estando nós mortos em nossos pecados*” (Efésios 2.5).

2-Vs 4 - Crer que Jesus morreu e ressuscitou, como dizem as Escrituras.

O grande engano nesse século é logo começarem a pregar que Jesus é apenas um exemplo moral. O engano do gnosticismo e sua bíblia gnóstica.

Jesus não é um profeta, ele não é apenas um exemplo moral, Jesus é Deus.

Cristianismo é crer que Jesus morreu, foi sepultado e ao terceiro dia ressuscitou, enviou o Espírito Santo Consolador e assim está conosco em espírito e em verdade e breve voltará. O que passar disso, não é evangelho.

A religião de Caim

A grande verdade é que o evangelho que vemos crescer no Brasil, hoje em dia, não é o verdadeiro evangelho, não é o evangelho do arrependimento, que transforma vidas, um evangelho que não dá ênfase à mensagem do retorno de Cristo e ao arrependimento de pecados, mas promove um culto ao ego, ao humanismo. É o que eu chamo de religião de Caim.

Em Gênesis 4.1-16, veremos o assunto sobre o verdadeiro culto a Deus.

Gênesis 1 até o 3 fala da criação do universo, da queda do homem, afastamento de Deus por parte do homem.

Gênesis 4 até o 11, fala como as coisas foram piorando em relação ao homem.

As quatro quedas na queda do homem

1^a - Chamamos a primeira de queda teológica.

Ele caiu perante Deus. Ele não teria mais relacionamento com Deus, isso seria então cortado. Ele caiu em relação a Deus. Ele perderia os privilégios que tinha perante Deus. Perdeu sua habitação no jardim. Tornou-se uma criação caída.

2^a - Chamamos a segunda de queda sociológica.

Veja Adão rompendo a comunhão com sua mulher: “A Mulher, que tu me destes, é a culpada”. Houve uma ruptura entre Adão e Eva.

3^a - Chamamos a terceira de queda psicológica.

Isso acontece quando a Bíblia fala da vergonha que Adão e Eva tiveram após o pecado, a ponto de se esconderem da presença de Deus.

4^a - Chamamos a quarta de queda ecológica.

A Bíblia diz que, por causa do pecado de Adão, a terra, que antes produzia só coisas boas, agora, iria produzir também cardos e abrolhos, que, na verdade, são espinheiros e ervas daninhas.

A terra que só tinha coisas boas passaria a ser um ambiente hostil e selvagem, também em consequência do pecado de Adão.

Em Gênesis 4, temos uma relevância na história, que muda o curso de tudo.

Veja bem: Caim e Abel vão participar de um culto ao Senhor. Os dois fazem um sacrifício de culto a Deus. Deus aceita Abel e rejeita Caim.

Por que Deus rejeitou o culto de Caim?

Muitos tentam responder essa pergunta. Existem algumas teses para essa resposta.

1^a - Deus não gosta de vegetais.

2^a - Deus não gosta de agricultores.

3^a - Deus queria sacrifício de sangue, por conta do pecado, e Caim não conhecia de Bíblia e foi rejeitado por Deus. Lembre-se, Caim e Abel serviam o mesmo Deus, estavam com as mesmas intenções, fazendo as mesmas coisas, tinham tudo em comum, mas Deus atentou para o culto de Abel e rejeitou o de Caim, e por quê?

É importante notar:

Dois irmãos, dois cultos, dois sacrifícios.

Uma mesma intenção, o mesmo Deus.

Algumas coisas aprendemos com isso:

Deus não aceita todo culto, não aceita todo louvor, não aceita todo sacrifício, não aceita toda boa obra, não aceita toda boa intenção. Há uma maneira certa de fazer. Fazer a coisa certa da maneira errada, vai se tornar uma coisa errada. Existe uma motivação certa para fazer as coisas para Deus. Independente do que você fez de bom para Deus, sendo boa obra, sendo um ótimo trabalho, se a motivação não for a correta, Deus não aceitará.

Voltamos à pergunta: Por que Deus rejeitou o culto de Caim?

Voltamos ao texto: Gênesis 4.1-16

Vs 3. Passado algum tempo, Caim trouxe, do fruto da terra, uma oferta ao Senhor.

Vs 4. Abel, por sua vez, trouxe as partes das primeiras crias do seu rebanho.

1º - Aquilo que é expresso.

Olhe a diferença entre as expressões. “Abel dedicou-se”, Caim não. Abel só não trouxe, como preparou do melhor, o que tinha de melhor. Caim apenas trouxe.

A grande diferença é que quando Caim trouxe uma coisa para Deus, ele trouxe qualquer coisa. Caim fez o que dava, o que tinha para o momento.

O que ele pôde fazer, e o que você pode fazer não é sacrifício. Sacrifício é esforço, é doer, é fazer além da conta. Para Abel, Deus só poderia ser adorado de fato através de um culto que valesse a pena. Já para Caim, Deus poderia ser adorado de qualquer maneira.

Mas, por que Deus fez a acepção entre Abel e Caim, se a Bíblia diz que Deus não faz acepção de pessoas?

2º - Deus não pode ser tolerado. Deus tem de ser amado.

Vs 4. Caim trouxe do fruto da terra.

Repare a diferença:

Abel trouxe as primícias, mas não bastassem as primícias, ele pegou as melhores partes – filé – dos animais.

Caim apenas trouxe os frutos.

A Bíblia não faz menção nenhuma ao que ele traz, apenas que ele traz. Isso é muito importante.

Caim tolerava Deus. Veja o tom dele com Deus sem nenhum temor: “*Acaso sou eu guardador das costas do meu irmão?*”

Mas por que Deus rejeitou Caim então? Caim não expressava Deus, Deus não era o centro para Caim. Caim tolerava Deus. Caim não se preocupava com a forma de adoração, era tudo de qualquer jeito. Caim fazia o certo, mas de maneira errada. O culto de Caim é um culto falso.

Quais são as marcas da religião de Caim?

1º - Deus não é primazia.

Você já parou para pensar que, hoje, não temos um evangelho Cristocêntrico?

Jesus não é a primazia do evangelho.

O Evangelho hoje é Antropocêntrico, não Cristocêntrico.

Qualquer religião, qualquer fé, qualquer música, qualquer pregação em que Cristo não é primazia, prioridade, é uma falsa religião, é uma religião de Caim.

Quando nós somos a prioridade, é porque nosso relacionamento com Deus não está bem.

Veja os sinais quando uma pessoa não está bem com Deus:

- a. Revolta
- b. Indignação
- c. Obstinação
- d. Orgulho

Deus fala: “Caim, por que você está revoltado?”

Deus fala: “Por que ficou indignado?”

Deus fala: “Faz de novo e, se o fizer bem, será aceito”.

Veja que Deus dá uma nova chance e, mesmo assim, a obstinação, o orgulho de Caim mostra a sua fraca relação com Deus.

2º - Cultos de qualquer maneira.

Santa ceia.

Batismos.

Pregações.

Louvor.

Liturgias.

Os bons costumes de um culto.

Deus é o Deus de festas.

Deus é o Deus de cultos.

Deus criou as liturgias.

Não podemos fazer os cultos para Deus de qualquer maneira.

Temos de voltar ao culto a Deus.

Até mesmo o lugar de culto não é respeitado mais.

É fato que nós somos templo, mas vejamos, na Bíblia, que Deus se importa com o local de culto. Jesus surrou os bagunceiros do templo. Isso mostra que o local de culto é importante. Jesus disse: “*Minha casa será chamada casa de oração*”. Notem, será chamada, tem de ser chamada hoje ainda, não é só um prédio, é uma casa de oração.

Toda vez que os apóstolos iam ao local de oração, a Bíblia chama de templo.

Desprezar as coisas de Deus é um perigo terrível. Talvez tenha sido assim que Caim pensara: É para Deus. Deus não precisa disso ou daquilo.

Podemos fazer assim, ou assim, vamos fazer do nosso jeito.

Deus quer de um jeito as suas coisas, sua obra, suas mensagens, suas músicas. Tem uma maneira certa de fazer as coisas para Deus.

3º - A religião de Caim é uma religião sem arrependimentos, porém com piedade de si mesmo.

Veja as palavras de Caim: “*Por acaso eu sou protetor das costas do meu irmão?*” Ele também diz: “*Quem me encontrar vai me matar*”. “*Meu castigo é muito maior que posso suportar*”, ou seja, é duro, não mereço isso.

A religião de Caim é uma religião de vítimas, não de pecadores:

“Coitado do povo.”

“Você, que está sofrendo.”

“Você, que está doente.”

“Você, que precisa de ajuda.”

Mas não dá ouvido a algo do tipo:

“Você, que está em pecado, venha para encontrar o perdão do Senhor.”

A religião de Caim não prioriza o arrependimento. O arrependimento é a principal pregação do evangelho. O arrependimento é a primeira pregação

do evangelho. O evangelho começa com “Arrependei-vos”.

Será que vemos sequer uma sombra de arrependimento no que chamamos, hoje, de evangelho? Os cristãos se arrependem hoje, eles sentem ou veem essa necessidade ou estão buscando o bem-estar próprio em sua fé?

4º - A religião de Caim não prioriza a santidade e o temor do Senhor.

Caim não se importou e nem levou em consideração algumas coisas importantes. O sacrifício era para Deus, o louvor era para Deus, o culto era para Deus a pessoa com quem ele gritou era Deus, a pessoa que ele desobedeceu era Deus. Caim não teve temor, nem respeitou a santidade de Deus, faltou com reverência a Deus. Mas, e Deus?

Lembre-se, a religião de Caim cultua a Deus, mas de maneira errada.

A religião de Caim está fazendo as mesmas coisas que a verdadeira religião faz. A religião de Caim é voltada para o homem. A religião de Caim é egoísta. A religião de Caim, não prioriza Deus. A religião de Caim não tem temor pela santidade de Deus. A religião de Caim não respeita as liturgias de Deus. A religião de Caim não valoriza o arrependimento, mas valoriza a autoridade. A religião de Caim vê homens como vítimas, não como pecadores.

Deus procura Caim quatro vezes:

Primeira: Por que você está furioso, Caim?

A maneira de Deus em lhe dar mais uma chance é uma maneira desesperada de ver o arrependimento do erro.

Segunda: Onde está Abel, Caim?

Terceira: O que foi que você fez?

Quarta: O sinal que Deus colocou em Caim é um sinal de proteção.

Em todas essas situações, vemos a manifestação da graça de Deus.

Mesmo com todas essas manifestações do amor e misericórdia de Deus com Caim, ele não se arrepende.

Ele tem autopiedade, tem medo, e não temor. E, o pior, nem culpa, nem arrependimento.

Esse é o teor da religião de Caim. Eles não acreditam que Deus tem o direito de punir o pecador.

Olha o que Caim disse: “Essa punição é dura demais para mim”.

Com isso ele quer dizer: “Isso não é justo, o Senhor não pode fazer isso”.

Temos de voltar ao verdadeiro culto a Deus. Temos de temer as liturgias de Deus. Temos de voltar ao Evangelho puro e simples. Temos de parar de diluir o evangelho. Temos de parar de tratar as pessoas como vítimas, e tratá-las como pecadoras.

Jesus é o centro do evangelho, é o centro do culto, é a razão do louvor. O culto é para Jesus, sobre Jesus e de Jesus.

O que aprendemos com a religião de Caim?

Lembre-se, a igreja que vemos hoje é retratada por dois irmãos. Um promove o verdadeiro culto a Deus e é aceito. Outro promove um falso culto a Deus e é rejeitado. O que é aceito é assassinado por ter sido aceito. O que é rejeitado continua na sua saga de endurecimento.

O verdadeiro e o falso culto a Deus.

Caim e Abel iam juntos adorar ao mesmo Deus. Caim e Abel participavam do mesmo culto ao único Deus. Caim e Abel estavam fazendo as mesmas coisas ao mesmo Deus.

E por que Deus aceitou Abel e rejeitou Caim? Ora, Deus faz acepção de pessoas? Deus não faz acepção de pessoas, mas faz de fé e de intenção.

Exemplo de fé: Jesus disse ao centurião: “*Nem em toda Jerusalém vi tamanha fé*”.

Exemplo de atitude: Deus aceita a atitude de Abel e rejeita a de Caim.

Caim é o exemplo do falso culto a Deus. Caim é a prova que mesmo fazendo para Deus, não pode fazer de qualquer maneira.

Caim é a prova que, se não for da maneira e do jeito de Deus, pode até fazer certo, Deus não aceitará. Caim é a prova que as coisas para Deus têm de ser do jeito e da maneira dele.

Caim é a prova que Deus não muda, que com Deus não tem um “Jeitinho de Fazer”.

Parte do cristianismo, hoje, promove um culto falso a Deus, mesmo sendo ao Deus único e verdadeiro.

Se aparecemos na TV falando de Jesus, com mulheres seminuas atrás, dançando, Deus aceita?

Podemos falar de Jesus em altares pagãos?

Podemos misturar o santo com o profano? Caim e Abel, dois irmãos adorando ao mesmo Deus, e só um é aceito, é o retrato da igreja cristã, hoje.

Três erros da religião de Caim:

1º - Interpretação da Bíblia.

Caim interpretou erradamente a voz e a palavra de Deus. Custou caro.

O movimento moderno tem desprezado o conhecimento profundo das Sagradas Escrituras. Teologia não é o mais importante, mas muito importante.

Nunca despreze o conhecimento (Teologia), nunca despreze a oração (Paixão).

A verdade é que o cristianismo moderno não consegue ter equilíbrio.

Uns são apenas apaixonados e buscam apenas em montes, jejuns, intimidade, orações. Isto é muito importante. Outros buscam apenas nas letras, nas faculdades, no conhecimento. Isto também é muito importante.

Observe o que Paulo disse: “Dedique-se à oração e ao estudo das Sagradas Escrituras”.

Notem que a oração vem em primeiro, mas nada está entre a oração e o conhecimento.

Mas, qual a maneira certa de interpretar a Bíblia? A religião de Caim diz que não existem regras. Eles fazem suas regras, contanto que façam. Não levam a sério nada que é sério.

Cinco maneiras de interpretar a Bíblia:

1^a - O princípio literal.

Interpretar a Bíblia, literalmente, não é “literalismo escravizante e rígido”. Significa entender as Escrituras em sua lógica, sem “floreamentos”, levando em conta seus símbolos, suas parábolas, mas que não mudam o curso literal do sentido da Escritura.

A primeira coisa a ser entendida na interpretação da Bíblia é não tentar trazer revelações onde não tem, é ler de maneira simples e literal, dizer o que se lê, e lê o que se diz, sem nada acrescentar.

Não mude o curso do texto.

A revelação é o texto, não o que veio à sua mente. Ser um pregador literal é ser um pregador com exatidão da Palavra.

Ser um pregador literal da Palavra sem pseudor-revelações pessoais é trazer glória para as sagradas palavras de Deus.

2^a - O princípio histórico.

É necessário, ao leitor, conhecer o ambiente cultural e histórico do texto que leu. Isso muda muito o sentido do texto.

O conhecimento cultural, geográfico, político, no qual se insere a passagem, pode lhe trazer uma luz, a qual você não estava tendo.

Quando entendemos o contexto histórico, a passagem geralmente interpreta a si mesmo.

Para entendermos qualquer livro da Bíblia, temos de entender a história envolvida por trás dele.

No caso das epístolas, quais eram os costumes das pessoas, a política da cidade, quem governava, qual a geografia, como era a cultura? Tudo isso faz

a interpretação ter mais credibilidade.

Para adquirirmos isso, podemos usar dicionários, manuais, comentários bíblicos e historiadores do tema estudado em questão.

3^a - O princípio gramatical.

Com certa frequência, a construção gramatical de um texto é a chave para o seu entendimento.

Às vezes, o significado depende de uma formação tão simples com uma preposição. Isso mal lido muda tudo e, muitas vezes, é o que eles chamam de revelações.

Muitas vezes, é necessário cavar na raiz da palavra, indo ao original, para saber o que realmente está dizendo.

É importante saber se na expressão do texto encontra-se: “por causa de”, “por meio de”, “em”, “por” ou “com”. Essas expressões e preposições mudam completamente o sentido do que estávamos pensando a respeito do texto.

Já me perguntaram muitas vezes o que faço para preparar um sermão. Eu respondo. Gasto umas duas semanas ou mais confeccionando um sermão. Estudo todo o texto várias vezes, muitas vezes, incontáveis vezes. Vou cavar os originais do texto, hebraico ou grego. Vou cavar toda a parte histórica do texto. Daí, quando tenho tudo pronto, começo a construir o sermão.

4^a - O princípio da síntese.

Os reformadores gostavam muito de usar uma frase: “As Escrituras interpretam as Escrituras”. Isso quer dizer, as passagens mais obscuras devem ser esclarecidas sob a luz das passagens mais claras, e disso a Bíblia está cheia.

Se a Bíblia é a Palavra de Deus, ela deve ser coerente consigo mesma.

Só há uma explicação para a má interpretação da Bíblia: é o mau estudo dela. Deixe a Bíblia interpretar-se a si mesma.

Nenhuma parte da Bíblia pode contradizer a si mesma. Se não entendeu, leia muitas vezes, e logo você achará, na própria Bíblia, em textos mais

lúcidos, o que o obscuro não lhe deu a luz.

O princípio da síntese une uma parte da Bíblia à outra. Isso é lindo e maravilhoso.

Caso sustentemos uma parte da Bíblia incorretamente, vamos ter dificuldades em encontrar vários textos confirmando nossa vã interpretação.

Uma boa e verdadeira interpretação é fácil de ser defendida e encontrará repouso em muitos outros textos. Isso é a Bíblia interpretando a Bíblia.

As passagens óbvias devem interpretar as mais complexas.

É nisso que consiste o princípio da síntese.

Por isso é que doutrinas não podem ser formadas de textos isolados, textos únicos, mas têm de ter, no mínimo, de três a quatro textos confirmando claramente a mesma coisa.

Quando um pregador bíblico prega, geralmente ele guia a sua congregação a vários textos bíblicos, dizendo a mesma coisa, não cada texto dizendo uma coisa diferente da outra.

5^a - O princípio da aplicação prática.

Aplicação prática é a pergunta final: E agora, o que tudo isso tem a me dizer? A Bíblia Sagrada é aplicável, a pregação é aplicável e o texto é aplicável.

Nenhum pregador pode ser um contador de história. Deixe isso para as salas de aulas, não para as pregações. Pregação sempre irá exigir uma aplicação prática.

É na aplicação que a pregação se torna pregação, porque até então pode ser apenas uma aula, ou até um simples ensino, mas para ser pregação precisa de uma aplicação prática.

Toda a Bíblia é: 1-Ensino, 2-Repreensão, 3-Instrução, 4-Consolo. Essas quatro coisas se adquirem na aplicação prática.

2º - Pragmatismo.

Doutrina que toma, por critério da verdade, o valor prático. Para o pragmatismo é verdadeiro tudo o que pode ser feito com êxito. Para o pragmatismo, deu certo é o certo. Quem tem pragmatismo é aquele que toma o valor prático como critério da verdade.

Estamos assistindo uma avalanche de técnicas pragmáticas através dos instrumentos de marketing para produzir o crescimento numérico sem conteúdo e qualidade no corpo de Cristo. Não é errado buscar o crescimento da igreja, também não é errado usar o marketing, mas tem maneiras bíblicas e certas de fazê-lo.

Hernandes Dias Lopes traz clareza ao ensino, dizendo que devemos evitar dois extremos no ministério.

O primeiro extremo, podemos chamá-lo de “numerolatria” (A idolatria dos números). No pragmatismo, temos como base esse extremo da “numerolatria”. O perigo no pragmatismo da “numerolatria” é: “Eu não procuro a verdade, eu procuro o que funciona. Eu não pergunto se isso é certo, eu pergunto se isso dá certo”. Não, não podemos buscar o crescimento a qualquer preço. Temos de buscar o crescimento à maneira de Deus, aos moldes de sua Palavra. Não podemos sacrificar a verdade para ver nossas igrejas crescerem. Os “numerólatras” perguntam: O que funciona, ou que o povo quer ouvir, ou que dá status, ou que dá ibope, ou que traz gente? Hoje, a verdade não é mais o que conduz a igreja, é o que funciona. Isto está errado. Nem todo crescimento numérico expressa o propósito para o que Deus quer. O crescimento que Deus quer, é um crescimento saudável. E o crescimento saudável tem suas características. São elas:

- Ele é produzido pela pregação e exposição fiel das Sagradas Escrituras.
- Ele é produzido por campanhas de jejuns e oração.
- As pessoas, nesse crescimento, buscam a santificação e o conhecimento de Deus.

- A ênfase está em Deus, e não no crescimento, em um lugar onde o crescimento numérico é saudável.

O segundo extremo, podemos chamá-lo de “numerofobia” (O medo dos números). Às vezes, nós queremos achar justificativas para nosso fracasso ministerial e dizemos: “A igreja não irá crescer mesmo, somos um pequeno rebanho mesmo”. Não existe sucesso estéril.

Rick Warren em uma colocação em seu livro “Uma igreja com Propósito”, diz assim:

Pergunta errada: O que eu devo fazer para a igreja crescer?

Pergunta certa: O que está impedindo a igreja de crescer?

A Igreja é um organismo vivo, ela se autodesenvolve. Paulo diz: “Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento vem de Deus”.

Deus colocou na própria igreja seu mecanismo de crescimento.

Se sua igreja não está crescendo, não é porque faltam estratégias pragmáticas para tal, é porque algo está impedindo-a de crescer.

Se uma igreja para de crescer ou não está crescendo, é porque existem alguns sintomas de doenças que precisam ser diagnosticados e tratados.

3º - Interpretando erroneamente a graça de Deus.

Veja o texto de Gênesis 4.9: “*E disse o Senhor a Caim: Onde está Abel teu irmão? E ele disse: Não sei: sou eu guardador do meu irmão? E disse Deus: que fizestes? A voz do teu irmão clama desde a terra. E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão. Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra*”.

Observe o que Caim diz sem demonstrar nenhum arrependimento:

Vs 13 e 14 – “*O que eu fiz é tão grave assim, que eu não possa ser perdoado? Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e vagabundo na terra, e será que todo o que me achar me matará*”.

Veja a graça de Deus:

Vs 15 – “O Senhor porém disse-lhe: Portanto, qualquer que matar a Caim, sete vezes será castigado. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o achasse”.

Veja os sintomas:

- Sem arrependimento.
- Interpreta erradamente a graça de Deus.

Eu chamo isso de “a tragédia da graça moderna”.

A religião de Caim tem problemas em compreender as coisas de Deus, e uma delas é interpretar o seu amor e sua graça.

Capítulo Onze

ACERTANDO O PECADO EM CHEIO

Em Romanos 8.13 lemos assim: “*Porque, se viverdes de acordo com a carne, certamente morrereis; no entanto, se pelo Espírito fizerdes morrer os atos do corpo, vivereis*”.

Os cristãos têm duas obrigações. Uma é mortificar a carne e a outra é viver no Espírito. Uma coisa puxa a outra. É claro que Paulo não está sugerindo, aqui, que alguém consiga obter vida por méritos, ou algum favor de Deus pelo ato da mortificação. Mas Paulo está dizendo que isso é característica de crentes verdadeiros que mortificam os atos do corpo. Nada é mais natural para um cristão nascido de novo, que mortificar os atos do corpo, por meio de vida no espírito. Não podemos afagar nosso pecado. Devemos tratá-lo com rapidez e de um modo severo.

O que é mortificação?

Mortificar significa: Suprimir ou extinguir. Portanto mortificar o pecado é mortificar, é suprimir os nossos atos pecaminosos. Isso fala de resistir ao pecado, nem que doa.

O escritor de Hebreus fala exatamente desse ato de mortificação, de suprimir os atos de pecados. Hebreus 12.4 diz: “*Na sua luta contra o pecado, vocês ainda não resistiram a ponto de derramarem o próprio sangue*”. Esse

texto deixa claro que a maioria de nós não luta contra os pecados de maneira correta. E qual é a maneira correta? Resistir, nem que derrame o próprio sangue. Isso fala de sentir dor pelo pecado, gritar, gemer, mas não pecar.

Mortificar o pecado é abafar, é sufocá-lo. E fazemos isso, lutando contra as vontades da carne. Abafa-mos e sufocamos o pecado quando fazemos o contrário do que o carne pede. É isso que significa mortificação.

A Bíblia oferece vários planos e formas para mortificar o pecado.

Nosso crescimento na graça depende muito da obediência a esses deveres de mortificação da carne e do pecado que subsiste na carne.

Vamos aos passos bíblicos de mortificação da carne:

1. Abstenção das paixões carnais.

Pedro escreveu em 1 Pedro 2.11: “*Amados, exortovos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais, que fazem guerra contra a alma*”.

Você quer mortificar as paixões carnais que entram em seu coração? Então, pare de se interessar por elas. É fato que, aqui, Pedro não prescreve um programa terapêutico. Não sugere que tal pecado deve ser tratado como um vício. Pedro simplesmente diz: Afaste-se, abstenha-se. Nem que isso doa, você deve se afastar de seu vício, de seu pecado de estimação.

Pedro está dizendo: Afaste-se dessa paixão carnal, desse pecado de estimação, ou ele vai afastá-lo de Deus. Não existe nada na Bíblia que diz para eu levar meu pecado a Deus, e pedi-lo que me liberte que, tendo fé, Ele fará. A Bíblia simplesmente diz: Fique longe, afaste, pare de pecar agora.

Em Efésios 4.28 Paulo fala o seguinte: “*Aquele que furtava, não furte mais*”. Apenas isso, pare de roubar, pare de adulterar, pare de mentir.

Não há ensino na Bíblia mandando você levar seus pecados a Deus e pedir ajuda. A Bíblia manda você parar de pecar e pronto, ou seja: A parte mais óbvia e prática de mortificar o pecado é deixar de praticá-lo. Isso vai

doer, vai levá-lo aos prantos, aos gritos talvez, mas é exatamente disso que se trata a mortificação.

2. Não alimente a carne.

Em Romanos 13.14, Paulo escreve: “*Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para carne no tocante às suas concupiscências*”. Em outras palavras, simplesmente se recuse a se acomodar às paixões carnais. Por exemplo, se você sabe que sua fraqueza é sexualidade, evite filmes ou cenas picantes, ainda que você esteja sozinho. Se o seu problema é o temperamento explosivo, evite discussões. Se você não quer cair, evite andar por terrenos escorregadios. Jamais esteja pronto para a possibilidade de pecar. Você deve evitá-lo, não esperar por ele.

3. Coloque seu coração em Cristo.

O apóstolo João escreveu, em 1 João 3.2-3: “*Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhante a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro*”.

O Salmo 135.15-18 diz: “*Os ídolos das nações são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca e não falam; têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem; pois não há alento de vida em sua boca. Como eles se tornam os que os fazem, e todos os que neles confiam*”.

Se o pagão se torna semelhante aos deuses sem vida que adora, nós nos tornamos semelhantes a Cristo.

4. Medite na Palavra de Deus.

O salmista escreveu, em Salmo 119.11: “*Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti*”.

O Senhor disse a Josué, em Josué 1.8: “*Não cesses de falar desse livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhais cuidado de fazer segundo*

tudo quanto nele está escrito, então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido”.

Quer ser bem-sucedido na batalha contra o pecado? Familiarize-se com a Palavra de Deus, medite nela dia e noite, deixe que ela seja a lâmpada para os seus pés e luz para os seus caminhos.

Jesus orou, em João 17.17: “*Pai, santificai-vos na verdade, e a tua palavra é a verdade*”. Essa é a arma de Deus para nos santificar, a sua Palavra. A meditação na Palavra de Deus é a arma que despedeça a carne.

5. Orai sem cessar.

Jesus disse, no Getsêmani, aos seus discípulos, em Lucas 22.40: “*Orai, para não cairdes em tentação*”.

E mais tarde, ao encontrá-los dormindo, repreendeu-os, dizendo, em Mateus 26.41: “*Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca*”.

A oração precisa ter dois ingredientes para que seja eficaz na mortificação de nossos pecados, e são: Arrependimento e confissão. A oração é uma forma necessária e eficiente para interpretar as tentações, antes que elas possam nos atingir. A oração é o mais duro golpe na carnalidade. A oração tanto nos fortifica, como, ao mesmo tempo, enfraquece a carne e o pecado.

6-Vigiai e orai.

Identifique as circunstâncias que o levam a pecar, e ore pedindo força para enfrentá-las. Ore, pedindo o óleo santo, vindo da parte de Deus, contra o pecado. Ore para que Deus lhe mostre a condição real do seu coração pecaminoso.

O salmista fez esta oração pela santificação em Salmo 19.12-14: “*Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão. As palavras dos meus*

lábios e o mediador do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, Rocha minha e Redentor meu”.

Quando um pecado não é mortificado?

1º - O pecado não é mortificado, quando é encoberto

Entenda! Você não pode esconder seus pecados para dentro de seus pensamentos. Deus vê, ouve e sente os nossos pensamentos. Não adianta você não cometer seus pecados, se deseja-los. Você não mortificou seu pecado. Para Deus, você o praticou.

É isso que Jesus disse, em Mateus 5.21-28.

2º - O pecado não é mortificado quando é trocado por outro

Qual a vantagem em trocar a concupiscência da carne pela concupiscência dos olhos? Ou seja, trocar de pecado não é mortificar pecado, é apenas mudá-lo de forma.

3º O pecado não é mortificado, até que sua consciência seja tranquilizada

Em 1 Timóteo 1.5, Paulo diz: “*O amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia*”.

Enquanto a consciência permanecer suja, afetará nosso testemunho. Aqueles que tentam fugir da culpa não confessam adequadamente o seu pecado, portanto, não podem ser limpos e totalmente perdoados.

4º - O pecado não é mortificado, somente quando é reprimido

Devemos trabalhar com nosso pecado corajosa-mente, acertando-o em cheio. Subjugá-lo um pouquinho não é suficiente. Devemos tratá-lo como um inimigo mortal que, de fato, ele é. Essa é uma tarefa para toda vida.

POSFÁCIO

MISERICÓRDIA E GRAÇA

O amor de Deus não para no amor de Deus. O amor é maravilhoso, mas precisa ser expresso para ter sua forma.

O amor de Deus tem duas expressões, e são elas: Misericórdia e graça. Amor é fonte, misericórdia é ponte e graça é corrente. A graça deve sair da fonte do amor e passar sempre pela ponte da misericórdia. O amor é a fonte, a graça é resultado e, no meio da fonte e do resultado, está a misericórdia. Toda vez que o amor é expresso, torna-se graça e misericórdia. O amor é algo em Deus, a graça e a misericórdia são algo por Deus e de Deus. O amor de Deus seria apenas algo abstrato, mas é sua graça e misericórdia que tornam esse amor concreto. É quando o amor de Deus vem até você que ele se torna graça e misericórdia. Por exemplo: Você pode ter pena de uma pessoa,vê-la com fome, doente, mas se você não ajudá-la, seu amor é abstrato. É na hora que você sai daquilo que estava somente dentro de você que o seu amor se torna concreto, e isso é graça e misericórdia.

A grande diferença entre amor e graça, é que o amor é interior, e a graça é exterior. O amor é um sentimento interno, e a graça é um ato externo. Amor é sentimento, graça é ato. É quando o amor se transforma em ato, que ele ganha outro nome, graça e misericórdia.

Definição de graça e do amor de Deus

1º - Graça não é apenas um ato de amor

Devemos acrescentar algo mais a apenas isso, graça é um ato de amor a um necessitado, não apenas um ato de amor.

A Bíblia diz que Deus ama seu Filho Jesus, mas não tem elemento da graça nesse amor. Jesus nunca precisou da graça do Pai, mas o Pai o ama. Ninguém pode dizer que Deus trata com graça o seu Filho Jesus. Obviamente, Deus ama os anjos, mas não encontramos atos da sua graça aos seus anjos. Ninguém pode dizer que Deus revela, ou revelou, ou revelará sua graça aos seus anjos. A graça é uma manifestação do amor de Deus, mas somente para necessitados. Jesus disse: “*Os são não precisam de médicos, eu vim para os doentes*”. Isso é o amor em movimento, é o amor saindo do abstrato e se tornando concreto. Agora, veja: se o pecador não vê seu pecado, não se sentirá pecador, então não achará que está doente, então não precisa do médico, no entanto, Deus amará esse pecador, mas não significa que veremos nele atos da graça de Deus.

O pecador precisa clamar: Jesus estou perdido, salva-me. Aí o amor que Deus já tem por ele, tornar-se-á um ato de sua graça. Portanto, dizer que Deus ama o mundo, é algo abstrato, isso quase não significa muita coisa, porém, quando lemos e dizemos: “... *Para que todo aquele que crê em Jesus, não pereça, mas tenha a vida eterna*” , aí, sim, isso muda completamente. Agora é o amor de Deus em movimento pelo pecador. O amor de Deus é uma mera especulação, se não tiver o ato da sua graça.

Quando o amor flui no mesmo nível que amor, é somente amor. Mas quando ele flui para o caído, para baixo, é graça. É quando existem perdas ou faltas que o amor passa a ter atos de graça. Jesus nem os anjos têm perdas ou falhas, por isso não têm necessidade do Pai manifestar graça. Por isso é que só existe amor.

2º - A graça é maior que o amor.

Embora a Bíblia dê muita ênfase ao amor de Jesus, ela dá mais ênfase à sua graça. A ênfase na Bíblia está no amor de Deus e na graça do Senhor Jesus, e não na graça de Deus e no amor do Senhor Jesus.

Veja 2 Coríntios 13.14: “*O grande amor de Deus Pai e a graça do Senhor Jesus*”. E por que essa é a ênfase correta? Porque foi em Jesus que o amor se tornou graça. Jesus é a graça, é o amor concreto e não abstrato. Foi Jesus que concretizou o amor e efetuou a graça. O amor de Deus tornou-se graça quando o ato foi consumado na cruz.

A Bíblia diz, em João 1.17: “*A lei foi dada por intermédio de Moisés, mas a graça veio por meio de Jesus Cristo*”.

3º - A graça não é dada para o mundo, é dada somente para filhos.

Talvez alguns não saibam, mas não são todos os que Deus ama que são filhos de Deus. E quem são os filhos de Deus, segundo as afirmativas das Sagradas Escrituras? João 1.12 diz: “*Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder, de serem chamados filhos de Deus, a saber todos que crerem no seu nome*”. Você percebeu que existe uma diferença entre criatura de Deus e filho de Deus? Filho de Deus é quem recebe o sacrifício de Jesus por ele na cruz.

É preciso receber Cristo, para ser chamado filho de Deus, do contrário, você é apenas uma criatura de Deus. E em Jesus, somos filhos por adoção, é como se não fossemos filhos, mas por causa de Jesus, fomos adotados por Deus como filhos.

Em Efésios 1.5 lemos assim: “*E em seu amor, nos predestinou para sermos adotados como filhos...*”

Portanto, se a salvação é a manifestação da graça a nós, então só recebem a graça os salvos, aqueles que recebem Cristo.

Veja João 3.16. Ele amou o mundo, mas só irá salvar quem crê em Jesus. Isso é graça, e ela se revela somente a filhos, somente para aqueles que recebem Jesus.

Definição de misericórdia:

Misericórdia é o ato mais corrente do Velho Testamento.

Com isso, não estou dizendo que não há manifestação da misericórdia de Deus no Novo Testamento, mas é fato que é um ato mais corrente da Velha Aliança. O canal para o amor fluir é ou a graça ou a misericórdia.

Agora, porque a misericórdia é um ato corrente da Velha Aliança, misericórdia é um conceito negativo, enquanto que graça é um conceito positivo. Misericórdia fala da pobreza de alma, de nossas quedas, de nossas perdas, enquanto graça fala da condição radiante da sua salvação, do aperfeiçoamento de Deus em nós. Percebeu o conceito negativo e o positivo? O sentimento que Deus tem para conosco quando estamos no mundo, caídos, sem conhecer Jesus, é de misericórdia. Mas o sentimento que Ele tem para conosco depois de salvo, é da sua graça. Ao salvo, Deus quer sempre manifestar sua graça, ao não salvo, Ele sempre revela sua misericórdia. Lembre-se que tanto graça como misericórdia são atos do amor de Deus. Ao salvo, seu amor desemboca em graça e misericórdia.

É isso mesmo, o salvo recebe amor e misericórdia, o não salvo recebe só misericórdia. Porém, Deus manifestar sua misericórdia, sendo ato de amor, não significa que ele irá se salvar, pois precisa passar por Jesus para ser salvo, e Jesus é o ato de sua graça.

Paulo diz: “*Porque a graça se manifestou, trazendo salvação a todos os homens...*”. Percebeu? A graça é que salva. Paulo diz, em Efésios 2.8: “*Porque pela graça sois salvos, por meio da fé*”. Está muito claro que sem a graça ninguém é salvo.

O sentimento de Deus para conosco, quando não somos salvos, é de misericórdia, para os salvos é GRAÇA. A obra que Deus realiza em nós para nos fazer seus filhos, é graça. A misericórdia surge da nossa condição existente, a graça surge da obra que iremos receber. Misericórdia é puramente amor, graça é amor em movimento, é amor em ação.

Por exemplo, misericórdia é você olhar para o mendigo com os olhos lacrimejando e sentir a dor dele, e dizer: “Poxa, sinto a dor dele”.

Graça é também sentir a dor dele, mas pegá-lo, ajudá-lo. Isso é amor em movimento. É nesse sentido que digo que misericórdia tem um sentido negativo. O que Jesus revelou ao povo, antes da cruz, foi misericórdia.

O cego gritou: “*Filho de Davi, tem misericórdia de mim*”.

Eu não posso pedir que o Senhor me ame, mas posso pedir que tenha misericórdia de mim e, pela sua misericórdia, me conceda sua graça. Se tivesse somente amor, ainda nos sentiríamos atemorizados de ir até Ele, mas sabemos que tem graça e misericórdia, por isso podemos nos chegar a Ele.

Vejamos o texto de Efésios 2.4-5, que diz: “*Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou...*”. Paulo diz que Deus é rico em misericórdia por causa de algo, e esse algo, é seu amor. Sem o seu amor, não haveria misericórdia. Em qual situação Ele foi misericordioso para conosco? Ele foi misericordioso quando estávamos mortos em nossos pecados e delitos. E por estarmos em pecado e mortos, é que Ele foi misericordioso. O verso 8 nos mostra que depois de sua misericórdia, Ele nos salva pela graça.

Em 1 Timóteo 1.13, Paulo diz: “*A mim que noutro tempo era blasfemo e perseguidor insolente, mas obtive misericórdia, pois fiz na ignorância, na incredulidade*”. Você percebeu que o fato de Paulo haver recebido misericórdia, tinha a ver com o fato da vida que ele vivia? Ele diz: “Eu era blasfemo e incrédulo”.

A Tito, Paulo diz assim: “*Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou*” (Tito 3.5). Não há justiça em nós, enquanto estávamos sem justiça. Enquanto estávamos em uma situação de desesperança, Deus teve misericórdia de nós. E quando ela se estende, transforma-se em graça, então somos salvos.

Em Romanos 11.32, Paulo diz: “*Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos*”.

Por que Deus encerrou a todos na desobediência? Foi para que nós também pudéssemos mostrar misericórdia a todos.

Deus não encerrou a todos na desobediência, para tornar todos desobedientes, mas para que ele manifestasse sua misericórdia para com todos. E após ter mostrado misericórdia, seu próximo passo foi salvá-lo. Portanto a misericórdia tem a ver com sua condição, e não a condição após você ter sido salvo.

Como a misericórdia de Deus se revela?

1º - A misericórdia é precedida por mostrar ou ter.

Misericórdia é algo que é mostrado. A Bíblia sempre diz: “Deus quis mostrar misericórdia”. Ela não diz dar misericórdia, mas sim mostrar misericórdia. Isso porque a misericórdia não requer nosso fazer.

2º - Você não precisa crer para Deus mostrar misericórdia.

Lembre-se que misericórdia é dada a todos os homens, crentes e não crentes.

Em Romanos 9.15, Paulo diz assim: “*Terei misericórdia, de quem eu quiser ter misericórdia, e terei compaixão de quem eu quiser*”. Percebeu? É algo que ele faz se Ele quiser, não depende da minha fé, se sou bom ou mau. Depende d’Ele. Portanto, a graça se revela quando cremos em Jesus. “*Porque pela graça sois salvo por meio da fé*” (Efésios 2.8). “*Para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna*” (João 3.16b).

Não se iluda, Deus o ama, e não importa se você o tem ou não. Não importa se você se entregou a Jesus ou não. Ele o ama.

No entanto, o amor por si só é abstrato, não quer dizer muita coisa. Mesmo você rejeitando Jesus, Ele mostrará misericórdia. Curá-lo-á algumas vezes, terá piedade algumas vezes, protegerá algumas vezes, mas, o amor só se tornará algo concreto quando a graça se manifestar. Ele não irá salvar somente pela misericórdia, irá salvar pela misericórdia e graça. Mas você só

recebe misericórdia e graça, quando diz sim a Jesus. Quando confessa com a boca e crê com o coração.

No amor do Senhor

Hernane Santos.